

## UMA GERAÇÃO ENTRE O *SIN* E O *NÃO*

ADRIANO ESPÍNOLA

Meu primeiro contato com a turma do chamado grupo SIN foi no longínquo ano de 1968, o tal ano que, segundo Zuenir Ventura, não acabou. Eu era um garoto que começava a amar os Beatles e os Rolling Stones - e a escrever os meus primeiros versos, quando resolvi participar de um concurso intercolegial de poesia. Tinha lá os meus 16 anos e estudava no colégio Castelo Branco. Começava a descobrir as primeiras espinhas na cara e a literatura, quando me mandei, junto com um amigo, para o auditório da Faculdade de Direito da UFC, para assistir à premiação dos poetas classificados. Sinceramente não acreditava que eu pudesse me colocar entre eles. Meu amigo, lembro-me, é que nutria esta esperança.

De repente, sobe ao palco o badalado poeta Pedro Lyra, que acabara de ganhar um importante prêmio nacional de literatura, com um ensaio sobre Augusto dos Anjos. Uma vitória assombrosa, sem dúvida, para um jovem de 22 anos e ainda mais do Ceará. Eu o acompanhava com admiração pelos jornais e a figura ali estava, meio mítica, quando começou a falar, no auditório, sobre os critérios utilizados pelos jurados na seleção dos poemas; falou também do nível geral dos mesmos - que não era lá essas coisas, com altos e baixos, mas que indicava um real interesse pela poesia por parte dos jovens secundaristas de Fortaleza. Pedro chama ao palco os outros jurados. Aparece, primeiro, um cara magrelo e espigado, chamado Linhares Filho que acabara de publicar um livro de poemas, *Sumos do Tempo*. Acompanha-o um sujeito baixinho e simpático, o Horácio Dídimo, autor de um livro de poemas recém-lançado, *Tijolo de Barro*. Alguém diz que eles fazem parte de um importante grupo de literatura chamado SIN. São universitários, escrevem nos jornais, publicam livros e movimentam a literatura local.

Vinte e cinco anos depois, eis que me surgem à frente Linhares Filho, Roberto Pontes e Horácio Dídimo, hoje meus colegas no Departamento de Literatura na UFC. O primeiro trazia um pacote nas mãos e um pedido; o segundo reportava-se a um ensaio jornalístico que fiz, há uns dez anos, sobre a literatura cearense contemporânea.

E o que queria Linhares Filho? Que eu fizesse o prefácio para a antologia do grupo SIN que, neste ano, comemora 25 anos de existência. Já?! perguntei-me de mim pra mim.

Era verdade. Senti o tempo voltar-se e dar o seu bote circular, oblíquo. Confesso que tive vontade de recuar. Explico. Primeiro, por não me sentir crítico suficiente para avaliar com imparcialidade e precisão a importância literária do grupo SIN e o valor individual de cada. Segundo, como macaco velho (não tão velho assim) não mete mais a mão em cumbuca, não iria mais me meter nessa, de prefaciando antologia. É um perigo. Já meti a mão em umas duas ou três, e o resultado foi que alguns poetas acharam que eu falei pouco, outros que não disse aquilo que eles queriam e uns terceiros, que eu não os elogiei bastante.

Relutei, mas não havia jeito. Peguei a maçaroca e fui pra casa. Deixei alguns dias ali, entocada, vendo se era mansa a cobra. Era, porque os poetas são bons. Se não...

Mas vamos à antologia. Falei em maçaroca - e é verdade. Tenho à vista um tijolo envolvendo uma porrada de poemas, biografias e vários textos críticos, publicados ou não, sobre a já extensa produção de seus autores - Barros Pinho e Horácio Dídimo, Leão Júnior, Linhares Filho, Pedro Lyra, Roberto Pontes, Rogério Bessa e Leda Maria, que disseram SIN. Sim, à poesia. Barroso Gomes e Sâncio de Azevedo aqui estão por pertencerem à mesma geração do SIN, havendo participado do volume *Mini-Sinantologia*, mas nunca integraram o grupo.

A primeira impressão é a de que os componentes do grupo continuam na ativa e prolíficos. Apesar de sua existência brevíssima - de apenas um ano, exatamente durante o famigerado ano de 1968 - o grupo só teve tempo de publicar uma *Sinantologia*, mas parece que - por terem vivido um momento de tão grande ebulição política e cultural - as baterias ficaram líricamente carregadas até hoje. Daí, o volume da produção.

É bom que se diga, entretanto, que o SIN logo se dissolveu devido, por um lado, às discordâncias ideológicas de seus membros e, por outro, à repressão e perseguições que se seguiram após a ditadura militar editar o sinistro AI-5. A partir daí, como se sabe, todo e qualquer agrupamento político, cultural ou literário tornou-se suspeito em potencial. Perigoso. O alvo dos militares era acabar com a cultura do País, silenciar os incômodos intelectuais, artistas e críticos do regime. Amordaçar e palavra, sufocar a criatividade, baixar o cacete na moçada mais rebelde e "subversiva".

Com a barra assim pesando, o grupo SIN - como de resto vários outros, senão a totalidade das agremiações culturais que existiam no Brasil - se desagregou na maior. Cada um agora na sua. A sobrevivência física de seus membros se impunha a qualquer outra, por mais poética que fosse. Assim, de bico e pena calados, cada poeta Sincrético buscou segurar-se nos seus empregos, amansando a musa. Juntar-se, jamais. A subversão por ventura ficaria agora a cargo tão-somente da própria palavra poética, conhecida detonadora da ordem semântica estabelecida, guerrilheira implacável do lugar-comum, inimiga jurada da Doxa, como diria Barthes, essa pegajosa vestimenta fascista que cobre as estruturas da própria linguagem, disfarçada no Bom-senso e Opinião-comum.

O SIN poético viu-se, pois, diante do Não político. Verdade que seus componentes, de um modo geral, nunca se empenharam pra valer em atividades politicamente revolucionárias. Alguns não passaram de simpatizantes do Partidão ou de qualquer outra facção mais ou menos radical. Seu compromisso foi mesmo com a palavra poética. Todos, fundamentalmente líricos, por maior que tenham sido as veleidades revolucionárias de um Pedro Lyra, de um Roberto Pontes ou de um Barros Pinho (o único, aliás, a se dedicar profissionalmente à oposição política, como vereador e deputado estadual). Embora em seus poemas chegassem a "denunciar" a problemática social do País e as injustiças do Capitalismo, os poetas Sincreticos, repito, foram e continuam sendo medularmente líricos.

Basta atentarmos para a dedicatória desta antologia ao poeta Antônio Girão Barroso, "o professor de poesia de todos nós". Ora, o Girão foi o poeta mais nefelibata que conheci nesta Fortaleza, "grávida", como ele diria, de poesia e tristeza. Boêmio por natureza, o poeta sonhava - como confessaria num artigo à revista *Clã* - "em passar a vida voando por cima dos muros". Não satisfeito, costumava afirmar que sua "prática era teórica". Poderia, pois, alguém ser mais desligado da necessidade de uma práxis revolucionária ou de uma intervenção política na realidade?

Com poucas exceções, todos se impuseram, ao longo desses anos, pela própria qualidade literária de seus trabalhos, independente de posicionamentos político - ideológicos ou de alguma circunstância biográfica, heróica ou não.

Outra importante impressão que resulta da antologia reside no aspecto plural, diversificado, com que os poetas elaboram seus textos. Quero dizer que o grupo SIN foi fiel ao seu programa de origem. Realizou efetivamente uma poesia SINcrética. Democrática. Libertária.

Aqui, podemos encontrar as experiências formais as mais diferentes. Há desde poemas concretistas, praxistas, passando pelo haicai, poemas-pílulas até chegar às formas fixas, às elegias, baladas e sonetos, sem falar nos poemas de versos livres, de sintaxe tradicional, com título e pontuação nos lugares e nos de sintaxe experimental, sem título ou pontuação alguma. Neste balaio tem de tudo.

Mas aí está, quero crer, a riqueza maior do grupo. Em primeiro lugar pela lição de liberdade que demonstrou, num momento histórico do País marcado pela radicalização de posições, quer no plano político quer no poético. O grupo não se fechou, não se enquadrou ideologicamente, não se alinhou de forma autoritária e programática, não buscou nos seus poemas um resultado social e imediato. Nem compactuou com a direita no poder nem se associou com os esperneios engajados da esquerda. No plano formal, não se fez excludentemente experimental ou discursivista; nem tampouco se mostrou de vanguarda ou tradicional. Sabiamente, democraticamente, juntou numa só proposta poetas de tendências formal-ideológicas as mais diversas. Fez-se, sim, SINcrético. Como aconteceu, por sinal, com a própria cultura brasileira, que desde o início soube fundir culturas e raças diferentes, num processo de mestiçagem único no mundo. No nosso terreiro, São Jorge e São Jerônimo convivem numa boa com Exu Tiriri e Vovó Conga. Saravá!

Em segundo lugar, a proposta do sincretismo poético da rapaziada de 68 me parece a mais interessante, não só em termos de literatura cearense, como até mesmo em termos de literatura brasileira, sem que, neste último caso, tenha obtido qualquer repercussão ou influência nos (des)caminhos da poesia brasileira como um todo, pela simples razão de que nossa cultura literária é periférica.

Assim, considerando a aparição do grupo no contexto da literatura alencarina, neste século, diríamos ter sido o SIN aquele que conseguiu uma amostragem mais concentradamente poética e diversificada, em comparação, por exemplo, aos grupos Maracajá (1929), Clã (1945) e Siriará (1979).

Primeiro, porque, em termos de criação, seus componentes se voltaram exclusivamente para a poesia (muito embora, alguns, mais tarde, tenham se revelado excelentes ensaístas). Diferentemente do Maracajá que, ao lado de Jáder de Carvalho, havia a romancista Rachel de Queirós; do Clã, que misturava os ficcionistas Moreira Campos, Fran Martins e Milton Dias com os poetas Artur Eduardo Benevides, Otacilio Colares e Antônio Girão Barroso; do Siriará, por último, que congregou ficcionistas e poetas indiferentemente.

No caso do SIN, havia só poetas; o que interessava era a poesia; a poesia múltipla, experimental e tradicional; a poesia polimétrica ou de versos regulares; a poesia de confissão ou de contestação; a poesia de ontem e de hoje. A poesia de sempre.

Em termos nacionais, vale salientar o fato de que o sincretismo do grupo cearense destoava, naquele instante, das polêmicas e disputas acirradíssimas que ocorriam, principalmente entre os grupos concretistas de São Paulo e os "participantes" violeiros de rua do Rio. Briga feia, que até hoje perdura. Entre nós, entretanto, essas brigas não prosperaram. Tais tendências poéticas diferentes, ao contrário, constituíram um sinal de enriquecimento da produção literária local, tanto que a motivação maior que aglutinou a turma de poetas do SIN, naquele instante, foi justamente reunir as múltiplas possibilidades do fenômeno poético brasileiro. Numa boa. Sem privilegiar esta ou aquela manifestação.

Assim, por exemplo, é possível observar, de um lado, a prática ostensivamente experimental de um Barroso Gomes concretista e haicaísta ou de um Rogério Bessa praxista e órfico, junto com a linha minimalista de Horácio Didi-mo. Ao lado desses, podemos sentir o sopro épico e participante de Roberto Pontes e Pedro Lyra, os quais também se mostram amorosamente líricos com *Memória Corporal* e *Contágio*. Nesse meio tempo, Leão Júnior persegue o tempo todo a carnadura do tempo, por meio de versos de rigorosa espacialização visual e semântica, enquanto Linhares Filho retoma a dicção grave dos poetas de 45, com algumas baladas e outras formas fixas, sentindo o momento e a voz das coisas, ao lado de Sânzio de Azevedo, sonetista exímio e versilibrista idem. Barros Pinho se apresenta numa contida linha participante e telúrica.

Fica claro, neste breve cotejo, o caráter marcadamente diversificado destes poetas, capaz de nos oferecer uma espécie de síntese das tendências mais significativas da poesia brasileira, nestes últimos 30 anos.

Não poderia, entretanto, deixar de comentar rapidamente a poesia de cada integrante da geração SIN nesta antologia.

Seguindo a ordem alfabética estabelecida pelo organizador, o primeiro nome que se apresenta é o de Barroso Gomes.

Pode-se dizer de saída que este poeta teve o mérito de introduzir na literatura cearense o haicai, no momento em que só se conheciam por aqui os do paulistano Guilherme de Almeida. Creio mesmo ter sido BG um dos poucos cultores deste tipo de poesia na década de 60, no Brasil. Somente nos anos 80 é que esta forma poética iria se popularizar entre os jovens poetas brasileiros, como, por exemplo, Paulo Leminsky, Alice Ruiz, Glauco Matoso, Olga Savary e este modesto escriba que chegou a publicar, em 1984, um livro todo composto de haicais, o *Trapézio*.

Confesso que a influência dos poemas de BG em mim foi decisiva, no que se refere ao gosto e ao cultivo destas pequenas jóias poéticas japonesas: um extraordinário exercício de síntese e despojamento lírico. O instante poético apreendido em três versos apenas. Pois bem, BG foi um dos meus mestres, assim como o foi indiretamente dos poetas cearenses que passaram a explorar as possibilidades do haicai: Gildemar Pontes, Luciano Maia, Diogo Fontenele e outros, da nova geração.

O estudo crítico, incluído neste volume, que faz Sâncio de Azevedo dos micropoemas de Barroso Gomes é definitivo. Nele, o historiador maior da literatura cearense mostra porque o poeta em questão melhor se realizou nesta breve forma lírica. Bastaria citar, por exemplo, "Réquiem", "Imitação" e "Arrebatamento" para comprovar tal conclusão.

No mais, vale destacar os poemas concretistas, aqui publicados, para sentir a preocupação experimental do autor, em consonância com o que melhor se fazia, no gênero, no resto do País.

Horácio Dídimo também se destaca por sua índole experimental. Cultivando igualmente o poema concretista, o autor, entretanto, assinala a originalidade de sua dicção na formulação de poemas minimalistas, de tom quase oracular, como podemos verificar em "o banco do jardim", "a sobremesa", "a lanterna de diógenes", "a solução" e "o sol existe". Todos, absolutamente antológicos.

Creio que a poesia de HD, sobretudo a concentrada nos livros *Tempo de Chuva*, e *Tijolo de Barro*, representa um dos melhores momentos da lírica brasileira, nesses últimos 30 anos, pelo seu caráter inventivo, anti-retórico, combinado com um refinado humor e extrema capacidade de síntese. No contexto da poesia nacional, seus micro-poemas são bem mais interessantes do que aqueles feitos por Oswald de Andrade, por exemplo. Ou incomparavelmente superiores àqueles "rápidos e rasteiros" realizados pela turma marginal, nas décadas de 70 e 80.

Com Horácio Dídimo, a formulação de Mallarmé, segundo a qual o poeta torna mais puras as palavras da tribo encontra plena justificativa. Como podemos verificar em o "afinador de palavras": "quero passar um dia bem azul/polindo velhas palavras/até que elas brilhem como o sol". Ave, Horácio, lídimo poeta!

Com Horácio Dídimo, identifica-se Barros Pinho na opção de escrever todos os seus textos em letras minúsculas e sem pontuação: mas pára aí o alcance de sua experimentação. Diferentemente da dicção objetiva e impessoal do primeiro, BP muitas vezes derrama-se na expressão das reminiscências pessoais, lamentando a perda no tempo dos seres e das coisas. Tudo bem, o "ubi sunt" sempre foi tema poético, desde Villon a Bandeira. Mas não basta recordar o fato; é preciso transcendê-lo. Universalizá-lo. Isto o poeta só consegue, a meu ver, plenamente em "noite de natal" e "decreto do rio".

Prefiro aqueles seus poemas que mais traduzem a objetividade lírica, de que nos falava T.S. Eliot. Como, por exemplo, em domingo, canto do galo de barro, no longo e indignado "verdes cata-ventos das colinas", e finalmente na "balada simples da janela de Maria", com este belo verso: "o amor tem as sílabas da solidão".

Definiu bem a poesia de BP o crítico F.S. Nascimento, em artigo incluído na antologia, ao denominá-la da "encantatória". De fato, a metáfora central da poética de BP residiria no Circo e, por conseguinte, na Infância. Vale dizer, o autor não raro investe nas possibilidades mágicas e transfiguradoras das palavras no resgate da memória. Com elas, ele realiza seu número, isto é, o poema, apostando na sua capacidade prestidigitadora. Não por acaso escreveu *O Circo Encantado*, seu livro mais representativo, o qual poderia significar igualmente "A Palavra Encantada", ou seja, a própria Poesia.

Leão Júnior é uma fera de poeta. Apesar de continuar incompreensivelmente inédito em livro, seus poemas revelam garra e beleza. Ruge, pois, forte Leão Júnior ao "Tempo tempo", uma série de poemas voltados a um só "tempo" à realização do poético e à des/realização do Tempo nas coisas e na história, só apreensível, no entanto, "à escrita em que falta/tua imagem recortada".

Nos dez poemas (sem títulos) aqui apresentados, LJ exercita uma reflexão filosófico-poética a respeito do enigma maior do Universo, segundo Borges, que é o Tempo. Começa assinalando o mistério de sua natureza cíclica e incipiente: o seu (nosso) não-saber: "certifique-se de que o tempo/não goza em seu cabedal, / o saber de um tempo arguido". Depois anota seu percurso na história e em torno do homem com suas "quebras fendas raturas", que cobre a razão, lê o antes da memória e "escapa à imaginação", para por fim, depois de "mil canais de travessia" e "sob o rigor do silêncio" fazer-se como poesia, entre parênteses.

Leão Júnior parece retomar a já larga preocupação filosófica e histórica em relação ao tempo, que vai de Heráclito de Éfeso a Heidegger. Não por acaso o pensamento desses filósofos expressava-se poeticamente. Já o nosso autor faz o contrário: poeticamente pensa sobre o fenômeno do tempo, com um desdobramento de imagens e idéias que lembra João Cabral de Melo Neto, tal o rigor cartesiano e rítmico com os quais executa o seu longo e intrincado poema, belamente inscrito no "Tempo tempo".

Linhares Filho, poeta de "alta linhagem", comparece na antologia com uma quinzena de textos recolhidos de sua já numerosa e admirável obra poética.

Já assinalo o fato de que LF retoma a dicção grave da geração de 45. Quero dizer com isso que o poeta encara com a maior seriedade os graves pro-

blemas do homem, em termos existenciais, sociais e metafísicos. Sua poesia não raro se torna celebratória, associando-se melhor às formas fixas, capazes de apreender o ritmo regular da *Voz das Coisas*. Porque sabe ele que, se "a vida exulta neste instante./a morte espreita do além". Por isso, diante do mundo e do poema, percebe que há "no ar uma tensão/entre a liberdade e o determinismo".

De sua obra inicial, *Sumos do tempo*, foi escolhida "A minha mãe, habitante da morte", uma pungente elegia digna de um Fernando Pessoa ou Drummond. A seu pai dedica igualmente uma bela elegia, cujo verso final soa antológico: "tua presença é lembrança". Notável também a urdidura clássica do poema *Momento*, vazado em versos decassilábicos de sabor camoniano.

Todos os seus poemas, aliás, contêm este toque tradicional, no melhor sentido. Percebe-se que o poeta vem adotando cada vez mais as formas isomórficas e musicais, ao lado de uma rigorosa seleção vocabular, aprendidas talvez na leitura exaustiva dos poetas clássicos portugueses. Certo está, nesse sentido, Artur Eduardo Benevides quando assinala que Linhares Filho "tem a exata consciência do fenômeno literário e não submete a sua arte a concessões duvidosas e efêmeras".

Já Pedro Lyra arrisca a sua lira na tentativa de exprimir, de forma contundente e direta, a problemática política e social de nosso tempo, sob o regime capitalista. Falo de seus "poemas dialéticos", que integram o livro *Decisão*.

Em 1983, escrevi uma resenha, publicada num jornal local e que acabou impressa na segunda edição do livro mencionado, em que destaco a coragem e originalidade da poesia engajada do autor. Por pretender exprimir diretamente, sem subterfúgios, o drama de nossa sociedade, PL produziu uma poesia em que há a mistura das idéias da prosa e o ritmo dissoluto dos versos livres, todos voltados para a denúncia da desumanização do homem. O resultado não foi outro senão polêmico. Muitos, entretanto, aplaudiram a sua experiência, voltada para a plena consciência ideológica do verso.

Mas se Pedro Lyra brandiu seus versos como uma verdadeira "arma" no livro mencionado, eis que ele agora carrega seus versos do mais intenso lirismo, em *Desafio - Uma poética do amor*, expressando-os, inclusive, através da mais nobre forma poética: o soneto. Alguns de feitura realmente admirável, quer do ponto de vista formal quer do ponto de vista semântico. Citaria, por exemplo, os sonetos de "Constatação I" e de "Consolação IX". Igualmente o "Lavragem-XXIX", com seu belo verso inicial: "Viver é real. Reviver é poético".

Não satisfeito com a lírica amorosa aprisionada em sonetos, o autor em seguida nos dá o livro *Contágio* (1993), no qual os poemas se expandem em versos soltos e fortes, como que exprimindo a experiência libertária do amor em suas múltiplas situações.

A diversidade formal e conteudística de Pedro Lyra, além de revelar uma admirável inquietação literária, aponta para uma riqueza e virtuosidade poéticas capazes de nos dar, a um só tempo, o verso da mais dura denúncia social ao lado daquele mais sedutoramente lírico.

Igualmente múltiplo se nos apresenta Roberto Pontes. Poeta de expressão forte e fácil, segundo o próprio Pedro Lyra, RP viaja com mestria pelos temas mais diversos da contemporaneidade, sempre seguro e claro na articulação da palavra poética.

Assim, no seu livro inicial, *Contracanto*, comparecem dois poemas que demonstram bem a consciência que tem o autor do fenômeno literário. O primeiro, de título homônimo, expressa heideggerianamente o poeta enquanto habitante da linguagem: "Moro nas vogais e consoantes/circunflexos/ós e zizes cantantes". Para concluir que "o alfabeto habito / como me moram / muitas vezes muitas / meu coração", sugerindo que, se o poeta é este inquilino privilegiado da casa da linguagem, ele o é na medida em que expressa sua emoção, seus sentimentos. O segundo poema toma a imagem do "Rio Raivoso" como metáfora da luta incessante por melhores condições de vida, pois vive a chorar "a vida toda / por ter nascido rio/e não fuzil". Quer dizer: se a poesia é linguagem, de um lado, ela o é igualmente arma social, de outro.

Em 1970, Roberto Pontes nos deu um dos mais originais livros de poesia da literatura cearense contemporânea e talvez da brasileira com *Lições de Espaço*. Trata-se de um longo poema, de impecável estrutura épica, que parte do agreste espaço nordestino e se encaminha até ao Cosmos, celebrando, neste trajeto, a conquista do espaço sideral pelo homem. Na presente antologia, se encontram os poemas "teletipo 1957", no qual "proclama nova era", e o instigante "finito/infinito" que parece exprimir toda a potencialidade criadora tecnológica e poética do homem, "a cavalgar na luz".

Também soube ser superlativamente amorosa e lírica a poesia de RP em *Memória Corporal*, seu livro de 1982. Trata-se de um extenso poema, no qual celebra o amor físico, no seu início e término. Sob este último aspecto, a antologia traz "Epitáfio", uma antológica peça literária, no qual os sentimentos de ardor e sonho se juntam ao de perdão e adeus "na verdade indestrutível de um poema".

Enfim, Roberto Pontes é um poeta de múltiplas dimensões. Quer épico, lírico, social ou existencial, sabe ser, em todos esses aspectos, um artista exemplarmente consciente de seu ofício e um fino artesão do verbo, encarnado ou não.

Outro poeta que se revela senhor de sua arte é Rogério Bessa. Dele só conhecíamos *Poesia em 2 Tempos*, publicado em 68, e alguns poemas-práxis estampados no número 4 da revista *Caboré*. Nesta antologia, além dos poemas já conhecidos, aparecem alguns de dois livros inéditos, *Redescoberta de Orfeu* e *Memórias da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*.

Se nos poemas de *Praxiscópio* Bessa mostrava-se um autor preocupado com a vanguarda poética, particularmente com a experiência da poesia-práxis - a qual, diga-se logo, pouco prosperou no País, em decorrência talvez de seu extremo artificialismo e dicção excessivamente trocadilhesca - com os poemas de *Redescoberta de Orfeu*, entretanto, sua experimentação ganha um sentido muito mais histórico e convincente.

Com efeito, tais poemas, ao lado do imprescindível rigor lingüístico, adquirem não só fluência mas poder de fabulação. O poeta retoma o mito e re-inventa a vida, através de textos de versos medidos e compactados em três estrofes de quatro versos. Se os poemas são curtos e densos de significado, os títulos se revelam, ao contrário, extensos mas não menos originais. Por exemplo, no poema "Do canto V", aparece este subtítulo: "viagem dentro e ao redor de um canteiro/seus pronomes relativos ou passeio no quintal: ant'ilhas". Estranho, não?

É com esta sensação de estranheza que lemos seus poemas órficos, que funcionam como uma espécie de contraponto à invenção (mística) de Orfeu, de Jorge de Lima, por exemplo. Longe do delírio barroco e cristão, do poeta alagoano, Bessa prefere cantar as miudezas da terra que cercam o homem, "os minúsculos adamastores e um mundo coberto de pó". Ou aquele passeio no quintal. Ou, ainda, a viagem de retorno e reencontro de si. Sem falar "no impacto do cacto intacto/ (...) no chão por chantão malsão."

De repente, o poeta abandona momentaneamente o rigor de seus versos curtos e se derrama na contemplação da cidade do Rio de Janeiro. Tornam-se os versos longos, meditativos, graves. "E vós, baratas miúdas deste Rio de Janeiro, / que fazeis na superfície do solo civilizado?", indaga provincianamente às baratas metropolitanas. Não precisava. Mais interessantes são os poemas de "Crer diário", nos quais a invenção verbal e a contenção lírica recolocam R. Bessa, por fim, na linha de sua melhor criação poética.

Já Sânzio de Azevedo pouco está ligando para os processos de experimentação verbal. Sua poesia, no geral de tom celebratório e intimista, se desenvolve a partir de temas e formas consagrados pela tradição. E nisso revela-se ele um mestre, na acepção poundiana do termo.

Mas antes de comentar o trabalho do Sânzio, vale ressaltar a imensa contribuição que ele tem dado à literatura cearense, em particular, e mesmo à brasileira, como historiador do fenômeno literário, destacando-se aqui a obra, já clássica, *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. No domínio da pesquisa e análise de nossa prosa e poesia, o autor já produziu cerca de uma dezena de trabalhos, enfocando não só autores do passado como do presente. Neste último caso, vale ressaltar o livro *Novos Ensaios de Literatura Cearense*. Seu único defeito, como crítico, é não ter falado ainda sobre a minha obra. Mas, tudo bem.

Vamos ao poeta. Artur Eduardo Benevides já evidenciara, em 1986, o fato de que o autor pouco publicara em termos de poesia, enquadrando-se naquela categoria de poeta bissexto, de que nos falava Manuel Bandeira. Se é pequena a obra poética (apenas dois livros, *Cantos da Longa Ausência* e *Canto Efêmero*) ela, entretanto, se mostra de excelente qualidade, como ressalta Benevides.

De fato. Observando seus textos na antologia *Sincrética*, percebe-se de imediato o domínio que tem das várias formas líricas, não lhe faltando tampouco imaginação e sensibilidade, para a plena realização do poema.

Das composições selecionadas de sua primeira obra, o destaque vai para o soneto que se inicia com o verso "Já que buscas um sonho e não o alcanças" e

finda com um terceto de sabor antológico: "Buscas (não vês?) um bem que não existe; e nem percebes que vagueias, triste, / conduzindo um rebanho de saudades".

Por aí se vê que tinha eu razão, ao afirmar, no início deste prefácio, que Sânzio revela-se um exímio sonetista. Não só, porém. Diante de outras formas fixas ou simétricas, o autor se mostra um artesão de primeira, alcançando suas peças uma alta dimensão estética.

É o caso, por exemplo, dos poemas "O Palhaço", "O Suicida", "Grupo Artigo", "A velha rua" e "Trovas". Há também bons exemplos de versos livres, como "Momentos" e "Luar da Memória", todos pertencentes à sua derradeira obra.

Mas é mesmo como sonetista, a meu ver, que Azevedo demonstra toda a sua força poética. Não importa se ingleses ou petrarquianos na estrutura, seus "Sonetos de Tempos Vários", juntos com o "Soneto Carioca" e os três últimos, ainda inéditos em livro, representam momentos de indiscutível realização poética.

Assim, meus companheiros, caminha a humanidade e a produção deste danado grupo cearense, que ousou dizer SIN à poesia, num tempo duramente marcado pelo Não.

Fortaleza, 1993

## BARROSO GOMES

Francisco Barroso Gomes. Nascido no dia 1º de maio de 1940, em Mulungu, Ceará, falecido num desastre automobilístico, perto de Pedras, no quilômetro 15 da BR-116, no dia 17 de abril de 1985. Tendo feito os primeiros estudos em Missão Velha, transferiu-se para Recife. Voltando ao Ceará, foi aluno do Colégio Salesiano de Baturité e do Liceu do Ceará. Em 1964 concluiu o curso de Direito na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (UFC), ingressando, anos depois, na magistratura. Foi juiz em diversas cidades do interior cearense, sendo, ao falecer, juiz da Comarca de Senador Pompeu. Foi um dos participantes do movimento concretista no Ceará.

Os escritores de sua geração, por proposta de Rogério Bessa, prestam-lhe homenagem póstuma ao reunir alguns de seus textos nesta antologia. Sete poemas da fase concretista, todos de 1961, recolhidos do suplemento "Literarte G.N." da *Gazeta de Notícias*, e da coletânea *ceará-poesia concreta-minas*, graças à gentileza do poeta Eusélio Oliveira, aqui figuram ao lado de seus haicais: os sete primeiros, retirados da *mini-Sinantologia* (1968); os seis seguintes, do livro *Literatura Cearense* (1976), de Sânzio de Azevedo; e os dois últimos, do artigo de Sânzio incluído nesta Antologia. Na notícia de sua morte, estampada no jornal *O Povo* de 18.04.85, diz-se que Barroso Gomes estava organizando um livro de poesia para ser lançado em breve.

### POEMAS CONCRETOS

vento  
lento    viagem  
          viajor  
          viajor    nada  
          via      jornada  
          vento  
          viagem  
          via  
          viaj  
          ar



clamor e clarim  
clarim e clarão  
clarão e carmim  
carmim e crisol  
crisol e clarão  
clangor  
e  
cristal

marulho  
mar onda  
mar olho marmóreo  
murmúrio mar onda  
mar ilha  
muralha

CIEL OEIL  
SOLOEIL  
VERMOEIL  
SEUL OEIL

## HAI-CAIS

### CATACLISMO

Nas águas batidas  
do brando luar, um bando  
de estrelas caídas.

### PAISAGEM

Ao longe uma serra:  
do espaço azul um pedaço  
de estrelas caídas.

### **A CASCATA**

Decerto uma fada  
(ou a lua?) perdeu a sua  
mantilha prateada.

### **NARCISISMO**

Uma deusa nua  
no vago espelho do lago  
mirando-se. A lua.

### **CRESCENTE**

Os céus escurecem.  
De um touro as antenas de ouro  
no poente aparecem.

### **VANITAS**

Na teia de aranha  
de tosca urdidura a mosca  
azul se emaranha.

### **RÉQUIEM**

A cigarra enquanto  
fenece a mortalha tece  
com os fios do canto.

### **FACEIRICE**

A treva pesada  
se deita. A noite se enfeita  
de coifa dourada.

### **ARREBATAMENTO**

O cão uiva ou canta?  
Eu penso que morre: o imenso  
lua na garganta.

**AMANHECER**

Do dia, lá fora,  
a nuança: é o galo que lança  
borrifos de aurora.

**PRIMAVERA**

Lua. Flor. Desmaio.  
No vale da noite a pálida  
lua, flor de maio.

**ESPERANÇA**

Verde hora. Verdura.  
Na hera da primavera,  
a espera, ânsia pura.

**IMITAÇÃO**

O céu invejado.  
Nos campos os pirilampos.  
O chão estrelado.

**O CEGO**

Caminhando a esmo  
na densa treva da imensa  
noite de si mesmo.

**SOŁ NASCENTE**

Que faz com que o dia  
descubra aos poucos a rubra  
jóia que escondia?

## BARROSO GOMES, POETA DO HAICAI

SÂNZIO DE AZEVEDO

Já que não existe uma lei impedindo os falsos literatos de editar sua versalhada ou sua subprosa, pelo menos uma outra deveria haver, obrigando os verdadeiros escritores a divulgar suas obras.

Sim, porque ninguém desconhece o fato de haver por aí muito poeta ou prosador de fôlego escondido não só pelas dificuldades que normalmente atravancam a carreira de um homem de letras, mas, muitas vezes, pelo seu próprio retraimento.

Quem manuseou o nº 4 da revista *O Caboré*, de junho de 1969, que reúne alguns dos nomes mais representativos da novíssima geração de escritores cearenses, ali encontrou uns pequenos poemas assinados por Barroso Gomes, mas ali incluídos por Horácio Didímo, um dos organizadores da revista e poeta dos melhores.

Isso porque Barroso Gomes teima em encaramujar-se numa timidez tão grande que se outros não publicarem suas produções elas se perderão irremediavelmente.

Tendo feito parte, por volta de 1959, do chamado Grupo Concreto do Ceará, ao lado de José Alcides Pinto, Antônio Girão Barroso, Eusélio Oliveira, Horácio Didímo, Humberto Espínola, Saraiva Leão e outros, cedo percebeu que o concretismo não satisfazia plenamente à sua índole, procurando com lucidez a maneira melhor de realizar-se artisticamente. Tentou o soneto, que chegou a praticar com segurança, ora renovando um sopro camoniano, ora seguindo a esteira de um Mauro Mota ou de um Domingos Carvalho da Silva. Mas foi encontrar-se definitivamente no haicai.

Imortalizado por Matsuo Bashô (1644-1694), o haicai surgiu no Japão como poemeto satírico, derivado do tanca. Sendo este composto de 5 versos, contando 31 sílabas (5-7-5-7-7), portanto um poema sintético, e apresentando o haicai 17 sílabas distribuídas em apenas três versos (5-7-5), teve razão Eiko Suzuki em afirmar que ele, o haicai, "pode ser definido como a síntese da síntese".<sup>1</sup>

Para Guilherme de Almeida, que o introduziu no Brasil com a inovação da rima (o 1º verso rima com o 3º, havendo rima leonina no 2º), o haicai "é a poesia reduzida à expressão mais simples. Um mero enunciado: lógico, mas inexplicado".<sup>2</sup>

O minúsculo poema soa de maneira estranha aos ouvidos ocidentais, habituados ao soneto, à trova e outras composições regulares, aos poemas polimétricos ou ainda ao verso livre. Não evidentemente por ser minúsculo, mas pela

quebra rápida da redondilha menor para a maior, retornando imediatamente à menor. Acostumemos porém os ouvidos à música do poema japonês, através de uma das mais famosas produções de Bashô, transliterada da língua original:

*Furu-ike ya  
Kawazu tobi-kamu  
Muzu no oto.*<sup>3</sup>

Eis o mesmo poema, numa tradução de Eiko Suzuki:

*Ó velha lagoa,  
do mergulho duma rã,  
ruído de água.*<sup>4</sup>

Não menos rebarbativo que o ritmo é o próprio sentido do haicai: não esqueçamos entretanto que ele é um *flash*, um leve esboço apenas, mas que poderá gerar um mundo de conotações. Se nos é lícito falar de uma reminiscência pessoal, lembremos uma tarde em que o mestre de *Messidor*, após rememorar sua iniciação, através de poetas japoneses residentes em São Paulo, concluiu dizendo que fazer um haicai era algo assim como apanhar um mosquito em pleno vôo...

A razão de não haver proliferado entre nós o pequeno poema nipônico deve estar ligada, segundo pensamos, a duas causas: em primeiro lugar, o ritmo, a que já aludimos e, em segundo, um problema elementar de vocação. Se a trova, que é praticamente nossa, teve sempre poucos cultores, muito menos teria esse poema estranho, nada popular.

Dissemos haver Barroso Gomes encontrado sua forma ideal no poema de 17 sílabas. Procuremos demonstrá-lo com exemplos. Para haver, porém, oportunidade de comparar, leiamos ainda uma vez Bashô, traduzido por Manuel Bandeira:

*A cigarra... Ouvi:  
Nada revela em seu canto  
Que ela vai morrer.*

Ou Guilherme de Almeida, mestre brasileiro do gênero:

CIGARRO

*Olho a noite pela  
vidraça. Um beijo, que passa,  
acende uma estrela.*

Ou ainda um seu discípulo, o quase desconhecido Raul Drewnick, poeta paulista:

TRISTEZA

*Lânguida adormece  
A tarde; no lago, o par de  
Cisnes anoitece.*

Familiarizados com o espírito do poema, pelos exemplos citados, ouçamos agora o arredio cearense, através dos haicais publicados na revista *O Cabaré*:

O CEGO

*Caminhando a esmo  
na densa treva da imensa  
noite de si mesmo.*

IMITAÇÃO

*O céu invejado.  
Nos campos os pirilampos.  
O chão estrelado.*

FACEIRICE

*A treva pesada  
se deita. A noite se enfeita  
de coifa dourada.*

Em dois deles, foge um pouco o poeta àquela singeleza dos esboços japoneses, mas justamente para evidenciar a sua força de transfigurador da realidade: são dois momentos de grande beleza e inegável originalidade:

ARREBATAMENTO

*O cão uiva ou canta?  
Eu penso que morre: o imenso  
luar na garganta*

AMANHECER

*Do dia, lá fora,  
a muança: é o galo que lança  
borrifos de aurora.*

É que o haikai, transplantado para o Brasil, teria forçosamente que ocidentalizar-se, ao passo que igualmente se adaptava ao tempo. Não se deve confundir, porém, essa aclimação com quaisquer inovações que por acaso se queira introduzir nesse micropoema: depois da rima, criada por Guilherme de Almeida, cremos que nada mais poderá ser acrescentado ao haikai, sob pena de violentá-lo em sua essência. Barroso Gomes tem consciência disso, razão por que, apesar de ter sido um dos introdutores do concretismo no Ceará, como foi dito, ele não tentou desvirtuar a originalidade do poema. Compreende que a inovação não é simplesmente alteração: é válida não por ser novidade - como ingenuamente há quem pense -, mas por trazer algo de positivo. (Entre as várias inovações trazidas pelo Simbolismo, algumas ficaram, como o verso livre,<sup>5</sup> por satisfazer a uma necessidade de expressão; outras, por não passarem de mera novidade, passaram, como os sonetos de estrofes invertidas, ou os livros impressos em várias cores). Assim é que, entre os haicais inéditos do poeta cearense, alguns vamos encontrar que se aproximam daqueles dos mestres nipônicos. Por exemplo, esta indagação:

SOL NASCENTE

*Que faz com que o dia  
descubra aos poucos a rubra  
jóia que escondia?*

Ou este:

CRESCENTE

*Os céus escurecem.  
De um touro as antenas de ouro  
no poente aparecem.*

Talvez seu mais feliz haikai inédito seja este, em que deve ter-se impregnado da atmosfera de Bashô, naquele poema traduzido por Manuel Bandeira:

RÉQUIEM

*A cigarra enquanto  
fenece, a mortalha tece  
com os fios do canto.*

Mas não lhe fica muito longe este outro:

NARCISISMO

*Uma deusa nua  
no vago espelho do lago  
mirando-se. A lua.*

Mas, embora sem tentar muitas inovações, seria impossível que o poeta, conhecedor do concretismo e do poema práxis, não deixasse um traço sequer dessas tendências. Assim é que no haicai adiante transcrito chega quase a haver paronomásia entre o primeiro e o terceiro verso; pena que a monofonia das rimas não pudesse ser evitada:

PRIMAVERA

*Lua, Flor, Desmaio.  
No vale da noite a pálida  
lua, flor de maio.*

Há certo virtuosismo nos jogos de palavra que urdem este outro, onde predomina o homeoteleuto:

ESPERANÇA

*Verde hora. Verdura.  
Na hera da primavera,  
a espera, ânsia pura.*

Basta lançar a vista sobre a poesia cearense contemporânea para se perceberem as múltiplas tendências que a enformam: enquanto Artur Eduardo Benevides e José Alcides Pinto se realizam nos longos versos livres, Otacilio Colares e Francisco Carvalho se expressam melhor através do soneto, preferindo Horácio Dídimo não sair do micropoema sem forma fixa: também Iranildo Sampaio e Linhares Filho se expressam predominantemente em versos longos. Isso indica simplesmente que o poeta deve buscar sua forma de expressão, como o músico busca o instrumento que sua vocação exige. Barroso Gomes, apesar de haver composto excelentes sonetos, veio encontrar-se artisticamente ao iniciar-se no haicai.

NOTAS

- 1) Eiko Suzuki. "Haicai, Uma Obra de Arte". In *Minas Gerais* (Suplemento Literário), 12 de fevereiro de 1972, p. 11.
- 2) Guilherme de Almeida. "Os Meus Haikai". In *Anuário Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, 1939, p. 21.
- 3) *Apud* Guilherme de Almeida. *Op. e loc. cit.*
- 4) Eiko Suzuki, artigo citado.
- 5) Não nos referimos aos poemas polimétricos de Mário Pederneiras e outros, mas aos versos livres, introduzidos no Brasil por Guerra-Duval em 1900.

(*O Povo*, Fortaleza, 28.7.68)

## BARROS PINHO

José Maria Barros de Pinho: Teresina, 25.05.1939.

Bacharel em Administração pela Escola de Administração do Ceará.

Professor em colégios de Fortaleza, Diretor-fundador do Colégio Oliveira Paiva na mesma cidade.

Vereador (PMDB, 1979-1982), deputado estadual (1983) e tendo sido ainda Secretário de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, (1985).

Membro da Academia Cearense de Letras.

### DO AUTOR

#### POESIA

*Planisfério*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1969.

*Natal de barro lunar e Quatro figuras no céu*. Fortaleza: Ed. Projeto, 1970.

*Circo encantado*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1975.

*Natal do castelo azul*. Fortaleza: Cearte, 1985.

*As pedras do arco-iris. Ou Decreto de um rei*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1988.

#### PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS

*Mini-Sinantologia*. Fortaleza: Sin, 1968.

*Sinantologia*. Fortaleza: Sin, 1968.

*Antologia dos novíssimos contistas do Brasil*. Rio, INL, 1963.

### SOBRE O AUTOR

AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: ACL, 1976.

BENEVIDES, A. Eduardo. O poeta do Natal e dos circos encantados. In: *Natal do castelo azul*.

CARVALHO, Francisco. *Ibidem*.

LYRA, Pedro. Poesia e solitarismo em BP. In: *Poesia cearense e realidade atual*. Rio de Janeiro: Cátedra/INL/MEC, 1981.

NASCIMENTO, F. S. Poesia encantatória. In: *Circo Encantado*.

OLIVEIRA, Eusélio. Mesofácio. In: *Planisfério*.

## ODE AO AMOR DO MAR

gosto do mar  
pelo absurdo  
sensual  
de suas sereias  
pelo encrespar  
do vento  
no ventre  
de peixes  
abomináveis

pelo lésbico  
despudor  
das ondas  
violentando  
as águas

gosto do mar  
absorvendo  
sol  
na máscara  
de bronze  
dos pescadores

gosto do mar  
mistério azul  
das mulheres-marinhas  
visivelmente estranguladas

gosto do mar  
concupiscente  
e paradoxal  
em seus horrores

## DOMINGO

hoje é domingo  
o bom dia da tristeza  
o céu é menos azul  
a cidade uma criança  
pelos cantos sem brinquedos

## BALADA DA RUA AUSENTE

minha rua  
nasce e morre  
sem placa  
da prefeitura

os meninos  
já não disputam  
os ventos  
para os papagaios

homens feitos  
ilustres burocratas

as namoradas  
namoram  
menos  
mulheres  
parideiras  
de outros homens

o pião  
ainda pia  
no eixo  
de meus olhos

o circo  
que passou  
eco do palhaço  
que às vezes somos

na quitanda  
de meu pai  
vendi banana  
vendi sabão  
vendi olhar

## SANTO ANTÔNIO NOME DE RUA

a rua santo antônio  
tinha mesmo  
vocação poética  
não é que lhe deram  
o nome de olavo bilac

num alto perto  
de uma faveira  
morava o poeta  
mário bento  
meu professor  
de decassilabo

mais abaixo  
quem morava  
era a madrinha dodó

na quitanda  
rezando  
e vendendo  
cigarro selma

em frente  
num casarão  
uma loirinha  
burguesa  
tocava acordeon

no quarteirão  
seguinte  
meu pai me fez  
proprietário  
de uma garapeira  
onde apenas ganhei  
duas namoradas

rua santo antônio  
do menino  
metendo os pés  
em tuas águas  
do adolescente  
que te fez revelações

rua santo antônio  
de teresina  
das mangueiras  
das carambolas  
e dos quintais

### **CANTO DO GALO DE BARRO**

os místicos  
eram  
tão solenes  
que esperavam  
o galo da matriz  
cantar

madrugadas  
adentro  
ouvindo  
esse coro-co-có

e nunca  
descobriram  
que o galo  
era de barro

### **PENÉLOPE**

tenho as mãos  
cheias de cargas elétricas  
os olhos atônitos  
como um robô pacífico

na cabeça  
trago poemas  
que improvisarei

e os braços  
como os de ulisses  
dispondo a nave para penélope

### STALINGRADO

a neve com suas úmidas mãos  
e seus dedos frios  
gelificou os puros soldados  
da wehrmacht

a exasperação de aço  
e os alaridos de hitler  
eram fantasmas na estratégia  
do militar-poeta que foi von paulus  
avança soldado leva a alemanha além do voga

do fundo do gelo como um tufão  
ergueu-se o espartano stalin  
e num místico canto de esperança  
joga sol sobre seu povo

russo nem um passo atrás

e a neve se movimenta sufocando a tirania  
e a liberdade ainda agora é uma promessa

*(Planisfério)*

### DECRETO DO RIO

ora a rua  
onde nasci  
fica longe  
de paris  
bem perto  
do rio parnaíba  
e tão íntima  
da vida

*(As Pedras do Arco-Íris ou o Decreto de um Rei)*

## VERDES CATA-VENTOS DAS COLINAS

espanha primitiva nas pescas de hemingway  
o sonho faiscante de cervantes  
nos ombros magros de dom quixote  
o sol mais olímpico da europa  
no céu azul clássico de solidão  
azulejos nos palácios das princisas com hímen de prata  
igrejas no patamar da idade média  
homens ajoelhados no culto do silêncio  
a sofrer na pele a dor íntima da palavra  
nos caminhos a neve estrangulando  
uma a uma o corpo das flores algemadas

espanha olha na asa dos abutres  
a longa noite dos enforcados  
o calcanhar dos camponeses na rota das aldeias  
a sombra de pilar na volúpia das águas  
a esperança de pablo nos cornos dos touros nunca vencidos

as tranças verdes do poeta garcia lorca  
morto no cavalo pelos altos nas montanhas  
de olho na lua na barca lúdico sobre o mar  
espanha também de franco colecionador da morte  
dragão nas colinas imensas do sem-fim  
nos rodopios do vento quente que vaga devagar  
pelas linhas tortuosas nos calabouços do martírio  
molhando de sangue os pés do mundo

espanha arrancaram o pudor do teu mistério  
o tirano carrega a tirania a tiracolo  
o céu azul agora tem manchas rubras  
é o rosto lenhado dos revolucionários imberbes  
a lua tem cara de menino só de chorar  
a guerra engoliu a planta dos pés republicanos  
o espanto anda contigo empreiteiro da morte  
muito além de tua cabeça nascem vertentes  
seiva das rosas que teus braços esmagaram  
na fúria de aço dos tanques de hitler  
suporta franco o gemido do mundo e o perfume da terra  
nas cordilheiras das américas voam pássaros  
que te arrancam os olhos pelo bico

espanha de novo o vento vai bater na pele da poesia  
nas estradas correm cata-ventos vadios como meninos  
um minuto na história tem mais idade do que as rugas  
de meu avô.

que viveu quase cem anos no ofício de matar onça  
com vidro nos olhos azuis no fogo do sol  
terra ibérica teu sono atingiu a linha dos abismos  
é hora de acordar portugal teu parceiro na tirania  
vem acordando nas escamas dos peixes ainda não pescados

as raízes da áfrica estremecem ferindo a placenta  
das baleias  
e as velas no mar se encolhem com vergonha do vento  
acorda espanha as fontes se aglutinam  
na cabeça dos homens arrumadas como relâmpagos  
o sol amarelo gema de ovo bate no passo do gado  
lorca ainda é verde na folha da aurora  
acorda espanha a noite acabou

*(Circo Encantado)*

## **NOITE DE NATAL**

na noite de natal  
às vezes a gente consulta  
o álbum de família

a supresa informa  
que um vazio anda  
pelos cantos na sala de visita

na parede o espelho  
reflete o tempo  
e o tempo não se sabe refletido

na noite de natal  
os mortos são radicais  
só sabem viver com os vivos

O GALO AZUL DE NATAL

natal  
 onde está a vida  
 e a metafísica  
 das coisas  
 inanimadas  
 o pedaço  
 da lua  
 que o homem  
 comeu na caça  
 das estrelas  
 e a dasdores  
 que vi de encarnado  
 na missa do galo  
 na oração  
 de outro destino

natal  
 onde está  
 o longe nos olhos  
 dos bois  
 no exercício  
 do engenho  
 canto bom  
 na metáfora  
 mais simples  
 da solidão  
 e o presépio  
 pecado de ternura  
 onde nem deus via  
 os adolescentes  
 guardando nas mãos  
 o corpo das namoradas

natal  
 o galo azul  
 vai cantar  
 no desenho  
 da garganta  
 dançam  
 todas as linhas  
 da aurora

(Natal do Castelo Azul)

## BALADA SIMPLES DA JANELA DE MARIA

a janela  
é o mundo  
na aldeia

o sonho  
corre  
nos olhos  
da donzela

o amor  
tem as sílabas  
da solidão

a janela  
no seu edifício  
de tristeza  
é o lugar  
onde maria  
de tanto esperar  
espera o pôr-do-sol

## POESIA ENCANTATÓRIA

F.S. NASCIMENTO

O instrumento de que se utiliza o poeta para codificar a sua visão do mundo é o mesmo de que se servem os demais artífices da linguagem para reproduzir o fato acontecido ou criar a ilusão de vida na composição narrativa. Os recursos que lhe são permitidos para conseguir situar a palavra numa esfera muito vez além da lógica é que o distingue dos que realizam os demais gêneros literários.

Mais do que qualquer outro manipulador da organização verbal, o poeta se atribui maiores liberdades para exprimir a condição do ser, o surto das reações anímicas e o estado agônico do cosmos. Para manter a sua verdade envolta numa atmosfera de bruma, velada, obriga-se a impregnar a sua linguagem de quatro elementos fundamentais: a imagem, a metáfora, o símbolo e o mito. Do contrário, o verso em suas mãos deixaria de ser um núcleo poemático, para se transformar num veículo de informação.

Haverá de indagar-se: e Barros Pinho trabalha com esse instrumental? E se o faz, é capaz de dominá-lo a ponto de dar à expressão poética a força necessária para reproduzir qualquer manifestação sensório-afetiva? De partida, podemos afirmar que não constituem segredos para Barros Pinho todos esses meios de energização da palavra na estrutura do poema. Seus versos, economicamente alinhados, não se prestam para representar a dimensão exata do objeto ou do fragmento de vivência reconstituído. Ao se fundirem no contexto poemático resultam quase sempre em estados subjacentes, em que o signo lingüístico, sensorialmente motivado, oscila entre a imagem e o mito.

E importante é que esses estados não se repetem apopleticamente, não se acumulando os procedimentos sensoriais e anímicos a ponto de deixar inteiramente equívoca a ideação poemática. Apresenta essa característica predominante a matéria reunida por Barros Pinho em *Planisfério* (Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1969), limitando-se seu trabalho a manter sob uma tênue plumagem visões transformadas em mitos no limbo da memória.

Em "Ode ao amor do mar", por exemplo, o discursivo constitui apenas o conduto da série de evocações que culmina em situações metafóricas superpostas a uma verdade subjetiva, que é o amor do poeta pelo mar. É o êxtase que se apóia, afetiva e sensorialmente, em visões encantatórias, em mitos como o das sereias absurdamente sensuais, com seus ventres encrespados de vento, de pescadores a observarem o sol com suas máscaras de bronze.

A tendência de Barros Pinho para a realização poemática visando à obtenção de efeitos encantatórios ficou evidenciada noutros poemas enfeixados em seu livro de estréia. A "Balada do rio Parnaíba", a "Balada da lua cheia" e a "Balada da rua ausente" são, nesse sentido, tão significativas quanto a "Ode ao amor do mar". Esses dois últimos poemas revelam ainda a atração mágica que exerceram os circos na infância do poeta.

BH/UFC

O *Circo encantado* representa a poetização de tudo quanto passou de significativo diante da objetiva óptica de Barros Pinho numa determinada fase de sua vida, sendo as observações e vivências do poeta transpostas para uma esfera espacial em que predominam os estados de magia, encantamento e sonho. A volta do circo, numa incursão retrospectiva, permite que dispersos fluxos poéticos sejam sacados à superfície e, num processo da memorização, imagens e flagrantes se reorganizem espacialmente, plenificando-se nas páginas deste livro.

Toda a matéria poética recomposta pelo poeta tem delimitação em dois pólos temporais: o retorno simbólico do circo e sua retirada definitiva. Os extremos demarcadores das vivências e impressões compreendidas no *Circo encantado* se encontram assim definidos:

Abertura

*lá vem o circo  
pelas terras do céu  
na vereda das águas  
na poeira do sol.*

Fim

*aqui vai o circo  
trapézio quebrado  
estrelas no céu  
areia nos pés  
palhaços na rua  
aqui vai o circo  
roto na rota  
do tempo.*

Em "Canção do amanhecer", primeiro testemunho sensorial reminiscente o signo imagístico dominante transita em sentido crescente ("lá vem o sol / segurando ouro / na ponta dos dedos"), como se o poeta estivesse a flagrar, na atualidade desse momento, o sol, a iniciar a trajetória cíclica de um novo dia. Apenas, na percepção óptica de Barros Pinho, esse grande astro aparece revestido de atributos metafóricos, segurando "na ponta dos dedos" a incandescência da cor de ouro, acrescentando-se a particularidade de vir atravessado, visionariamente, "na garganta do galo de barro". Nas estrofes intermediárias desse poema são anotadas mais duas projeções visionárias, conseqüentes em relação ao elemento imagístico dominante, e ambas com a mesma plumagem metafórica, como se verá:

*No mar os astros  
batem a poeira  
da caminhada no céu  
a noite pedaço escuro  
foge na garupa  
dos cavalos-marinhos.*

Os efeitos encantatórios são conseguidos por Barros Pinho mediante a perda do nexos correlato da palavra (observação extensiva aos demais poemas dessa linha de transfigurações significativas), a que se acrescenta uma conseqüência expressiva invariavelmente ilusória ou aleatória. Esses estados visionários, quase todos de natureza metafórica, não chegam a representar uma tendência irreversível do poeta, alternando-se, com revivência e projeções afetivas, organizadas logicamente, algumas chegando a tomar uma feição informativa, não obstante a sua textura poemática.

No poema "Teresa dos olhos verdes", as duas estrofes iniciais apresentam justamente essa contextura de natureza expositiva, processo realizado pelo poeta sem o risco de descambar para o discursivo. Esse tipo de informação é feito com grande economia de palavras, limitando-se ao esboço de um quadro ou à breve reconstituição de uma cena, prescindindo, essas manchas, dispersas na memória de qualquer notação temporal objetiva. É assim que diz Barros Pinho:

*na terra onde nasci  
as casas eram de palha  
  
os homens simples criaturas  
de nossa senhora do amparo.*

Mas, nas quatro estrofes seguintes desse mesmo poema, o nexos significante passa a ser continuamente desorientado, invariavelmente no penúltimo ou no último segmento ideativo, criando-se, mediante esse artifício verbal, estados visionários e, conseqüentemente, encantatórios como estes que se seguem, implicitamente precedidos do denotativo "homens":

*botavam água na rua  
com vinco de sol  
na cara  
  
na terra onde nasci  
ficam dois rios  
só pras façanhas do cabeça-de-cuia  
  
e as coroas conchas de areia  
pras moças da lua  
  
esta terra é teresa  
dos olhos verdes  
molhando o corpo nas águas.*

Em "Ode ao canoieiro do mar", o monólogo indicativo do curso da canoa consegue polarizar contínuos fluxos ideativos, estabelecendo uma seqüência mais sensitiva do que imagística. Esse tipo de formulação poemática se repete, com

certa regularidade, noutras partes de o *Circo encantado*, exigindo do leitor atenção detida, para melhor entendimento das intenções do poeta no desenvolvimento desse jogo de impressões sacadas da memória. Incluem-se nessa faixa, dentre outros, os poemas "Amor na matriz de nossa senhora do amparo" e "Cantiga de ninar para a cidade da beira do rio".

Toda a singularidade da poesia de Barros Pinho está firmada no processo que poderíamos denominar de "sintaxe dos significantes". Com a desorientação do curso ideativo lógico, as impressões reconstituídas pela memória são redimensionadas dentro de relacionamentos espaciais correspondentes, estabelecendo-se o equilíbrio interno do absurdo ou do visionário em projeções invariavelmente encantatórias. Para compreender tudo isso, não bastará apenas ver o *Circo encantado*, fazendo-se necessária também a leitura de *Planisfério*, livro de estréia de Barros Pinho.

## BARROS PINHO, POETA

FRANCISCO CARVALHO

José Maria Barros Pinho é poeta. E nem carece de adjetivos. É poeta de forte personalidade, um lírico de grande estatura. E talvez por isso mesmo escapa a qualquer tentativa de definição. Ninguém melhor que o poeta se define a si mesmo. A poesia já é em si mesma uma definição. Uma opção de verticalidade. Uma vocação iluminadora. Barros Pinho é desses poetas que usam a palavra como o oleiro usa o barro. A vida é, na realidade, o grande instrumento de sua cosmogonia poética. O texto é para ele uma forma de vida. Um meio de aglutinar os múltiplos aspectos da realidade fragmentária. Talvez se pudesse falar de sua poesia como estando impregnada de certo vitalismo estético. Porque Barros Pinho é o antípoda do lírico endomingado trescalando a mofo e metafísica. É, pelo contrário, um poeta ensolarado, até mesmo quando calça as botas da elegia. Ele transita da realidade para a surrealidade sem perder a consciência da individualidade mítica que lastreia a aparente indigência da palavra. E poesia é palavra em estado de parábola. Poesia é palavra em crise, palavra que o coração aprende de novo pela boca dos ancestrais. Barros Pinho não é certamente um carpinteiro da linearidade encantatória. Praticamente ignora o verso-padrão, o verso com cesura, o verso espartilhado dos estetas estáticos. Diria mesmo que em lugar do verso ele pratica o in/verso. Baniu por inteiro o isossilabismo. Para ele a conta já não conta. O verso deixou de ser um fim em si. Uma realidade fonética com bastante autonomia e quase sempre nenhuma poesia. Barros Pinho faz do texto o pre/texto do poema. A palavra é o permanente desafio deste poeta tão cheio de preocupações existenciais. Este livro é, todo ele, um testemunho de

verdades fundamentais que o Poeta incorporou à sua existência. Nesta ordem de coisas, o rio de sua infância não é apenas paisagem, porque "o rio encheu / os olhos do menino / só de espanto". Do mesmo modo é o que acontece com o velho catavento. O Poeta o vê não como um elemento da paisagem, como um instrumento primário de funções nitidamente econômicas. Para ele o catavento é um "digno filósofo / sobre a borda / do poço / (que) vive a vaga / vida do vento / só na solidão / técnica do tempo / rústica rosa / dos ventos / marca o mistério do mundo".

Este Poeta sabe tirar partido da concretude das coisas. À maneira de Fernando Pessoa, ele pode dizer que "a espantosa realidade das coisas é a sua descoberta de todos os dias". Ele sabe que o homem está impregnado do mistério de tudo. Não ignora que "em tudo a vida é cúmplice". Também não lhe escapa que "a vida vai se consumir no tempo". Talvez por isso mesmo, "de novo comigo a solidão / a cara mais displicente do mundo". Esta consciência da solidão é que responde por um dos mais belos poemas deste livro. Diz assim: "o rio Parnaíba / devia correr / perto de mim / quando me sentisse / só / devia estar / perto de mim / rio manhoso / leva e lava / minha solidão". A sua expressividade poética não se limita às formas tradicionais da sintaxe lírica. À simetria prefere o assimétrico. Ao verso-bem-comportado, o verso-joão-ninguém. O verso sem gravata e colarinho duro. O verso sem casaca e flor à lapela.

Já se falou aqui do gosto do Poeta pelo surreal. A cada instante esbarramos em versos como estes: "carrego madrugada / no canto dos olhos / nos meus ombros / depositaram noites / que não querem ser dia. / No princípio / era o verbo / verde vento / do paraíso". Outro aspecto surpreendente neste Poeta é a sua maneira nova de cantar o amor. Os seus poemas de amor nada têm da odorífera grandiloquência salomônica. São poemas completamente despojados, em que predomina a sintaxe do sintético. O elemento lúdico é outro dos grandes esteios de sua poemática, inclusive a amorosa. As suas metáforas em relação ao amor e à mulher não pretendem transcendentalizar o que de real possa existir em ambos.

*lá vem josefina  
de braço com a ternura  
no corpo a serpente  
de cabeça dourada  
expõe o vaso de veneno.*

Assim são os seus poemas de amor. Fortes como a terra molhada. A terra fecundada pelo céu. "A palavra não basta / para teu corpo macio / plantado no pelo da cana", diz o Poeta com plena consciência do seu ofício. Ele sabe que a palavra não se basta. Por isso freqüentemente recorre à linguagem figurada: "tenho dois quilômetros / de distância / entre meus olhos / e as mãos que te esperam / tenho o espaço do mundo / o pulso da noite / o recado da sombra / uma sala na lua / só para teu sonho".

Barros Pinho é cada vez mais Poeta. Os seus livros revelam que ele tem conseguido uma extraordinária progressão em termos de qualidade do produto literário. E o mais surpreendente em tudo isso é que tendo escolhido a carreira de técnico de administração, ele fez deliberadamente a sua opção pela Poesia. Opção que, sem dúvida alguma, lhe deve ter custado bastante caro. Mas não é isso o que importa no momento. O que importa agora é saudar este Poeta como um dos valores mais expressivos de sua geração. Poeta que tem plena consciência da destinação que lhe coube. Destinação de que ele se desincumbe com absoluta humildade, pois não ignora que a poesia é a letra do nosso tempo. E sua profissão de fé, como Poeta e como Homem, está plenamente justificada nestes versos: "a minha solidão / me comporta / por inteiro".

## MESOFÁCIO \*

EUSÉLIO OLIVEIRA

a palavra atravessa os condutos do desenvolvimento humano sem perder os elementos constitutivos e essenciais de matéria-prima, isto é, de argamassa verbiótica, basificando o edifício/universo da comunicabilidade entre o ser e seu habitat social.

efetiva o compromisso ideogramático para identificar o gesto e a opção. é ponte de ligação entre o arquipélago comunitário e o continente unívoco do conhecimento. é bigorna que molda o ferro incandescente da extrospecção íntima transformando-a em lingotes de diálogo.

signo articulado. aproximação. identidade. soma atomizada da unidade eu/nós. e esse pólo bilateral se consolida na presente obra literária como um depoimento pautado no princípio/verbo e fim/verso. poesia imune de imitacionismo. anti carbono.

construção poética despida de arcos e capitéis comuns no subjetivismo barroco daqueles que omissos do processo cultural procuram impressionar a sensibilidade piegas dos semelhantes. poesia despida de adereços natalinos, livre da embalagem verbal presa aos laços coloridos do habitual, isto é, do ilusionismo mágico da mentira confeitada.

josé maria barros pinho não faz do poema um passatempo predileto da elite supe(r)ada, mas produto inventivo do sensível apreendido. autor fiel ao sentido permanente e mutável das coisas, não adultera o sentido maior do aprendido, transformando o símbolo poético em cipó para o vôo circense do

\* Mantivemos a grafia mas não a diagramação do original.

tarzan-ideológico-festivo que consuetudinariamente grita na floresta emocional da burguesia desesperada. é o portador da senha verbal que obstrui o sonho. gestor daquela preocupação responsável em se tratando de alijar o equívoco teorizante e dogmático. toda a estrutura, formal e conteudística, de sua obra não apresenta nem de leve as equimoses ou danos de uma derrapagem intempestiva no aterro do improviso, mas a denúncia de uma ruptura com postulados senectos. ela foi germinada e construída como uma insubmissão contra o empacotamento promocional de uma minoria que sempre confundiu arte com panfleto mimeografado, estesia com almanaque capivarol, social com popularesco, esnobismo autodidata com consciência intelectual. josé maria barros pinho com seu *planisfério* é um estro/nauta, habitante da cápsula poética, não em busca de estrelas bilaquianas, mas um homem a serviço da mensagem e da integração cultural. sua obra literária tem a fisiognomia de um condomínio da sensibilidade mundividente. objetos fabricados com o tecido têxtil do texto no tear signográfico. Estoque válido para consumo imediato onde se destaca a ausência do intermediário e do fortuito. presença agressiva da originalidade. tapeceiro exímio da palavra. artesão práxis e poeta do antecipado. em percorrendo as cabines espaçosas de seus poemas constatamos a intenção serena de, ciberneticamente, vedar as portinholas sentimentalóides da nave verbal a fim de que a visão viciosa de paisagens comuns não afetasse a perspectiva matemática de novas investidas no até então indevassável. e ele como piloto não teme a audácia da missão, nem transpira pelos poros do lirismo leucêmico a pastosa e úmida secreção do arrebatamento heróico/discursivo do chamado realismo social. também não está passível de ser vítima do embriagamento nauseante da filosofia pó de arroz "made in sodalício".

no conjunto a confecção poética de barros pinho difere dos demais companheiros de sua geração em sendo o montador lúdico/geométrico de cada bloco verbi/comunicatório.

há nos estágios de seu missil verbal a nudez edênica do invento. a perfeição nítida como uma lágrima. a busca precisa e contínua de um contador **geiger**. desnecessário se torna enunciar este ou aquele poema, pois o encargo que se nos apresenta não se identifica com a missão maquinal de um **maitre** do paladar coletivo. as unidades e frações da obra abordada não se desintegram no atrito do personativo, mas r(existem) no circuito de uma elipse vigorosa e científica. poeta-homem-artífice o anti-homossexual em poesia. josé maria barros pinho não é um jardineiro onânico. age com a palavra como um domador. é o possuidor e não o possuído. não é um poeta de cúpula, mas de cópula com a docilidade feminina da palavra. não pratica nem confunde arte com artifício. marca e demarca o limite entre o micro e o macro. consoma o poético e o pólen/polêmico. cartógrafo dos sentidos e dos gestos. temp/oral.

*planisferio* não é um índice remissivo do que foi dito. é o bem dito sem a carga evasiva do místico. míssil mesmo. elaboração consciente de um poeta

autêntico que participa do *processus* cultural. do tempo em que vivemos. em sua hermenáutica sintaxe verbal não vislumbramos o pessimismo caboclo, linha rata-plan do esquerdismo teleguiado. conduz pelo senso e não pela censura estereotipada. cada palavra é uma ducha líquida que apaga o pavio da bomba e do medo. devasta áreas até então desabitadas pondo em cada um de nós o estímulo otimista da vida e do amor.

temos a onisciência de por intermédio deste **mesofácio** anunciar o surgimento e a circulação de uma obra poética digna de destaque. obedecemos ao critério de considerar eliminando aprioristicamente o perigo tradicional e o lugar-comum de tecer a teia das comparações e enfoques analógicos. José Maria Barros Pinho independe desses exercícios ginásticos da crítica. daí a nossa preocupação maior de cientificar o público e não de confundi-lo com teoricismos caducos. a arte e a poesia são forças autônomas muito embora interdependentes, vinculadas ao compromisso de integrar o homem na partitura harmônica do uni/verso.

## **HORÁCIO DÍDIMO**

Horácio Dídimo Pereira Barbosa Vieira. Nascido em Fortaleza, Ceará, a 23 de março de 1935.

Formado em Direito e em Letras, com Doutorado em Literatura Comparada.

Professor do Departamento de Literatura da UFC. Membro da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

Participou do **movimento de arte concreta** do Ceará.

### **DO AUTOR**

#### **POESIA**

*Tempo de chuva*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1967. Prêmio Universidade Federal do Ceará.

*Tijolo de barro*. Fortaleza: Sin, Ed. 1968. Prêmio Cidade de Fortaleza.

*O chão dos astronautas*. Fortaleza: Revista *O Caboré*, nº 4, 1969.

*A palavra e a Palavra*. Fortaleza: IOCE, 1980.

*Amor - Palavra que muda de cor*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Nova edição de *A palavra e a Palavra*).

*Exercícios de admiração*. Fortaleza: Clã, 1980.

*Exercícios de navegação*. Fortaleza: Ed. do Autor, 1988.

*Exercícios de contemplação*. Fortaleza: Ed. do Autor, 1989.

*Esperantaj poemetoj*. Fortaleza: UFC, 1987 (Doze pequenos poemas em esperanto com tradução em português).

*Exercícios de transcrição*. Fortaleza: Revista de Letras, 1987 (Paráfrases de poemas de Púchkin, baseadas nas traduções de Hesíodo Facó).

*A estrela azul*. Fortaleza: Ed. do Autor, 1990.

*A nave de prata*, livro de sonetos & *Quadro verde*, poemas visuais, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1991.

*Piërvaia Titrat Rússkovo Yazyká* (Primeiro Caderno de Russo), 1986 (vinte pequenos poemas em russo com transliteração e tradução em português)

LITERATURA INFANTIL

- O passarinho carrancudo*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1980; 2ª ed. 1982.  
*Festa no mercadinho*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1981.  
*A escola dos bichos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1982.  
*Historinhas do mestre jabuti*. Juazeiro do Norte: Ed. do autor, 1982.  
*O desfile das letras*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1982.  
*As flores e os passarinhos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1983.  
*Um novo dia*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1983.  
*As reinações do rei* (antologia de poeminhas reais). Fortaleza: Revista de Letras, 1985.  
*A cara dos algarismos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1983.  
*O menino perguntador*. Fortaleza: Jornal de Cultura, 1986.

ENSAIO

- O signo poemático*. Fortaleza: Revista de Letras, 1982.  
*As harmonias do Pai-Nosso*, roteiros para meditação. Fortaleza: Tip. São Francisco, 1983; 2ª ed. 1986.  
*As funções da linguagem e da literatura*. Fortaleza: Revista de Letras, 1983.  
*As sete dimensões do exercício de escrever*. Fortaleza: Revista de Letras, 1985.  
*Poesia e literatura infantil*. Fortaleza: Revista de Letras, 1981.  
*As funções da literatura infantil*. Fortaleza: Revista de Letras, 1986.  
*As dimensões do magistério de Letras*. Fortaleza: Jornal de Cultura, 1990.  
*As dimensões do paratexto*. Fortaleza: Jornal de Cultura, 1990.

SOBRE O AUTOR

- AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p. 547-549.  
 ARAÚJO, Pe. F. Sadoc de. A mensagem de um poeta místico. In: *Ceará: homens e livros*. Fortaleza, Crecel, 1981, p. 1335-142.  
 CARVALHO, Francisco. *Um poeta e sua voz*. Fortaleza: *Gazeta de Notícias*, 18.11.68.  
 COELHO, Nely Novaes. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira, 1882-1982*. São Paulo: Quíron, 1983.  
 LINHARES FILHO. O passarinho carrancudo. *Revista de Letras*, Fortaleza: UFC, 6 (1/2): 164-166, 1983.  
 LYRA, Pedro. Poesia e esperança em Horácio Dídimo. In: *Poesia cearense e realidade atual*. Petrópolis: Vozes, 1975, p.90-95.

- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969.
- MONTEIRO, José Lemos. A palavra do poeta Horácio Dídimo. *Revista de Letras*. Fortaleza: UFC, 2/3 (2/1): 20-31, 1979/1980.
- MONTENEGRO, Braga. Prefácio de *Tempo de chuva*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- OLIVEIRA, Maria de Lourdes. A leitura como exercício de competência retórica. *Revista de Letras*, Fortaleza: UFC, 11 (2): 185-194, 1986.

### AS DOCES MENINAS DE OUTRORA

as doces meninas de outrora  
amanheceram  
vestiram os vestidos novos  
pintaram as unhas de vermelho  
por um instante resplandeceram  
depois baixaram as cabecinhas louras  
e envelheceram como as flores

### O BANCO DO JARDIM

ela foi embora  
mas as palavras que ela disse ficaram  
e conversaram muito tempo ainda

### A ESTRADA

vou andando romântico e macambúzio  
cheio de idéias velhas  
e sobrenomes antiquíssimos

é esta uma das formas de dizer adeus

## SOL

um sol maior  
sorriu de leve  
no meu enfim

mais do que nunca  
mil vezes mil  
sinto que sim

festejemos  
eu festejemos  
eu somos dois

morreu o antes  
e agora é verde  
como um depois

*(Tempo de chuva)*

## A SOBREMESA

quem sabe o que vem depois?

jantamos nossos churrascos  
contra a vontade dos bois

## "A LANTERNA DE DIÓGENES"

### - BAR E RESTAURANTE

poucos  
são  
os  
homens

e  
muitos  
os  
abdomens

## **A SOLUÇÃO**

daqui a cem anos  
todos os nossos problemas  
nos terão resolvido

## **O ANÃOZINHO**

tanto fez  
tanto fez  
que uma estrela azul brilhou no céu  
pela primeira vez

## **FELICIDADE**

felicidade  
de haver recebido  
num copo de cristal  
rebrilhante de sol  
um pouco de água límpida e pura  
inesperadamente

*(Tijolo de barro)*

## **A ASA**

a asa é azul  
verde é a verdade  
o tempo é cinza é cinza é cinza  
suave é o amor

## **A DISCUSSÃO**

o violino diz que sim  
e o violão diz que não  
e o poeta faz dó  
ré mi fá  
sol la si  
com as suas palavrinhas

## O SOL EXISTE

ainda que seja noite  
o sol existe  
por cima de pau e pedra  
nuvens e tempestades  
cobras e lagartos  
o sol existe

ainda que tranquem o nosso quarto  
e apaguem a luz  
o sol existe

## O PASSARINHO CARRANCUDO

era uma vez um passarinho carrancudo  
que não sabia  
    não sabia  
    não sabia navegar  
    passava uma  
        duas três  
        quatro cinco  
        seis semanas  
e não parava não parava não parava  
de cantar

*(O passarinho carrancudo)*

## OS INSETOS BIBLIÓFAGOS ASSIMILAM A SEU MODO A CULTURA HUMANA

o poeta distraído  
catava o vidro colorido  
das palavras

DERRETE TEU OURO E TUA PRATA;  
FAZE UMA BALANÇA PARA PESAR AS TUAS PALAVRAS.  
(Eclo 28,29)

## **O PRESENTE DESATADO NA PONTA DO FIO DO PASSADO**

o pouco pode ser o muito  
disfarçado

É COMO O GRÃO DE MOSTARDA  
QUE QUANDO É SEMEADO,  
É A MENOR DE TODAS AS SEMENTES.  
(Mc 4,31)

## **OS GIGANTES**

os gigantes vão perdendo as forças  
quando não conseguem prender nossa atenção

lá se vão eles  
anõezinhos enormes  
mendigando olho por olho  
dente por dente

PORQUE A IRA DO HOMEM  
NÃO OPERA A JUSTIÇA DE DEUS.  
(Tg 1,20)

## **O AFINADOR DE PALAVRAS**

quero passar um dia bem azul  
polindo velhas palavras  
até que elas brilhem como o sol

CANTAREI UM CÂNTICO DE LOUVOR AO NOME DO SENHOR,  
E O GLORIFICAREI COM UM HINO DE GRATIDÃO.  
(Sl 68,31)

*(A palavra e a Palavra)*

## AS REINAÇÕES DO REI

### 1. A COROA DO REI

O rei quanto mais complica  
mais rei-fica.

### 6. A SABEDORIA DO REI

todos nós somos iguais  
uns menos outros mais

### 8. A TEIMOSIA DO REI

as coisas não acontecem  
como a gente quer

nem mesmo como a gente  
não quer

as coisas nunca pedem  
a nossa opinião

### 12. O DECRETO DO REI

dona carochinha  
era uma velhinha  
muito enfezadinha  
que contava histórias engraçadas  
que entravam pela perna de um pato  
e saíam pela perna de um pinto

mas el-rei mandou dizer  
que acabou-se o que era doce  
aí ela calou-se

#### 14. O TESOURO DO REI

lá vai o rei  
de rabeção  
deixou em casa  
o seu tostão

lá vai o rei  
de rabequinha  
deixou em casa  
tudo o que tinha

lá vai o rei  
de violão  
quebrando as cordas  
do coração  
chorando as penas  
do gavião

#### 18. OS FANTASMAS DO REI

à noite  
todos os dedos  
são dardos  
todos os passos  
são tardos  
todos os matos  
são cardos  
todos os bêbados  
são bardos  
todos os gatos  
são leopardos

*(As Reinações do Rei)*

## 2. БЕЛОЕ ПРОСТРАНСТВО

Тогда - сегодня  
чёрный карандаш поёт  
на бумаге.

BIÉLAIE PRASTRÁNSTVA

tagdá - sivódnhia  
tchiórhi karandach paiot  
na bumáguie

ESPAÇO BRANCO

naquele tempo - hoje  
o lápis preto canta  
no papel

## 18. ПОЭЗИЯ

Слушаю  
музыку русских  
слов!

PAÉZIA

slúchaio  
miúzyku rússkikh  
slov!

POESIA

escuto  
a música das palavras  
russas!

## 19. ГРОМ

Огромные тучи  
громко  
разговаривают.

## GROM

agrómnyie tútchi  
gromka  
rasgavárivaiut

## O TROVÃO

nuvens imensas  
em voz alta conversam

*(Primeiro Caderno de Russo)*

### 2. mirrakonto

la feinoj  
dancas  
ĉirkaŭ la luno

### 2. conto de fadas

as fadas  
dançam  
ao redor da lua

### 3. ludo

la bufo  
piedfrapadas  
sur la sapo

### 3. brincadeira

o sapo  
sapateia  
no sabão

### 4. nokto

kial  
ne venas  
la steloj?

### 4. noite

porque  
não vêm  
as estrelas?

### 7. koro

sonoriloj  
solidare  
sonoras

### 7. coração

os sinos  
tocam  
solidários

### 11. spegulo

mi  
vidas alian  
min

### 11. espelho

eu  
vejo outro  
eu

12. kristnasko

12. natal

mia via lia  
niaj frataj  
koroj

o meu o teu o seu  
os nossos fraternos  
corações

*(Esperantaj Poemetoj)*

**renovação**

Quando vejo a estrela azul  
começa tudo de novo:  
o Menino no presépio,  
Deus no meio do seu povo.

E no meio desse povo  
estamos eu e você;  
quando vejo a estrela azul  
aumenta meu bem-querer.

Quando vejo a estrela azul  
passam anjos e pastores,  
passam reis nos seus andores.

Quando vejo a estrela azul  
rezo, canto, danço e louvo:  
começa tudo de novo.

**revelação**

Quando vejo a estrela azul  
brilhando por um instante  
descanso em águas tranqüilas  
e em pastagens verdejantes.

Minha alma se fortalece,  
minha vida se transforma,  
uma mesa é preparada  
e meu cálice transborda.



19. o sol

    r  
    ee  
  reviver  
  ei  ie  
  v    v  
  ei  ie  
  reviver  
    ee  
    r

Quando penso no sol, no sol do amor,  
as coisas acontecem de repente,  
acredito na vida plenamente,  
o mundo não parece enganador.

Quando penso no sol, no sol do amor,  
vejo tudo bem claro na memória,  
tudo o que fez e faz a nossa história,  
aqui, ali, além, em derredor.

Vejo verde no templo dos irmãos,  
navios verdes vejo que vêm vindo,  
vejo o mar, vejo o rio, vejo a fonte.

Vejo tanto futuro no horizonte,  
vejo tanto passado refluindo,  
vejo tanto presente em nossas mãos!

(A Nave de Prata)

## TEMPO DE CHUVA

LUIZ HERMÓGENES

Horácio Didimo teve como prêmio "Universidade do Ceará", a publicação dos seus cadernos de versos num livro denominado *Tempo de Chuva*.

Como todo bom cearense teria de falar na água que cai dos céus, porque, em torno desse elemento natural, giram todas as realidades da vida.

Se, para Protágoras, "o homem era a medida de todas as coisas", - para Thales de Mileto, na sua doutrina cosmológica, a água era o elemento preponderante do universo. E como, no Ceará, nem sempre se conta com esse grande fator do progresso, os habitantes das plagas alencarinas não conversam e nem escrevem sem que alguma referência lhe façam. É o refrão constante dos seus pensamentos e das suas cogitações. Daí o título das magníficas melodias de Horácio Didimo. Pertencem à cartilha moderna dos que versejam, sintetizando imagens e condensando exortações. É o redemoinho dos tempos, quando tudo passa em corridas e vertigens.

E dizem os cientistas que a média cronológica da existência humana está aumentando. . . Não parece, porque a velocidade com que os anos fogem torna os dias curtos, mutilando ardores e anseios. De que serve a síntese, se os prazeres não podem ser prolongados?

Todavia, não adianta contrariar os ventos, que tanto apagam as velas como alimentam os incêndios.

Para obviar paradoxos, temos que nos submeter à sinopse das reflexões e ao resumo dos entendimentos. Exige-se brevidade nas expressões que representam as letras, as artes, as ciências e até as religiões. Pelo que se verifica, tudo foi avassalado pela síntese. Será melhor ou pior para a vivência sensorial do homem?

Seja como for, o hedonismo, na significação pura do seu criador, assinala uma das predileções mais favoritas da euforia individual.

Porém, nos dias que correm, as injunções são outras e as análises tomam tempo e espaço; e isto representa metal corrente. Encurtem-se, por conseguinte, gozos e prazeres, porque a maquinocracia estreita todos os intuitos que alegrem as almas e acalmam os corações.

A máquina vai pouco a pouco substituindo o homem e acaba por colocá-lo na minimez fria e apática dos sensores.

Horácio Didimo compreende bem esse desiderato, tanto que, aqui e acolá, o tema de sua poética convida ao discernimento natural dos fatos com leveza filosófica e atraente. Senão vejamos:

"Os robôs" é um resumo significativo de imaginação forte. Poesia que restringe tudo, que sintetiza proibições e encolhe a liberdade do indivíduo: "pare

/faça fila / não pise aqui / não dobre acolá / não fume / faça isso / não faça aquilo / e não se aceitam reclamações posteriores /.

É a técnica regulando as coisas e mecanizando o pobre mortal. A ciência precisa ser mais humana, progredir menos e dar mais descanso ao homem, ao homem moderno que anda tão atribulado e tão sôfrego, que não tem tempo para acabar com as guerras. Não vive; sofre e morre, para ser substituído pelo **robô**. Será que o conhecimento é um bem ou um mal? No seu tempo, Erasmo dizia que "a ciência conduz o homem cada vez menos à felicidade".

E agora, com o poder generalizado da síntese, até a poesia tem a sua condensação: poucas frases, linhas curtas e palavras contadas. A análise fica para o pensamento de quem lê; cada qual julgue como quiser e estenda-se a vontade, para ver como pode tornar-se feliz.

Horácio Dídimo não é só o poeta do *novo conceito*, o concretista, ou *bossa nova* de valor; projeta-se mais, transforma-se num filósofo sutil, natural e conformado, tal como surge naquele poema: "de como apesar de tudo a vida continua" que se alinha, palavra por palavra, em três pequenas orações: "se eu pudesse / - mas não adianta - / eu não posso".

Se todos aqueles que não dão conta dos misteres para que foram chamados, tivessem a coragem de declarar a própria incapacidade, o aproveitamento dos esforços seria mais razoável e compensador. A vaidade humana, porém, não gosta da verdade: e, por isso, ninguém se declara incompetente. Todo o mundo acha que pode e que tem aptidões múltiplas. Quando chega a hora de mostrar o que sabe, não encontra jeito, nem habilidade para fazer o que lhe foi destinado. Não pode, mas "apesar disso a vida continua". O poeta-filósofo tem, por conseguinte, a sua razão, porque nada se detém: ou vai para frente, ou para trás.

Nos versos "A estrada" o poeta proclama: "vou andando romântico e macabúzio cheio de idéias velhas / e sobrenomes antiquíssimos / é esta uma das formas de dizer adeus".

Resulta daí a idéia de um caminho longo, o caminho do sofrimento e dos sonhos, tal como é o palmilhar do ser humano, pela existência afora, em busca da felicidade que a gente julga ver nos outros, mas que nem sempre existe. As afirmações poéticas de Horácio Dídimo são, assim, leves, transparentes e macias.

No poema "A fumaça", ele debulha a palavra *cigarro*, diminuindo letra por letra, do fim para o princípio, quando fica sussurrando somente o c. E aí termina, com um bonito anacoluto, chiando em duas expressões: "cinza", "sarro". Vem logo à mente do leitor o que Jeovah disse a Adão: *memento, homo, quia pulvis es*. . . , recordando o pó e os resíduos desagradáveis em que se transformam os homens e as coisas. Quanto raciocínio produz essa composição concretista, para quem não vê unicamente o cigarro que se queima e se consome em fumaça, sarro e cinza. Hoje, com o progresso da indústria, o ígneo rolinho embrulhado de fumo liquida-se até sozinho; não precisa de quem o aspire. Também já vive amortalhado. . . E quantas pessoas sencientes andam assim, por esse mundo de Deus!

Vale a pena ler e interpretar o poeta da nova escola, para se fazer juízo seguro do que afirmamos nestas linhas e apreciar o domínio suave das suas lu-

cubrações, traduzidas em devaneios de uma simplicidade melodiosa e encantadora.

"A branca de neve", "Chapeuzinho vermelho", "As doces meninas de outrora" são outros tantos poemas de admirável síntese.

"Era bom" e "O anjo" são concepções de profundo alcance na delicadeza dos sentimentos, tal como "O fardo" que acorda consciências, trazendo lembranças e pressentimentos. Tudo escrito com serenidade, representa delicadamente as forças de um espírito que perscruta as boas sensações das almas puras.

Em "O futuro" o nubente fala com segurança e felicidade no dia do casamento e lê, altivo, as notícias dos jornais sobre a situação do país. / "Naquele dia o seu futuro era sólido e não havia infarto". /

Pronto, termina aí. Será que o noivo casou-se? morreu? ficou hemiplégico? Tudo é possível. O entusiasmo tem medida; e a gente deve contar sempre com tropeços e embaraços. É o revezamento comum dos sorrisos e dos gemidos! Mais uma vez o poeta registra naturalmente a marcha das horas e dos dias no balanço resumido dos seus pensamentos.

Na mesma ordem de idéias compõe "O lixo o luxo" e, depois de frasear com muriçocas amarelas, moscas azuis, miséria negra e piscinas azuis, conclui assim:

*"o lixo o luxo  
as tertúlias coloridas  
os caixões azuis"*

O autor enxerga tudo e, como verdadeiro humanista, dá a entender a filosofia vivencial do ser humano. Em "O patinho feio" há uma estória enternecedora de tristeza. Como é triste ser feio!

"Pierrô" mostra também melancolia, porém com romantismo e meiguice. São versos melodiosos de profundo sentimento. É uma página maravilhosa de encanto e beleza que amolentam a alma e o coração, ao mesmo tempo. A ternura desse poema confirma, por si só, a verdadeira configuração de um poeta.

Horácio Dídimo vai enchendo o livro com as mais diversas sensações que o leitor escolhe ao seu gosto, porém sempre dentro de um humanismo natural e sadio.

Apesar do seu concretismo encontramos o soneto "O quarto", o único representante da velha escola, muito bem apresentado e que não desmerece a companhia dos ritmos novos e das modernas cadências.

Nos versos que compõem "O sujeito" avulta friamente a verdade inexorável na ingratidão humana, marmórea, pesada e indestrutível. É a narrativa simples de um sujeito conversador e bem acolhido pelos companheiros, quando "um dia ele se descuidou e morreu e ninguém nunca mais se lembrou dele".

Esse esquecimento é uma terrível ingratidão. Maldade que surge com tanta frequência, que os homens parecem uns grandes desmemoriados.

Verdade é que muitas vezes o homem não é somente ingrato pelo simples fato de esquecer, mas por inveja, ódio, vaidade ou por falta de poder ser o que os outros são, ou de não ter o que os outros possuem.

De qualquer modo a ingratidão magoa os que a sentem e entristece os que a conhecem.

"O seu sorriso" é uma delicadeza de criação. Tem beleza e melodia.

E assim são "Os pássaros" e muitas outras produções de *Tempo de Chuva*, paradoxo de síntese na análise irreduzível de sentimentos e emoções.

## UM POETA E SUA VOZ

FRANCISCO CARVALHO

Horácio Dídimo, quando se fez poeta em *Tempo de Chuva*, já era alguém que desafiava o mundo com riso e lucidez. Alguém que sabia ver as coisas com emoção, sem a perplexidade passiva dos que não aprenderam a respirar através das palavras. Agora, vem ele com novo livro de poemas. É um *tijolo de barro* que se acrescenta ao muro da nossa solidão, dando-lhe maior profundidade, beleza e solidez. Antes de mais nada, e para que não se diga que estou tentando ser cordial em face de um autor medíocre, é necessário que se afirme categoricamente estarmos diante de um dos mais altos valores poéticos já surgidos no Ceará, em qualquer tempo. Ele faz realmente grande poesia, a poesia dos eleitos. É necessário muita clarividência para se vislumbrar a grandeza humana deste poeta através da frágil tessitura verbal dos seus poemas. Poemas que na sua maioria se reduzem a uma dezena de palavras e, às vezes, até menos. Mas é de ver a profunda consciência deste poeta de rosto apocalíptico que emerge cristalinamente da escuma dos dias com as mãos repletas de canções, de palavras amargamente enternecidas. É um poeta de afirmação, de atitudes viris em face do mundo, poeta de extraordinário conteúdo existencial, que resiste heroicamente à tentação de se tornar cúmplice da numerosa legião de mornos que se alastram por todas as esquinas da vida. Sua poesia reflete a tensão dialética de um mundo que se multiplica em palpitações dionisíacas, de um mundo que respira todos os odores, que se rebela, que se exalta, que se entenece. O poeta não alimenta grandes ilusões a respeito dos homens, nem de suas maquinações. Mas afirma com implacável esperança, num dos grandes poemas do livro, que "um dia haverá alguém que diga não / - não / um não que cortará os pulsos / do desespero / um não que surgirá firme / como o sol na madrugada / e encherá os nossos olhos / de lágrimas".

Em outro poema igualmente notável (pág. 19), volta o poeta a afirmar, meio irônico, meio amargo, "que poucos são os homens e muitos os abdômens". É curioso observar que grande parcela do dinamismo metafórico do poema se contém precisamente no título, onde as palavras "bar e restaurante", funcionando em oposição à epígrafe "lanterna de diógenes", acentuam a contradição que se propaga no bojo do poema ("poucos são os homens e muitos os abdômens"). Toda a carga sensorial do poema se fundamenta, aliás, nessa contradição. Bar

sugere a idéia de beber e é bebendo que os homens comprometem a sua lucidez. Por sua vez, a palavra "restaurante" tem seu equivalente metafórico no signo "abdômens", que funciona no contexto do poema em oposição sintática ao substrativo "homens". Horácio Dídimo é poeta dotado de extraordinária clareza interior. A cada passo o encontramos íntegro, múltiplo e cabal na plenitude do poema. Em "o homem na cadeira de balanço", ele investe de riso e ironia contra a "bem-aventurança medíocre" dos que sem um gesto de dignidade em face do tempo, se recolhem acovardados à obliquidade dos pijamas, dos que simplesmente consentem, dos que não protestam contra o silêncio dos muros, dos que não sabem distinguir uma rosa de um lápis, enfim, de todos aqueles que não se armam de um pouco de malícia para agarrar o insólito. Diz o poeta, com veemência e ironia, que "precisamos criar juízo / cumprir as determinações / e tomar enérgicas providências / precisamos coibir os abusos / respeitar os sinais do tempo / e outras normas regulamentares / precisamos ficar calados / diante de certas coisas / porque assim é melhor / precisamos evitar as mãos magras das visitas / os olhos noturnos dos gatos / e o apelo da verdade". As intenções do poema são bastante claras na sua aparente linearidade. Cada palavra contém em seu bojo extraordinária carga de evidência. Muitas virtudes possui este poeta, além da forte personalidade literária que marca profundamente a sua obra. Em nenhum momento ele usa o rosto alheio. Contempla o mundo com os próprios olhos e exercita uma linguagem de fortes conotações líricas. Em mais de um poema, ele subverte os fundamentos de certos raciocínios convencionais para atingir uma realidade poética que se realiza plenamente através de paradoxos verbais, como nestes versos: "daqui a cem anos / todos os nossos problemas / nos terão resolvido". Ou como nestes: "cada mania / tem o seu doido / de estimação". Em "as maravilhas da natureza", conta o poeta a tragédia de "um sapãozinho / que morava na lagoa / tinha uma raiva acesa nos olhos / mas passava a noite cantando / na sua cadeira de rodas". É fora de dúvida que o "sapãozinho" se desloca da órbita do poema para assumir conotações mais amplas. Começa pelo aumentativo "sapão", neutralizado pelo sufixo diminutivo "zinho", eliminando desde logo qualquer possibilidade de grandeza. Temos, assim, a coisa reduzida à insignificância de sua dimensão. Quanto ao resto, basta imaginar a precariedade da existência humana. Passamos a vida com "uma raiva acesa nos olhos", mas desgraçadamente continuamos presos às nossas impossibilidades como se estivéssemos atados a uma "cadeira de rodas". Em "as comemorações", dá o poeta toda a medida de sua angústia existencial quando reconhece que "não há tempo nem mesmo para o choro da criança / a lamentação do mundo não pára / como somos tristes! / o vento empurra para trás / a copa verde das árvores". O dístico final pretende justificar metaforicamente a velocidade do tempo em relação à brevidade da existência humana. Já em o "anãozinho", é evidente a mensagem de otimismo do poeta: "tanto fez / tanto fez / que uma estrela azul brilhou no céu / pela primeira vez". É como se o poeta nos advertisse de que devemos continuar existindo, de que devemos continuar esperando, de que devemos renunciar ao uso da palavra, nem ao gosto do sol e das coisas. É como se ele quisesse realmente nos advertir de que não passamos de insignificantes

"anãozinhos", irmanados pelo medo e pela perplexidade. Não vou terminar sem antes dizer-lhes uma coisa: não deixem de atentar para a grande poesia que se contém nos pequenos versos deste poeta de extraordinária grandeza humana. Pois é exatamente isto o que finalmente prevalece na obra de um autor: grandeza humana. É a dimensão que conta no patrimônio literário de qualquer escritor. Quem não possui grandeza como escritor nada poderá oferecer através da literatura, a não ser fórmulas. Mas as fórmulas, como as formas, são simples conquistas do momento histórico. O que significa dizer: cada nova geração as substitui por outras. Horácio Didimo é poeta bem dotado. Tem o que dizer e sabe como dizer. Estou convencido de que ele terá brevemente a atenção que merece, como poeta que sabe realmente se expressar numa das mais puras gradações já atingidas pela poesia lírica em nossa terra.

## A MENSAGEM DE UM POETA MÍSTICO

Pe. F. SADOQ DE ARAÚJO

*A travers Dieu, par Dieu, le mystique aime toute l'humanité d'un divin amour. Coincident son amour avec l'amour qui a tout fait, il livrerait a qui savait l'interroger le secret de la création.*

Bergson

Diante da força do convite do autor, cedi para aceitar a incumbência de fazer a apresentação de *A palavra e a Palavra*, o mais novo livro do poeta Horácio Didimo, recentemente editado pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

A Palavra, em maiúscula, é o Verbo de Deus que se fez carne e habitou entre nós. A palavra, em minúscula, é a linguagem humana que se faz poesia e oração para habitar entre os santos.

Horácio Didimo realiza em si a definição de poeta como um ser em relação privilegiada com o sagrado e o transcendente. Seus poemas, com marcada tendência para o concretismo e indisfarçável inclinação para o surrealismo, nascem espontaneamente no limite entre a palavra e o silêncio, região fronteira entre a presença do ser que plenifica a inteligência e o coração, e a sua ausência que matiza de saudade e de mistério os mais íntimos recônditos das emoções humanas.

Horácio Didimo, poeta e místico de muitas qualidades, só poderá ser entendido e saboreado por quem o leia com fina sensibilidade e com alguma vivência de fé.

A poesia pura, no dizer de Henri Brémond, reside essencialmente na plenitude da intuição estética manifestada na imagem lírica e expressa na totalidade da experiência espiritual do homem e se torna a mais próxima vizinha da

contemplação mística e da comunhão com Deus. É bem certo que a mística e a poesia são realidades distintas em si mesmas, dentro de seus respectivos domínios, já que a primeira refere-se especificamente à intuição afetiva ou especulativa do princípio transcendente dos seres como totalidade, enquanto a segunda se relaciona com a intuição criadora da beleza na singularidade dos seres.

Embora distintas entre si, poesia e mística nascem do mesmo centro da alma e se alimentam do mesmo mistério da contemplação. A poesia é a alma interior das artes e a mística é a arte interior das almas. O conhecimento poético natural e o conhecimento místico sobrenatural envolvem o mesmo objeto, mas enquanto o místico se recolhe no silêncio da contemplação interior, o poeta expressa na palavra a beleza de sua subjetividade intuída criativamente no contacto com o mundo sensível. O místico encontra a criação já feita e nela se delicia com a presença sentida do Criador. O poeta cria o poema, obra de sua intuição estética, e participa ativamente da própria criação tornando-a mais bela para o homem.

Ambos se tornam abertos ao Absoluto e se deliciam no reconhecimento desta abertura. A mística é o silêncio aberto à palavra e a poesia é a palavra aberta ao silêncio. Eis por que tanto a poesia quanto a mística se colocam na fronteira entre o silêncio e a palavra. O poeta escuta a palavra das coisas e a profere em forma de poema no silêncio dos homens. O místico escuta a Palavra de Deus e a guarda no silêncio da contemplação. Por isso é que somente o poeta é "capaz de ouvir e de entender estrelas", como Bilac, e somente o santo é capaz de ouvir e de entender a voz de Deus que ressoa no silêncio da "noite escura", de que nos fala São João da Cruz.

O poeta percebe que a palavra humana pode expressar a beleza escondida no silêncio ontológico das coisas e o místico percebe que o silêncio das coisas pode expressar a beleza da Palavra Criadora. Em ambos, há uma busca de plenitude de ser, até atingir as profundidades da abstração metafísica onde o ser é apreendido na nudez e pureza de seus aspectos transcendentais de unidade, de verdade e de beleza. É neste encontro da consciência com a transcendência que se produz a emoção estética em um estado de unificação ou síntese interior. Diante do belo, síntese dos aspectos transcendentais do ser, o homem se arrebatá, se recolhe e se extasia. Esta profunda experiência do belo é tão intensa que não poderá ser reprimida, e o homem sente a incontável necessidade de expressá-la pela arte.

Na criação artística realiza-se a síntese entre o sujeito e o objeto, a comunhão do eu com o mundo, a harmonia do espírito com a matéria. Diante do belo, o poeta começa a falar e o místico começa a contemplar. Nasce a poesia e brota a oração. E o ser aparece em seu maior esplendor. Na experiência estética, como na mística, verifica-se uma iluminação interior, comum ao objeto e ao sujeito, fazendo com que ambos participem de uma unidade comum. O belo se torna assim, na expressão de Jacques Maritain, o esplendor de todos os transcendentais reunidos.

Se todos os seres são belos no nível da própria perfeição, nem todos contudo aparecem como tais ao olhar desprevenido. É função da arte recriar a linguagem de tal modo que se manifesta a beleza de cada ser na sua singularidade intransferível. Toda arte é linguagem cuja forma fundamental é a palavra. O ser só se realiza plenamente quando é manifestado pela palavra, "a casa do ser" na feliz definição de Martin Heidegger.

O apóstolo João, o evangelista místico, nos revela que "no princípio era a Palavra, e esta se fez carne e habitou entre nós". Cristo, como Palavra proferida pelo Pai no amor do Espírito, é o modelo perfeito da poesia de Deus. Cristo, o místico por excelência, se torna a revelação radical da vivência cristã da poesia, porque por ele tudo foi feito e nele nós vivemos, nos movemos e existimos.

Horácio Dídimo, na sua vivência de fé, descobre a beleza da Palavra guardada no significado de todas as palavras. Em cada um dos 148 pequenos poemas que compõem o livro o autor procura transmitir uma imagem, ou reflexo de uma mensagem, que nos ponha em contacto direto com o significado da Palavra guardado nas dimensões temporais de qualquer experiência humana. Em todos os momentos de nosso viver histórico há um sentido de cunho escatológico. Há algo que fica em tudo que passa. A síntese do livro se acha condensada na "palavra chave" que já não fecha nem abre, na palavra amor que muda de cor, na palavra verde que amadurece e na palavra ave que voa no papel. Tudo é transitório, instável e provisório, exceto a Palavra eterna, e o poeta sente a verdade da premissa: "passará o céu e a terra"- e presente a felicidade da promessa: "minhas palavras porém não passarão".

É nesta tensão entre o tempo e o eterno que se realiza a talentosa vocação poética do autor. Cada poema aparece como resultante de um movimento dialético, em que o tempo, como tese, se exprime na composição dos versos; a eternidade, como antítese, se revela na mensagem bíblica que os envolve; a realidade existencial, como síntese, se condensa no título que sugere e anuncia a experiência estética vivida misticamente pelo poeta. A palavra humana se dissolve no tempo, mas pode se impregnar da Palavra Divina e dar ao homem a certeza de que mesmo passando lhe ficam marcas indeléveis. O preço do tempo é permitir ao homem participar da eternidade de Deus e realizar a vida que vence a morte. Há no mistério do homem um contraste e uma tensão entre o provisório e o permanente, entre a morte e a vida, entre a ação e a oração. Viver é buscar a superação dos contrastes e da alienação do pecado. Ser homem é saber dizer não ao prosaísmo da palavra falsa e saber dizer sim à poesia da verdadeira Palavra.

As três partes em que se divide o livro são como três fases de um mesmo processo em que sempre se passa de uma negação a uma afirmação. O "tempo de chuva" passa mas fertiliza a terra, o "tijolo de barro" é frágil mas constrói a morada permanente, o "passarinho carrancudo" voa em pequeno espaço mas se ilumina de luz azul no céu infinito.

Estas intuições, apreendidas pelo poeta místico na experiência do dia-a-dia e vividas na oração contemplativa, nos são anunciadas em letras, ideogramas e

BH/UFC

versos. A forma literária depende da maior ou menor força da mensagem que se transmite. Às vezes o poema é fortemente concretista como em "o muro" que leva o emparedado a tentar a liberdade mostrando violência com o grito do "urro" e com o gesto do "murro", ou em "luz azul" que irradia para um centro comum de todas as luzes onde o Cristo as recebe no foco da redenção de sua cruz, ou em "necessidade" que em suas múltiplas formas nunca é plenamente satisfeita, ou em "as cordas do coração" que só vibram corretamente quando tangidas simultaneamente pelas mãos postas em oração e entregues à fadiga da ação, ou ainda em "tempo forte" que anuncia o diálogo entre Deus e o homem representado nas alegrias que sugere uma árvore de natal. Poemas concretistas são mais paisagens de ver que frases de recitar. Sugestiva também é a idéia de "a fumaça", símbolo do homem que não é senhor de seu sopro de vida e por isso se assemelha a um cigarro que lentamente se consome destruindo-se em "cinza" e transformando-se em "sarro".

O drama da existência é tema central na poesia de Horácio Didimo. Cada dia que passa é "lâmina" fria de circunstâncias que corta de leve pequeninos sonhos, é "seca" que fez desaparecer o hoje que amanhã será ontem, são "doces meninas de outrora" que apenas por um instante resplandeceram e depois baixaram as cabecinhas louras e envelheceram como as flores, é rápido encontro em um "banco do jardim" de que por muito tempo só restam as palavras de amor.

A morte sem a perspectiva da ressurreição é absurdo. Por isso em "predestinação" nos diz o poeta que a morte não é ela. A morte é mais do que ela mesma. Ela é muito além e sobretudo, já que a lei do Espírito de Vida nos libertou, em Jesus Cristo, da lei do pecado que é fonte de todas as mortes. Este anúncio pascal nos faz ver que "a hora" de capitular chegará, mas estamos firmes, que "o longo caminho" vai muito mais longe do que o rei imagina e que, "afinal", quando tudo ficou pronto para a festa, "um dia" eu vou me deitar em algum lugar e vou morrer de achar graça. "Os mortos têm uma saúde de ferro" pois a morte cura todos os nossos achaques e dela irromperá por certo uma alegria maior indestrutível. O poeta "não admite que esta hora seja de tristeza" e aceita que "a solução" de nossa vida seja a morte de nossa própria morte, pois daqui a cem anos todos os nossos problemas nos terão resolvido. Se o homem confiar apenas em outro homem e não se converter pela "metanóia" ao seu Deus que resplandece em toda parte, será "um cego conduzindo outro cego" e "cai todo mundo num buraco".

É pela conversão ao Senhor que o véu cai e então o homem pode ver o verdadeiro sentido da vida, já que é impossível enxergar antes de fixar o olhar na certeza da fé, pois do contrário, o homem, qual "saltimbanco", salta diante da morte que apenas fareja o significado, mas não vê o "dia da vitória" que virá por certo, parecendo enorme e inatingível. Somente depois desta adesão da fé, o Senhor nos libertará de todos os temores.

Liberto do medo, o homem se torna qual "passarinho" livre e feliz, embora a seriedade da aventura existencial exija que algumas vezes se torne

"carrancudo". Romântico e macambúzio, risca no céu a sua estrada efêmera e sem contornos certos e por ela, com a asa azulada de amor, desfecha o vôo de retorno em busca da "casa" construída sobre a rocha onde residirá para sempre durante o futuro simples. Porque é simples, o futuro não se desagrega nem se acaba, e nele "os mortos não complicam mais as coisas". Afinal de contas, a fé nos diz que até "a última esperança morre" mas tudo reviverá no amor eterno. A vida é barca, é dúvida, é dívida, mas também é dádiva. O homem sozinho no tempo é "tartaruga", mas na graça do Senhor é "passarinho". Se envolto no pecado, se arrasta, mas se liberto pelo Cristo voa.

Confiando no Senhor o homem vive o presente como presente, momento e dádiva, e poderá dizer de coração aberto: "agora vejo o que ri em cada aqui, agora vejo o que chora em cada agora". Esta experiência densa e profunda, radical e transcendental da existência inserida em Deus levará o homem a viver o amor em plenitude. Ele então se torna místico e poeta, reza e canta, cala e fala, porque percebe e vivencia "coisas que jamais serão tranqüilamente esquecidas". E o amor fraterno aparece e permanece, e a "felicidade" começa a chegar trazendo "num copo de cristal rebrilhante de sol um pouco de água límpida e pura, inesperadamente". E então, como o profeta Isaías, chega à convicção - "disso eu tenho certeza"- de que jamais o amor o abandonará, pois "estes belos instantes voltarão para sempre, voltarão agora". E então o mundo se torna "uma nesga de céu" que é um céu para quem sabe vislumbrar, e a tarefa mais "urgente" será salvar o amor, não deixando que ele permaneça enfermo no hospital dos homens. Enquanto vivermos peregrinando para o Absoluto, caminhamos à sombra das asas do Senhor, até que a tormenta passe.

Foram estas as impressões que me ficaram depois de ler e meditar *A palavra e a Palavra*, o novo livro do poeta místico Horácio Dídimo.

Parece-me que Dídimo escreveu seus poemas, ora cantando, ora rezando. E me parece também que é rezando e cantando que eles devem ser lidos. A grande mensagem que deixa é a beleza da vida quando vivida em comunhão de amor, com os homens e com Deus.

Para que este livro nos toque com a sua mensagem deliciosamente espiritual deverá ser lido seguindo as "instruções" que o próprio autor nos deixa: "Leiam alegria no movimento das páginas, leiam calor no pregão das palavras e leiam amizade na paz dos espaços em branco".

## A NAVE DE PRATA

LINHARES FILHO

A Poesia Cearense está em festa, nesta noite "tocando" a sua "batucadazinha", "festa de sol e chuva que não falta" (dentro de todos nós há "solos de flauta"), para celebrar o instante em que se faz ao largo da publicidade *A Nave de Prata*,<sup>1</sup> do poeta e navegador Horácio Dídimo, juntamente com esse lúdico *Quadro Verde*, que tem algo de marítimo e magisterial, ambos os livros trazendo poemas comemorativos de uma prateada união de 25 anos, iluminados por uma criatura que é Lua porque Musa inspiradora e Sol porque cheia de luz própria, Ave de leveza, Eva de Mulher e Dina de encantadora, Avedina ou Evadina: - Evendina.

Regoziamo-nos os antigos e sempre novos integrantes do grupo SIN, Barros Pinho, Pedro Lyra, Roberto Pontes, Rogério Bessa e este que lhes fala, por testemunhar os vôos criativos de um dos mais engenhosos companheiros, que, unindo num só volume manifestações concretistas e versos de forma tradicional, mas revigorados em sua essência de forma e conteúdo, cumpre claramente um objetivo que buscávamos como atitude de renovação literária, a de um sincretismo posterior àquele que antecedeu o advento do Modernismo Brasileiro, e que, consciente ou inconscientemente, cada um de nós procura ainda alcançar.

Pedi-me Horácio Dídimo a leitura de um dos seus poemas para esta hora, e entendi leitura no sentido hermenêutico. E, como a hermenêutica não pode ser restritiva, mas abrangedora, eis-me a discorrer meditativamente, se bem que em breves palavras, sobre o livro do poeta.

Cumprе assinalar a imagem da navegação, configurando a trajetória "destes anos de prata", trajetória de dores e prazeres, mas em que as horas de dor são transformadas, por força da consciência religiosa e pelo condão da poesia, em momentos de prazer, porque na visão do autor "cada história de amor é sempre única, mágica, lúcida, mística". (p.13) A história de amor que se conta e canta traz sugestões de várias ocorrências e sentimentos, que se apresentam derivados do Amor e determinando a titulação sintética e nominal, em ordem alfabética, dos 25 poemas do livro, como se cada um não batizasse uma etapa espacial-temporal da convivência amorosa que se celebra, mas refletisse uma face do comportamento íntimo da vida a dois. É de fato o Amor em sua plenitude humana e retidão o que essencialmente se focaliza com o seu teor de verdade no livro de Horácio Dídimo, que escreve neste quiasmo:

*Na verdade é o amor que sobressai,  
no amor é a verdade que domina. (p. 43)*

Há no livro uma constante ou *leitmotiv* que configuraria o que podemos chamar de poética da luz, na qual degustamos uma poesia iluminada e iluminadora,

em que se explora, metafísica e simbolicamente, o signo do sol. Aliás, trata-se de uma atitude de toda a obra do autor, desde *Tempo de Chuva*, em que se encontram poemas como "havia dias de sol" (p. 27) "manhã de sol" (p. 29) e o belíssimo "sol", em que criativamente se intertextualiza verso de Guilherme de Almeida: "... E o dia em sol maior, nas pautas da persiana."<sup>2</sup> Horácio cultivaria como esse poeta um efeito audiovisual e polissêmico em torno do nome "sol", utilizado ao mesmo tempo como luz do astro e nota musical: "um sol maior/sorriu de leve/no meu enfim".

Realmente, o sol do poeta, máxime no livro que ora estudamos, é clareza e melodia. Os sememas de uma semântica da luz que tem como eixo a palavra "sol" convergem para os semas da alegria de viver, da clara visão da Verdade, da renovação do mundo, da fecundidade espiritual, da esperança, da festa do Amor. A repetição dos adjetivos "verde" e "azul" corroboram a decodificação indicada.

Procedamos a uma colheita de exemplos que confirmam essa semântica da luz, privilegiando versos que trazam o nome sol:

"O amor é como um sol interminável" - lê-se no poema "Amor". (p.9) Fala-se em "A Chuva" "da chuva que incendeia o sol nascente". (p.11) Em "O Encontro" está escrito: "Há quanto tempo o sol não rebrilhava". (p. 15) Conceitua-se o poema na composição intitulada "Flauta": "Festa de sol e chuva que não falta". (p.23) No poema "A Luz", um rei "cuidava que seu sol não refulgisse". (p.33) Registra outra peça: "de repente ficou tudo tão claro/como um imenso sol sobre o jardim". (p.39) Em "A Porta", a do lar, que se abre para a verdade de Deus e a união pacificadora, doutrina-se: "É claro que não há outra clareza/além do sol de Deus e da beleza/e do arco-íris que a aliança traz". (p.43) Fala-se, em "O Tempo", de "Lembranças como sóis, como diamantes". (p. 47) E para concluir esta colheita, um dos poemas que escolhi para ler nesta noite ensolarada, o qual traria o tema: O amor é sol que ilumina e fecunda o belo da vida e o tempo tridimensional:

#### O SOL

*Quando penso no sol, no sol do amor,  
as coisas acontecem de repente,  
acredito na vida plenamente,  
o mundo não parece enganador.*

*Quando penso no sol, no sol do amor,  
vejo tudo bem claro na memória,  
tudo o que fez e faz a nossa história,  
aqui, ali, além, em derredor.*

*Vejo verde no templo dos irmãos,  
navios verdes vejo que vêm vindo,  
vejo o mar, vejo o rio, vejo a fonte.*

*Vejo tanto futuro no horizonte,  
vejo tanto passado re florindo,  
vejo tanto presente em nossas mãos!* (p. 45)

Embarcando como leitores na *Nave de Prata* de Horácio Dídimo e assimilando as lições do seu *Quadro Verde*, poderemos perceber, entre outros pontos de sua mensagem, o do otimismo, que faz o poeta transformar magicamente, por suas convicções espirituais e poéticas, o mundo conturbado em que vivemos e leva-o a escrever versos como estes:

*não há mal que não seja reparável.  
não há bem que não seja irresistível.  
[...]  
a dor que não desiste é invisível.* (p.9)

Entre as virtudes da poesia de Horácio Dídimo, particularmente da do presente livro, encontramos uma pronunciada *abertura*, pela qual se acentua a potencialidade polissignificante dos textos; a musicalidade, a espontaneidade, a fluência, o engenho, a leveza e simplicidade da expressão, sem prejuízo, em muitos poemas em que o conceitual se equilibra com o imaginativo, da profundidade das idéias, o que ocorre, por exemplo, no metapoema "A Flauta", (p.23) em que se reflete mais nitidamente a teoria do silêncio; no poema "A Hora", em que se sugerem acomodações e contradições do amador cristão diante das circunstâncias (p.27) e no poema "A Porta", já referido. Vemos que o espírito lúdico de Horácio Dídimo equilibra-se com o reflexivo. Diante disso e se "Todo grande poeta. . . foi um grande pensador" segundo Bentham citado por Abrams no seu *El Espejo y la Lámpara*,<sup>3</sup> o nosso autor estaria incluído por essa razão e por outras entre os grandes poetas.

Meu caro poeta Horácio Dídimo, prossiga, para glória de sua Musa, para exemplo dos seus filhos, para regozijo e fruição dos seus companheiros e leitores, para a festa da Lua e do Sol, do Mar e das Estrelas, da Esperança e da Paz, do Sonho, do Amor e da Vida, pelos mares "nunca dantes navegados" da Poesia.

#### NOTAS

DÍDIMO, Horácio. *A nave de prata: livro de sonetos & Quadro Verde: poemas visuais*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1991.

ALMEIDA, Guilherme de. *Poesia vária*. São Paulo: Martins, 1963. p. 22.

BENTHAM. In: *El espejo y la lámpara: teoría romántica y tradición crítica acerca del hecho literario*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1962. p. 482.

## LEÃO JÚNIOR

José Leão de Alencar Oliveira Júnior: Fortaleza, 11.4.47

Doutor em Literatura Brasileira pela PUC-RJ. Professor Adjunto de Teoria da Literatura na UFC. Autor de três peças teatrais. Os poemas incluídos nesta edição são inéditos e pertencem a um conjunto de textos cujo título geral é **Tempo tempo**.

### DO AUTOR:

#### POESIA E TEATRO

*Sinantologia*, Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC., 1968.

*Ceia*. In: Revista *Master*. Los Angeles; UCLA, 1971.

*A Aldeia*. In: Revista *Caboré*. Imprensa Universitária da UFC., 1969.

*Canga e crença, meu Padim*. Fortaleza. Teatro Universitário., 1967.

*O Travesseiro*. Peça proibida no ensaio geral em 1969.

*Girassol-poente*. Peça inédita.

*Tempo tempo*. Inédito.

#### ENSAIOS

*Releitura de Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro: PUC, 1977.

*Evolução e teleologia: história e historiografia literária*. Rio de Janeiro: PUC, 1993. Tese de doutorado.

#### SOBRE O AUTOR

COSTA, Marcelo F. *História de teatro cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1972.

LYRA, Pedro. *Poesia cearense e realidade atual*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Cátedra-INL, 1978.

PONTES, Roberto, *Lutando contra a esfinge*. Inédito.

### TEMPO TEMPO

certifique-se de que o tempo  
não goza, em seu cabedal,  
o saber de um tempo argüido:

seu irônico juízo  
no que investiga retorna  
e o que investiga é retorno  
do que então se parodia

do que então potencializa  
um saber examinar-se  
no outro que está do outro  
sem imagem conferida  
mas que pressupõe ao pôr  
radicais inexistências  
sob metódico senso  
de crítica e de raciocínio  
para então comprometer  
a base - seu fundamento -  
do círculo que vira dia  
que se vive sem teoria

o que lhe permite ser tempo  
é não contar sua história  
é não ter sequer história  
é ser o avesso da história

a própria falta - seu ser  
de insuportável sentido -  
satura de perdas a vida  
e a explode como história

ai é preciso viver  
de sobrevivida aparente  
nas sobras do apalavrado  
reconduzido ao vazio

e nesta sede excluída  
do homem desprende-se o tempo  
demolindo o quê de si  
sobrevive em seus sistemas

que permanecem percursos  
de quebras fendas rupturas

são como um não-rio  
os afluentes do tempo  
(faz flutuar periódicas  
minas de água parada)

que cai por brutas clivagens  
como evidências sem fala  
ou conflui estimulando  
econômicas miragens

que precipitam o invisível  
nas influências do visto  
e trazem a forma adiante  
das margens que nos espiam

sem olhar antecipando  
múltiplos fluxos sem rio

é de poesia que  
o tempo se alimenta  
de sua força estratégica  
sua premente ameaça

pois quanto mais fortifica  
com mais defesas desata  
e obriga ao tempo o adiante  
de formas desmoronadas

obriga a viagem das horas  
às suas fronteiras perdidas  
a descobrir demasiados  
possíveis de não rendição

mal começada a jornada  
chegam arquitetos do não

tem o passado uma fome  
do retorno do que falta  
fome de raiz-além  
desse longo ignorado

e rumina arruinando  
a forma não digerida

tem a fome de uma espera  
por horizonte não vindo  
se morde o passo do onde  
se gera a fome do tempo

enquanto rumina o presente  
escapa por entre os dentes

quando céu e terra se fizeram uno  
o grande tempo moldou todas as coisas  
de uma só vez

aos homens transmitiu a técnica  
de não esperar

nenhum posterior, absoluto ou relativo  
se pressupôs:  
a consciência das clepsidras e das ampolhetas  
desapareceu

perderam-se as sucessões e os recortes  
irreversivelmente

o grande tempo fundiu os homens  
na geografia do outro  
e já não houve marcas de propriedade  
e já não houve Estados

quando céu e terra se fizeram uno  
o presente pôde ser lembrado

os configurados do tempo  
marinheiros e megáricos  
na volta não viram a margem  
fazer porto no outro lado

fazer com poucos relógios  
este contorno marinho  
por lençóis curvos de água  
canais de vida ou de linho

(mil canais de travessia  
não chegam ao tempo visado  
se o ângulo em que se projetam  
não vaga em tua memória

se não te apreendem no agora  
rasgos de incertos indícios)

a paciência da tribo  
faz que dorme  
faz que sonhem seus conceitos vagos  
com cristais

quase nada extrai da falta  
de origem ou fim

a paciência da tribo  
retira-se do tempo com malas e bagagens  
e põe-se a salvo  
como duração e morte

quase nada deixa  
de sua imprópria matéria  
sem horizonte indagado

a paciência da tribo não se acaba  
talvez porque seu puro escape  
dispense o eterno  
como os cristais às datas

no instante do bote  
o tempo masca  
não marcha  
como os cadetes do colégio militar

a cobra-macha do tempo  
não bate os calcanhares que não tem  
nem se perfila ou bate continência

a cobra-marcha do tempo apenas rumina  
o seu azul pairado  
sobre alas, sobre balas.

no instante exato do bote  
a cobra do tempo fuma  
e o verde desfile dos passos para sempre  
passa

o único tempo é o tempo  
que não se existe  
como existe o que escreve  
de sua reserva incôgnita  
expulsa do homem o grande  
ou pior, conturbada  
sua forma de um ser tempo  
de ter no tempo o seu primo  
e este homem sem divisa  
que do tempo seu instinto  
cobra incêndios e lutas  
por vida a mais de consumo  
mas o tempo acaba o tempo  
desconhecendo o tempo

como uma falta de ser  
se imagina desejada  
ou quanto a letra se quer  
mais lida se mais apagada  
a consciência propaga  
sua força de abafada  
que mal ultrapassa a falha  
escandaliza o que falta  
e perturba porque gasta  
a razão da ultrapassagem  
ao propagar o querer  
doutros forças sufocadas  
que mais apagadas se avivam  
como letras desejadas  
de uma escrita em que falta  
tua imagem recortada  
tua vida recordada  
por um apagado de charge

o único tempo é o tempo  
que fora de si inexistente  
como existe o que expulsa  
de sua reserva incontente

expulsa do homem o ganho  
ou pior, contabiliza  
sua fome de um ser tempo  
de ter no tempo o seu prumo

e este homem sem divisas  
quer do tempo seu insumo  
cobra incentivos e lucros  
por vida a mais de consumo

mas o tempo acerta o trato  
desconhecendo o rumo

quem rói de ti os fantasmas  
de que se cobre a razão  
lendo o antes da memória  
que escapa à imaginação

que examina pela falta  
as marcas da contradição  
que ousa escritos vazios  
sobre raspas predatórias

quem desconcentra a razão  
para firmá-la no instável  
como solta resistência  
que se faz tão maleável

que nenhuma norma nova  
fixa a ferida da margem

a tinta encarnada do teu  
manuscrito sem história  
se entranha na letra como  
palavra arrancada à traça

se entranha em calar dobrado  
como história dos silêncios  
que a letra arranca aos pedaços  
desta carne de azurado

a tinta dos manuscritos  
come a tua mão pesada  
com gratos garfos que vexam  
o menos papel do prato

para abrir com suas chaves  
o trauma de novos achados

escrevo palavras que calam  
o meu objeto é o tempo  
não fala

mas guarda em si monumentos  
que sem vestígios  
abalam

e o seu mudo testamento  
fende infinito o fragmento  
que age

escrevo à margem do efeito  
leitor da ávida ausência  
que apaga

e não consulto memórias  
meu dicionário é o átimo  
que indaga

deixa se possível um oco  
para que o tempo arrebente  
tuas mordanças sem corpo  
o teu silêncio de ovo

teu fio sem interior  
que tece os teus desenlaces  
com mordidas ou amarras  
famintas da tua nudez

derrama o rigor do silêncio  
na veia oblíqua do novo

mas o tempo acerta o tempo  
desconhecendo o tempo

escrevo palavras que caem  
o meu objeto é o tempo  
não faz

mas guarda em o momentos  
que sem vestígios  
aparecem

é o seu mundo testemunho  
tende infinito o fragmento  
que age

escrevo à margem do tempo  
lento de avulsas palavras  
que apaga

é esse mundo memórias  
meu discurso é o tempo  
que indaga

é uma escritura de seu  
manuscrito sem história  
se entenda os seus como  
palavras encadeadas e traça

se entenda em cada doado  
como história dos silêncios  
que a letra ataca aos pedaços  
deixa carne de estrado

é uma das manuscritos  
como a tua mão pesada  
com grãos fritos que vejam  
o menos papel do prato

para sair com suas chaves  
o trauma de novos achados

os tempos geraram os tempos  
que geram de si os tempos  
que geram os tempos de novo  
como uma trama bastarda

os laços de parentesco  
perdido no que se ligam  
tecem o mito e a fenda

saber de que é feito o tempo  
desses tempos sem história  
é ter por familiares  
homônimos desconhecidos

que no entanto evoluem  
no seu poder de expurgar  
incógnitas biografias

nos interiores das bibliotecas  
o teu vizinho vive os anos vinte  
um de meia-idade atrás de ti  
parte uma galáxia

nos interiores da rua  
cada palavra circula  
com reais multiplicados

pelos becos mais dispersos  
das páginas encadernadas  
os interiores do homem  
iluminam as passagens

o que eu digo não quero  
dizer como ele se diz  
porque se faz no que faço  
para não fazer-se a mim

e cada palavra se choca  
com o que impõe seu dizer  
e cada palavra se corta  
por outras pontuações

o que eu não digo se fala  
torcendo sons e silêncios  
cavando-se onde não há  
mais que prática discente

e em seu próprio discurso  
de tempos pouco assertivos  
nada assegura ou aponta  
a voz que se pronuncia

porque esta voz dispersa  
só pressente, mal envia

**o antiquário escreve  
à margem**

**dos manuscritos  
do xerox  
do software  
do fax**

**o antiquário constrói  
a margem do presente arcaico  
nos meios**

**margem que se desloca do olho  
e trafega  
sob os traços cotejados**

**o antiquário cria passados  
de crônicas por escrever:  
tempos de re-produção  
compondo a ordem do avesso**

**por artes a poesia  
recorta o sem-fundo da fala  
e desenha em negativo  
as massas do impercebido**

**cria o desenho nas falhas  
da palavra retalhada  
e faz divagar entre as formas  
o que escapa à razão**

**o que lhe permite se abrir  
sempre que um fim se imagina  
e mais se faz desdobrar-se  
desdobrando suas divisas**

**estas fronteiras que o homem  
mais presente que imagina**

neste momento mais  
o tempo se nega ao discurso  
e por mais que o mapeie  
não tem verdadeiro tamanho

então é preciso fazê-lo  
relativo e problemático  
como um conceito que pensa  
a história escapada

então é preciso vivê-lo  
como diferença e fado  
e mais preciso explorá-lo  
alargando os seus cavados

este prático sondar  
impede a topografia  
mas concreta de paisagem  
que se alarga além do olho

com cores que passarão  
a fazer parte da fala

todo o tempo  
que conceder refúgio  
a dado estrangeiro  
no preciso objetivo  
de ocultá-lo à história  
será por ela acusado  
de crime de lesa-ofício  
e portanto  
renegado

(como poesia)

## LUTANDO CONTRA A ESFINGE

ROBERTO PONTES

"Toda crítica é uma poesia em prosa."

Harold Bloom

Ninguém consegue escapar da luta contra a esfinge milenar e mitológica cujo desafio cotidiano é: "Decifra-me ou te devoro."

É bem possível que quase todo ser humano, pelo menos uma vez na vida, já se tenha posto esta questão, premido pelas circunstâncias únicas de cada existência. Mas, bem poucos chegam a relacionar a frase cabalística com o tempo, categoria essencial que só pode ser pensada ao lado de seu par siamês, o espaço. Sem o concurso destas categorias é impossível a percepção da realidade; sem compreender a intersecção de tempo e espaço é impossível pensar a existência humana e sua História. Sem o auxílio do **cronotopo** bakhtiniano torna-se impensável a própria literatura.<sup>1</sup>

A anatomia do espacial e do temporal tem foro próprio no plano da linguagem, pois reflete o mundo e nossa interação com ele de diversas maneiras. Conseqüentemente, como diz Hugh M. Lacey<sup>2</sup>, há muitos tipos diferentes de palavras, com diversas funções e variados modos de se relacionar com o mundo. Também Roman Jakobson<sup>3</sup> distingue a função poética da função referencial, em seu ensaio "Linguística e poética", de menção obrigatória. Neste, Jakobson afirma: "A supremacia da função poética sobre a função referencial não oblitera a referência, mas torna-a ambígua."<sup>4</sup>

É exatamente o que ocorre com as dezessete lâminas verbais em **Tempo, tempo** de Leão Júnior, poemas sem título e sem qualquer outra referência, a não ser o tema, em que nos entrega a sutil relação entre o significante (sêmainon) e o significado (sêmainomenon).

Com efeito, não só pelo sintagma-título da série, mas pela própria seleção lexical a girar sobre este eixo, fica o leitor diante de uma espécie de trabalho de Sísifo. Assim, se por um lado somente a palavra poética instaura a realidade, por outro, ao lidar com categoria tão refratária, a ambigüidade dimanada excessivamente saturada de peso poético, ao ponto da escrita lírica de Leão Júnior tangenciar propostas como as da palavra pura (Mallarmé) ou do rigor (Valéry).

De qualquer modo, seus poemas são uma tentativa - e o que seria da filosofia e da poesia, se não consistissem sempre numa nova tentativa? - de desvendamento cognitivo daquele Cronos imemorial e imperativo: "Decifra-me ou te devoro."

É importante que por meio da função poética da linguagem seja tentada uma apreensão do tempo, como o faz Leão Júnior, porque ela é sempre mais feliz do que as levadas a cabo por pensadores e cientistas. Santo Agostinho, por exemplo, no Livro XI das **Confissões** indaga: "Que é, por conseguinte, o tempo?", para a seguir completar: "Se ninguém me perguntar, eu o sei; se eu quiser explicá-lo, a quem me fizer essa pergunta, já não saberei dizê-lo."

Uma inteligência privilegiada como a de Agostinho, pela via referencial da linguagem, pelo caminho da racionalidade, revela-se impotente para desvendar e explicar a essência do tempo enquanto categoria. Mas é preciso notar que o filósofo não hesita em dizer que sabe o que é o tempo apenas enquanto categoria contemplada ou intuída. Mas, o poeta Leão Júnior vai noutra direção: "é de poesia que / o tempo se alimenta", assevera, e assim nos faz lembrar Antonio Machado: "A poesia é palavra no tempo". É como se Leão quisesse dizer-nos que o conhecimento do tempo só se faz possível por meio da função poética da linguagem.

A semelhante conclusão já chegara em 1870 um admirador de Schopenhauer, o historiador Jacob Burckhardt, que escreveu: "Se alguma coisa duradoura deve ser criada, só poderá sê-lo através de um impulso irresistivelmente vigoroso de real poesia." A poesia, dizia ele em concordância com Aristóteles: "é mais profunda do que a história".<sup>5</sup>

A função poética da linguagem há de ser precedida pelo ato meditativo, que tanto pensa os aspectos da história silenciada quanto os da história invisível. Tanto alcança o tempo violentado pela mão da tirania quanto o movimento anônimo do cotidiano, que na modernidade se acentua como alavanca de uma história para muito imperceptível. Daí porque a indicação de Merleau-Ponty: "O invisível é o relevo e a profundidade do visível."<sup>6</sup> Basta atentar nas seguintes palavras de Bachelard:

Ora, a partir do momento em que nos havíamos exercitado um pouco, pela meditação, na tarefa de esvaziar o tempo vivido daquilo que ele tem de excessivo, na tarefa de

seriar os diversos planos de fenômenos temporais, percebemos que esses fenômenos não **duravam** todos do mesmo modo e que a concepção de um tempo único, levando embora nossa alma e as coisas para sempre, só poderia corresponder a uma visão de conjunto que resume de forma muito imperfeita a diversidade temporal dos fenômenos. Um botânico que limitasse sua ciência a dizer que todas as flores murcham seria o émulo digno de um filósofo que funda sua doutrina repetindo que tudo passa e que o tempo foge. Pudemos perceber depressa que não há nenhum sincronismo entre a passagem das coisas e a fuga abstrata do tempo, e que era necessário estudar os fenômenos temporais cada qual segundo um ritmo apropriado, um ponto de vista particular. Examinada em sua composição interna, em qualquer um de seus planos e sob a condição de nos mantermos num mesmo plano de análise, vimos que a fenomenologia sempre comportava uma dualidade de acontecimentos e intervalos. Numa palavra, sempre vimos, tomada no detalhe de seu curso, uma duração precisa fervilhar de lacunas.<sup>7</sup>

Nesta passagem, Bachelard anatematiza a "durée" bergsoniana calcada na continuidade, e o faz pela via do meditar fenomenológico. Surpreendentemente, Leão Júnior chega a idêntico resultado, mas nas asas do cavalo Pegasus:

o que lhe permite ser tempo

é não contar sua história

é não ter sequer história

é ser o avesso da história

a própria falta - seu ser

de insuportável sentido

satura de perdas a vida

e a explode como história

ai é preciso viver

de sobrevida aparente

nas sobras do apalavrado

reconduzido ao vazio

e nesta sede excluída

do homem desprende-se o tempo

demolindo o quê de si

sobrevive em seus sistemas

que permanecem percursos

de quebras fendas rupturas

Não terão quase o mesmo sentido, ou não convergirão, as palavras finais de Bachelard há pouco mencionadas e os versos, também conclusivos de Leão Júnior, quanto a um tempo sistêmico, que "sobrevive em seus sistemas / que permanecem percursos / de quebras fendas rupturas"?

E tem mais. Leão Júnior nos diz, no décimo quarto verso do poema transcrito, que o tempo se desprende do homem. Não estaria o poeta fazendo uso da função cognitiva da palavra poética, e no mesmo plano epistemológico de I.F. Askin? Se não, vejamos:

O tempo é uma forma de existência da matéria tomada em seu conjunto e em cada uma de suas partes; a referida forma de existência reside no fato de que as coisas (objetos, fenômenos, processo, etc.) não acontecem todas ao mesmo tempo, mas uma atrás da outra, numa determinada sucessão, e sua existência tem princípio e fim, com a particularidade de que estes não coincidem, quer dizer, a existência das coisas não é igual a zero.<sup>8</sup>

É realmente auspicioso e gratificante saber que a palavra poética pode igual, e em certos casos, como em **Tempo, tempo** de Leão Júnior, até muito mais do que o discurso referencial, filosófico, científico, pragmático. Digam-no Nietzsche e Heidegger, que, esgotadas as possibilidades da linguagem filosófica, mergulharam integralmente na palavra poética. E mesmo Newton e Einstein, homens de ciência que creditaram ao devaneio poético o "insight" proporcionador de suas formulações físicas.

Daí ser oportuno e conclusivo reconhecermos, a exemplo de Isidore Ducasse, que "Uma lógica existe para a poesia. Não é a mesma que a da filosofia"<sup>9</sup>. Ao que acrescentamos nós: nem da ciência.

#### NOTAS

1. BAKHTINE, Mikhail. "Forms of Time and Chronotope in the Novel 1937/138". In: *The Dialogic Imagination: Four Essays*. Austin: University of Texas Press, 1981. p.84.
2. LACEY, Hugh M. *A linguagem do espaço e do tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.11.
3. JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1973. p.150.
4. Ibidem.
5. BURCKARDT, Jacob. "Carta de Burckardt a Preen, 31 de dezembro de 1870." Apud EKSTEINS, Modris. *A Sagração da Primavera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.249-250.
6. MERLEAU-PONTY. Apud ESTEBAN, Claude. *Crítica da razão poética*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.8.
7. BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988. p. 6-7.
8. ASKIN, I.F. *O problema do tempo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 215.
9. DUCASSE, Isidore. *Oeuvres Complètes* (Les chants de Maldoror par le Comte de Lautréamont, Poésies I, II, Lettres). Paris: Le livre de Poche, 1963.

## LÊDA MARIA

Lêda Maria Feitosa Souto: Nascida em Fortaleza, Ceará.

Formada em Pedagogia e Jornalismo.

Iniciou-se literariamente na revista **O Caboré**. Depois, publicou trabalho nos jornais **O Nordeste**, **Correio do Ceará** e **O Povo**. Membro da Associação Latino-Americana de Mulheres Escritoras. Integrante do grupo de novos poetas concretistas na década de 60, participou de várias programações literárias e artísticas, fazendo inclusive: teatro, música e cinema. Atualmente, jornalista do **Diário do Nordeste**.

Quero  
escrever um romance de cordel,  
ter parentesco  
com o cruzeiro do sul,  
e  
desfazer manipulações e lógicas.

Quero  
alcançar aquele farol luminoso  
que vai garantir meu vôo noturno  
por entre nuvens e florações.

E o meu corpo  
corre léguas  
procurando o alcançar.  
Cruzo riachos,  
espinho-me no agreste,  
banho-me na chuva do caju,  
escondo-me na capoeira e adormeço.  
Ao amanhecer,  
fitarei o azul infinito do céu  
e a estrela da manhã  
me entregará você  
com gosto de fruta da estação.

Ele  
chegara sem nenhuma imposição.  
Vestia-se de bege e panos crus,  
para esconder  
sua doce selvageria.  
O humor passava ao lado  
e palavras com estampas florais  
ocupavam seus lábios,

todas as madrugadas.  
Suas mãos escorregadias  
produziam minhas emoções  
e toda a magia do seu canto  
atingia o canto dos pássaros,  
misturando-se  
ao tricô compassado dos meus desejos.

O saldo devedor  
de tua ausência  
tem que ser corrigido  
pelo índice  
dos desejos do meu corpo,  
muitas noites  
banhado em lágrimas  
ou envolvido  
em surrados lençóis de solteiro.

No caminho em minha volta  
esqueci lembranças  
dupliquei memórias

não tenho mais  
aquele olhar sem traços  
nem vestes consumidas

despi-me,  
olhei em redor  
quis conhecer o deserto  
e habituei-me às buscas

do meu olhar desvendado  
um corpo sensível  
que hoje vibra  
para ser processo, pouso,  
caminhada, encontro,  
eternidade.

Ele foi o único  
a combinar sem exigências  
a cor da palha em **ton-sur-ton**  
desse despertar sensorial  
com os relatos do meu corpo.  
De combinar nosso pudor,  
com a dança de bailarinos indisciplinados.  
De projetar grandes aventuras  
na mesma tonalidade do nascer e pôr-de-sol.  
Foi o único  
a criar propostas sábias,  
energizar respostas,  
caminhar descalço  
e aceitar o inverno  
nas sobreposições de nossas roupas,  
jogadas sempre na areia morna  
de cada amanhecer.

Acertei contigo  
um salário de afeto,  
a inflação corrompeu a calma  
mas  
acertamos no desviar dos caminhos  
o patamar dos cálculos,  
criando uma receita amorosa,  
que rende até hoje  
e renderá sempre  
três novos e valiosos dividendos.

A inflação  
começa a demolir  
o poder aquisitivo do povo.  
Pior que isso  
é teu silêncio demolindo  
corpo, mente e coração  
todos os dias, em todas as moedas.

Plano de seguro  
internacional,  
será que ele pode atingir  
a longa viagem  
das nossas estações de felicidade?

Austeridade fiscal e monetária,  
um fato ameno  
diante da austeridade de tuas palavras  
economizando verbos e provérbios.

Política de valorização da moeda.  
Sou muito mais  
a política de estabilidade  
dos teus braços.

Descompasso do passo-a-passo  
beirando a devassa e o devaneio.  
Diabo figurado de domácias coloridas,  
anjo traidor, doutrinado,  
sem tocar flautas e louvar as estrelas.  
Passo apressado  
apressados passamos entre mistérios.  
Quem sabe na alvorada  
tenhamos calma para fotografar  
os pés mergulhados  
nas águas cristalinas  
do mar de Jericoacoara.

## UM BELO TALENTO

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

LÊDA MARIA SOUTO, embora não se exercite, com freqüência, na arte literária, tem, limpidamente, a consciência do poético, ou o sentido de proporção do trágico e do belo, do continente e do conteúdo, da estrutura e da essência, o que é fundamental para quem se dedica ao processo de criação, no campo das letras. Por isso mesmo, sabe transmitir, com palavras carregadas de magia sensorial, a sua visão interior, de maneira leve e precisa, mesmo que a poesia ultrapasse, com sua universalidade, a prisão da forma e, semelhante a uma ave, sobrepaire, no universo do espírito.

Poesia é penetração no invisível, ou no onírico, valendo como um mergulho, mesmo rápido, no mar do oculto, ou nas fronteiras do além e do aquém, nessa categoria abstrata que chamamos de tempo. De repente, vem-nos a necessidade de dizer alguma coisa, ou de gravar, num poema, momentos e **flashes** do nosso existir. E se não tivermos o dom de falar poeticamente, exprimindo o que se passa dentro de nossa mente, não atingiremos, por certo, a Terceira Margem do rio.

Lêda Maria atinge. E chega lá com um verso contido e sofrido, de imagística serena, com metáforas sóbrias, mas bastante expressivas. E seu Canto nasce com tristeza e beleza, como alguém que caminhasse descalço em procura do outono, ou da tardia, deixando pelo caminho fragmentos de seu próprio ser.

Pena é que, com esse belo talento, não desenvolva mais amplamente o dom com que nasceu. E faça uma poesia bissexta, aparecendo raramente com seus textos reveladores de uma alma sensível e harmoniosa, que tem fome de justiça e de beleza.

Os poemas que seguem constituem pequena amostra de suas qualidades literárias, ou de sua capacidade de criar, no mundo perene da poesia.

## A POESIA JUBILOSA DE LÊDA MARIA

JUAREZ LEITÃO

Lêda, que nos dicionários é definida como **Jubilosa**, justifica seu gosto de viver na poesia que produz.

Sem procurar fazer presença ruidosa no gúeto literário da província, mantendo-se no território profissional do jornalismo e da publicidade, não ficou longe, entretanto, do ofício poético. Parece, ao contrário, manter a oficina em

franca disposição de uso, visitando-a com mais freqüência do que poderiam supor todos os que conhecem sua frenética e carregada agenda de compromissos.

Poeta essencialmente urbana, Lêda Maria não faz colagens dos cenários pastoris, rios, campinas e bucólicas reminiscências não vividas: prefere mexer com esta outra natureza, a humana, mais complexa, igualmente exuberante e capaz de oferecer infinitas perscrutações.

Adentra a paisagem metafísica, onde se envolve profundamente no jogo do previsível com o imponderável, apostando sempre na sensibilidade vertical, na força transcendental da paixão.

Não procura proteger-se dos desejos: alimenta-os, abraça-os, cumplicia-se com eles e vai à luta em procura de sua canaã amorosa, onde assume as iniciativas: "despi-me/olhei em redor/quis conhecer o deserto/e habituei-me às buscas".

O sensualismo, a afetividade, a provocação e o belo incluem-se no rateio espiritual que verbaliza, obtendo uma unidade agradável e frutificadora. Tudo possui sua dimensão, tudo tem cheiro e cor, tudo caminha com propósito e harmonia.

Desta argamassa Lêda constrói seu obelisco, sua coluna de Trajano, de onde observa a vida, os homens e os objetivos. Mas não fica lá, donzela encastelada: amalgama-se ao parceiro lírico, personagem permanente de sua peripécia, que sendo sedutor, impuro, imprudente e irreverente (sic), é também "competente no abraço, exigente na matéria prima (...) e potente na projeção dos caminhos;" e por isto mesmo, um ser humano completo.

Os estatutos de sua poesia não se lastreiam de presunções nem se enlaameiam de rebuscamentos. Também não estimulam as construções enigmáticas: flui de seu discurso natural a verdade amorosa de sua alma, com a simplicidade de saber dizer para quem sabe ouvir (estrelas, inclusive).

É poeta, de boa cepa lírica, simples, leve, diáfana. Não concede a musa às conveniências das patrulhas estéticas. Prefere a liberdade de seu artesanato, onde avulta e se firma sua razão sensorial.

Isto posto, sugiro a leitura atenciosa destes poemas de vida, porque Lêda, a jubilosa, conhece os segredos da felicidade.

## **RESPIROS PELA VIDA**

**JOYCE CAVALCANTE**

Lêda Maria é poeta? Sim. Lêda Maria é poeta. Não poeta apenas do cotidiano, usando como instrumental seu texto jornalístico, como alguns menos informados poderiam supor. Mas poeta que faz poesia de verdade, coisa sangrada, expelida gota a gota de seu dentro; palavras que se organizam em versos, versos que se compõem em poemas, poemas que se formam para nos encantar, mas que tristemente pouco atingem essa finalidade porque ela não os tem publicado muito

amiúde. Ou seja, não tem publicado nada nessa linha desde sua participação na Histórica edição da SINANTOLOGIA, livro de poemas que deu muito o que falar nos meios literários cearenses, nos anos sessenta.

Isso não quer dizer que em todo esse tempo ela não tenha produzido soberbos poemas. Tanto os produziu que me passou um bonito mostruário para que deles tomasse ciência. Pois foi desse modo premiado que li o feixe de textos chamado "ALGUNS POEMAS", de Lêda Maria Souto - escritora, jornalista. Li:

"Ligeiramente sedutor  
profundamente ágil  
intimamente impuro,  
sensual, masculino,  
imprudente, insistente, irreverente,  
mas  
competente no abraço.  
Exigente  
na matéria prima (. . .)"

. . . entre outras coisas, assim como essa acima, textos que lideram nosso coração pela via das emoções nervosas do amor. Nós, mulheres, que nunca abandonamos o mundo da lua. Lilith presente em cada respiro que damos para preservar a vida. E poemas como esses da Lêda são isso: respiros para preservar a vida.

## LINHARES FILHO

José Linhares Filho: Lavras da Mangabeira, 28.2.1939.

Doutor em Letras pela UFRJ (1985), Professor Titular de Literatura Portuguesa, atual Coordenador do Mestrado em Letras, Coordenador da Casa de Cultura Portuguesa em 1992 e Editor da *Revista de Letras*, tudo em exercício na UFC.

Membro da Academia Cearense de Letras e Sócio da Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Colaborador da revista *Colóquio/Letras* de Portugal e pesquisador do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa junto à Universidade Clássica de Lisboa, em 1987.

### DO AUTOR

#### POESIA

*Sumos do tempo*. Fortaleza: Sin Ed., 1968.

*Sinantologia*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1968 [colab.].

*Voz das coisas*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1979.

*Frutos da noite de trégua*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.

*Tempo de colheita*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987 [Prêmio Estado do Ceará].

*Andanças e marinhas*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1993.

#### Ensaio e Oratória

*A metáfora do mar no Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

*Dois discursos acadêmicos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980 [em colaboração com Moreira Campos].

Alguns contos de Moreira Campos. In: CAMPOS, Moreira. *10 contos escolhidos*. Brasília: Horizonte/INL, 1981.

A "Outra Coisa" na poesia de Fernando Pessoa. Fortaleza: UFC/PROED, 1982.

*Ironia, humor e latência nas Memórias Póstumas.* Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1992.

#### INÉDITOS

*O Poético como humanização em Miguel Torga* [Tese de Doutorado. Prêmio Estado do Ceará].

*A modernidade da poesia de Fernando Pessoa* [Tese defendida em Concurso para Professor Titular de Literatura Portuguesa da UFC]

*O amor e outros aspectos em Drummond.* [Ensaio crítico].

*Estudos e opiniões.* [Ensaaios críticos].

#### SOBRE O AUTOR

AZEVEDO, Sânzio de. A colheita poética de Linhares Filho. In: --- *Novos ensaios de literatura cearense.* Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1992.

\_\_\_\_\_. Linhares Filho; poesia e artesanato. Prefácio a *Andanças e marinagens.* Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1993.

BENEVIDES, Artur Eduardo. Saudação a um jovem poeta. *Unitário*, Fortaleza, 3.11.1968.

\_\_\_\_\_. No mundo da poesia. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 7.7.1979.

CAMPOS, Moreira. Saudação a Linhares Filho. In: ---. *Dois discursos acadêmicos.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

CARVALHO, Francisco. Frutos da noite de tréguas. In: ---. *Exercícios de literatura.* Fortaleza: UFC, 1990.

\_\_\_\_\_. Tempo de colheita. *Revista de Letras*, Fortaleza 12 (1/2): 145-147, 3.11.1968

\_\_\_\_\_. Linhares Filho, professor de literatura, ensaísta e poeta. Apresentação de *Andanças e marinagens.* Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1993.

COLARES, Otacílio. Sobre Voz das coisas. *O Povo*, Fortaleza, 29.7.1979.

COUTINHO, Afrânio & Souza, J. Galante de. Dir. *Enciclopédia de literatura brasileira.* Rio: FAE, 1990.

FISCHER, Almeida. A poesia outonal do jovem poeta. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17.7.1984.

GIRÃO, Raimundo & SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da literatura cearense.* Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

LYRA, Pedro. Poesia e fatalismo em Linhares Filho. In: ---. *Poesia cearense e realidade atual.* 2. ed. Rio de Janeiro: Cátedra/INL, 1981.

MACEDO, Dimas. A voz das coisas. In: ---. *Leitura e conjuntura;* crítica literária. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

MONTENEGRO, Braga. Da Criação e do juízo. Prefácio a *Sumos do tempo.* Fortaleza: Sin Ed., 1968.

PINTO, José Alcides. Linhares Filho - poeta e crítico. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza: 2.7.1988.

SILVA, Dias da. Voz das coisas. In: ---. *Da pena ao vento - I: anotações de pé de página*. Fortaleza: Editel, 1981.

## A MINHA MÃE, HABITANTE DA MORTE

Tua branca rede já não se arma  
para a sesta. Todavia guardo,  
com o ranger longínquo dos armadores,  
a placidez do teu sono  
a entreter o meu sonho.  
No teu aposento, mansa e invisível, dorme uma ave.  
À mesa posta, entre o apetite e a lembrança,  
há uma cadeira sem dono.  
Falta ao alimento o tempero  
que de tuas mãos ninguém pôde aprender.  
Mas junto a mim está um cântaro  
que se encheu de lágrimas que libertam.  
As dâlias do jardim continuam a florescer,  
cada ano, tão brancas, tão viçosas! Contudo  
parecem reclamar a sutileza  
de um carinho que o meu sono não esquece. . .  
Teus pincéis dormem  
com a resignação de pincéis.  
Minha alma imperfeita, a despeito de teres sido  
artista perfeita, pede, todo dia,  
os últimos retoques.  
Santa e elmo,  
no navio em que eu encontrar borrasca,  
os teus olhos serão santelmo. . .  
No silêncio noturno não se ouvem mais  
os passos cautelosos com que fechavas  
a janela que dá para a rua,  
no entanto percebo,  
na lâ escura da noite,  
o abrigo do teu xale.

(*Sumos do Tempo*)

## CANÇÃO EQÜINA

Meu cavalo tem o pêlo  
de luar como o de São Jorge.  
Eu aliso o seu focinho  
e dou-lhe milho do alforje.

Às suas crinas me agarro  
para livrar-me de tombos.  
Com o canto o ouvido lhe embalo,  
e ele me embala no lombo.

Crescem anêmonas de ouro  
no lugar onde ele mija.  
Dessedento-o numa fonte,  
bebedouro do arco-íris.

Enterneço-me ante a sua  
inocência cavalariça:  
possui-a mesmo com o cio  
a percorrer-lhe o espinhaço.

Do roçadô em que ela pasta  
reponha um mágico feno:  
com a sua viscosa baba  
vai fecundando o terreno.

Com a branca presença amiga,  
disfarça-me a solidão.  
Talvez seja ele o zumbi  
do bom cavalo da infância.

Fita-me com olhos de espera,  
enquanto pasta no tempo:  
seu brando olhar me convida  
para os galopes de vento.

Ele segue a minha voz  
e sabe coisas de ar,  
para que, a toda a brida,  
nuvens possa ultrapassar.

## ELEGIA PARA MEU PAI

Tua leveza oitentona  
os chinelos arrastando  
em brevilongas viagens  
por aposentos da casa.  
As rugas que os contratempos  
e mesmo os tempos-sem-contras  
no rosto teu imprimiram.  
Tua surdez matutando  
na cadeira, entre jornais,  
urdindo em silêncios longos  
o cálculo e a solidão.  
Teu ressonar absoluto  
pela mais completa ausência  
do universo circundante.  
Teu bocejo relativo  
ante a técnica do vídeo,  
que, os olhos te surpreendendo,  
não passava aos teus ouvidos  
de simples cinema mudo.  
Os teus costumes e métodos:  
a hora-de-cada-coisa.  
Teu capricho, tua reza,  
teu gracejo, teu pigarro  
e teus pequenos defeitos -,  
perdoáveis defeitos teus -,  
sem desdouro aos teus braços  
e imponderáveis à vista  
das nossas pesadas faltas.  
A tua pronta memória  
de um longe tempo arquivado,  
enchendo em laudas o instante  
das tuas sombrias vésperas.  
As lentes com que, em bons tempos,  
lias a gleba, relias,  
as safras avaliando  
das terras de cana e fruta  
antes de todo o vexame  
de uma quadra malrendosa,  
lentes com que, com minúcia,  
em velhas, fiéis balanças,  
muitas drogas ponderaste.

O relógio de algibeira  
amiúde consultado  
(passatempo tragicômico),  
dos ponteiros, corda e números  
cativo já te tornando,  
como quem espera breve  
brotar por entre os seus dedos -,  
flor mecânica do tempo -,  
a hora definitiva.

Nos pés os calos criados  
por inúmeros caminhos  
e esse engelhado das mãos  
que tantos pulsos tomaram,  
pensaram feridas tantas.

Tua última doença  
com ofegos e exaustões,  
com 'a hora-do-remédio  
esperada, intransferível,  
marcando as oscilações  
ou mesmo o estreito limite  
entre o agora e o nunca-mais.

Os olhos que nos olharam,  
que os passos nossos seguiram,  
que tresvários vigiaram  
de mil febres que tivemos,  
e cuja luz foi, aos poucos,  
apagando-se, apagando,  
até de todo apagar-se.

Guardada no nosso peito,  
tua presença é lembrança.

### MOMENTO

Esses bois remoendo um sonho antigo,  
essas pedras calando o meu segredo,  
esse canavial gemendo o enredo  
de um amor que não teve um doce abrigo.  
Essas moitas chorando o meu degrado,  
essa moenda lembrando o meu castigo,  
essas flores a abrir cálice amigo  
para um amor que feneceu tão cedo.

## ANTE-SUPREMO CANTO OU PREMATURO TESTAMENTO

Dou-vos escassas colheitas  
conseguidas com o ofício  
de fazer chuva-de-giz  
defronte do quadro-verde.  
Chuva de uma como cinza,  
cinza branca de uns cigarros  
que na vida vou gastando  
como em teatro sem aplauso;  
cai nos olhos, suja os dedos,  
cobre de neve os cabelos,  
no entanto fecunda o trigo  
para o pão de nossa mesa.  
Deixo-vos prédios de sonhos  
e latifúndios de nada.  
Silêncios de solidão,  
verdes silêncios de monge,  
silêncios talvez herdados  
do vosso avô que era surdo  
e acostumou-se a escutá-los.  
Com eles estrumo o poema,  
disfarço a palavra mágica  
que trago embaixo da língua  
e revelo a timidez  
do menino sertanejo  
que tenho dentro de mim.  
Deixo-vos muitos haveres  
sem escritura em cartório  
mas pendentes do ar do outono,  
ou a serem recolhidos  
dos sábios e velhos sons  
da cadeira de balanço  
em seu ranger de vigília,  
no esconso da noite muda.  
Achareis ali guardadas  
na gaveta do **bureau**  
cartas de navegação,  
que o rumo vos mostrará  
de uma Atlântida submersa,  
a que não pude chegar.  
Deixo-vos prédios de sonhos  
e latifúndios de nada.

A pena de não ter visto  
a hora amável em que um sol  
desse ao povo redenção  
sem sangue nem sacrifício.  
Porém vos deixo o meu búzio  
de matéria intemporal  
que a dor retém dos mareantes  
no som que guardou do mar,  
para que anuncieis  
às trombetas expectantes  
as boas-novas de um tempo  
que não irei alcançar.  
(Não vos quero transmitir  
a minha ingloria fraqueza  
nos persistentes combates  
contra o apetite da carne.)  
Dou-vos minha experiência  
ensopada no suor  
de espreitas e sobressaltos  
de quem já andou muita légua:  
por mar, em barco veleiro,  
entre mistérios, recifes,  
procelas e calmarias;  
por terra, sobre uma égua  
de galopar azulento,  
vinda de priscas origens  
e de incógnitas pastagens.  
Nessa égua fui achando  
mais peitos maus do que bons,  
mais tristeza que alegria,  
muitos rostos assassinos  
e rudes vozes roufenhas  
de aedos que, dentre o povo,  
propagavam gestas, sagas,  
cantigas e cantilenas.  
Todo o mal da fauna humana  
pelas estradas flagrei:  
homens lobos (lobisomens?)  
disfarçados com pelegos,  
e vários em plena praça,  
em comícios, assembléias  
e tribunais, a empenhar  
o próprio espírito ao Diabo.  
A guerra, o assalto, o seqüestro,

as inversões dos valores,  
dos sexos as inversões,  
todo o mal da fauna humana  
testemunhei pelo mundo.  
Dou-vos minha experiência  
por prédios e latifúndios.  
Dou-vos a minha espingarda  
bem como o meu polvorinho  
dependurados no tempo,  
para apanhardes as pacas  
do almoço de regalia.  
O anzol com que pescareis  
o peixe das noites túmidas  
que tem o corpo inconsútil  
e proteínas eternas,  
para que saibais provar  
o fruto inconho da morte,  
desde o nosso nascimento  
unido ao fruto que somos.  
Deixo-vos tudo que sou  
no tudo-nada do sonho.

*(Voz das Coisas)*

## **DOAÇÃO DOS CORPOS**

Nas tuas ancas habitam  
as vésperas do retorno.  
Meu timão espera estios  
para vogar no teu corpo.

No teu brando olhar habita  
o roteiro dos meus passos.  
Quando me inunda o teu cio,  
navego-te em meus abraços.

Habita nos nossos corpos,  
em tanto frêmito unidos,  
a ressurreição dos mortos.

Habitam a mão de Deus  
os nossos gestos cumpridos,  
que já não são meus nem teus.

*(Frutos da Noite de Trégua)*

## O TRAJETO DA CRIAÇÃO

É noite e os galos vão cantar.  
Um silêncio espera o ato  
que ficou pré-escrito desde sempre,  
e há um alerta nas futuras trombetas  
do Apocalipse.  
Antes da decisão do poeta,  
paira no ar uma tensão  
entre a liberdade e o determinismo.  
A vida exulta neste instante,  
e a morte espreita do além.  
Logo há de celebrar-se a vida e a morte,  
pois é tempo de onírica colheita  
e Deus vai comunicar ao homem  
uma parcela do hálito que fez o Gênese.  
Pela folhagem cresce um tremor de expectativa  
à passagem da brisa que cicia.  
Pelas cordas, teclados, metais dos instrumentos  
corre um latente semitom à escuta,  
como prestes a exprimir-se à ordem da batuta.  
No pressentimento do poeta,  
o seio da terra e o das mulheres  
parecem disponíveis para a emoção  
do ato fecundante  
ou estão como se esperassem acolher  
a glória de um nascituro.  
Faz-se o Mistério de frêmitos e apelos ocultos  
à espera da cantante ação  
que há de embalar o mundo.  
Os passos do poeta transpõem a soleira da porta  
e, num segundo,  
a mão acende a lâmpada, e ele se transporta  
todo banhado em luminoso enleio.  
Roça-lhe a face  
o vento da eternidade.  
Talvez mônadas se agitem com maior anseio,  
e ressonos se interrompam inconscientes.  
Talvez, subjacentes,  
haja arrepio, ofego, êxtase e receio.  
Talvez percorra o globo um repentino eflúvio.

Pássaros talvez acordem em seus ninhos,  
a síndrome talvez se abale no seu curso,  
e os arsenais das armas nucleares  
abalem-se, talvez, por existir com fúria.  
Feridas latejando apostemáticas  
de modo mais intenso,  
no corpo ou na alma de entes cancerosos,  
oprimidos ou injustiçados,  
talvez esperem um instante  
por sua cura e tempos venturosos.  
Vai ser dita a Verdade,  
vai ser criado um mundo,  
que pode mudar o mundo,  
vai ser fundada nova face da Beleza.  
Acorda a voz, o primeiro som, riscando  
a fogo e nuvem o papel.  
Das trevas todo em luz e só deleite e mel,  
ou só denúncia e ardor, revôo e encanto,  
surge aquele que é um teorema  
para que o mundo se recrie e se complete:  
- com a manhã, das mãos aflitas do poeta  
nasce o Poema.

### CANÇÃO DE MAR E TERRA

Terra de semeadura em pleno outono,  
trazes os mesmos impetos do estio!  
Teu olhar pede êxtases, e abono  
que celebremos juntos nosso cio.

Ao teu corpo incansável me abandono,  
em tua alma envolvente me confio.  
Sei preparar a glória do teu sono  
com a libação do corpo em replantio.

Mas és o mar, além de gleba e dunas,  
por isso as ondas te navego ainda:  
com mão de brisa minha vela enfunas.

Meu amor, ante os seios teus de espreita,  
de antigamente vem e vai na linda  
viagem, que é plantio e que é colheita.

## ROMANCEIRO DE UM MORTO VIVO

### 3. MURMÚRIO DO COVEIRO "MÃO DE ONÇA"

Queria que eu tivesse  
mão de anjo e não de onça,  
para enganar, com uma prece  
ou mágica, a morte sonsa.

Plantarei esta semente  
cheio de dor e sem pressa,  
mas como quem já pressente  
ser realidade a promessa.

Demorarei meia hora  
a plantar esta semente,  
mas da treva feito aurora  
surgirá meu Presidente.

Chora a colher de pedreiro  
sobre as pedras desta cova.  
Correrá daqui ligeiro  
o rio de uma luz nova.

Minha mão deita o cimento,  
massa com o pranto da massa  
que inchará, como fermento  
forte, a invadir toda a praça.

A velha mão já se cansa  
de trabalhar com esta massa,  
porém não cansa a esperança:  
Tancredo enterra a desgraça.

*(Tempo de Colheita)*

### MENSAGEM DE PORTUGAL

Ah! devíamos ter amado mais:  
talvez menos doesse esta distância.  
No entanto o peito agora, feito de ânsia,  
sente que para o amor é mais capaz.

Com maior força para ti me atraís,  
sopram-se antigas cinzas de inconstância.  
Vivo a sonhar-te e vou, com toda a instância,  
exorcizando sombras de jamais.

Espero-te. Terás o mesmo embalo  
de noites tropicais. Tudo é um regalo  
neste claro verão que arde e ressoa.

Espera-te um querer de tais matizes  
que, na terra onde estão nossas raízes,  
como o tempo ver-te-ei sorrir à toa.

*Lisboa, verão de 87.*

## FUSO HORÁRIO

O som de um sino vem com a inquietação das ruas,  
à minha insônia fala e crucial ressoa. . .  
Que tristeza já serem em Lisboa,  
onde estou, duas horas da matina,  
e em casa, no Brasil, serem ainda  
vinte e duas!  
Aqui ser hoje e lá ainda ontem. . .  
(Contem-me como aí está sendo ontem, contem!)  
Tamanha pressa atraí, a ela não se resiste.  
Deixa-me, todavia, muito triste.  
Um qualquer sensabor de despedida  
de quem se adianta e deixa atrás a vida  
dos seus me atemoriza e me incomoda.  
Vertigem? Sensação de ultrapassagem?  
(Ouvi teus passos em roda?  
Ouvi a tua voz, vi tua imagem?)  
Possuindo o tempoespaço em si infuso,  
o fuso horário deixa-me confuso.  
Faz-se de onda e sal, nuvens e atmosfera,  
de terra e poeira azuis, de vãs esperas.  
Tecendo o meu destino entre os meridianos,  
sem roca o fuso fia desenganos.  
Da solidão nas malhas estou preso  
e sinto-me indefeso  
por tanta coisa não poder, aqui, distante,

como o calor sentir da Amada um só instante  
e não poder, à mesa de além-mar,  
unir-me a certo grupo e tomar parte ativa  
na sua alacridade à hora do jantar. . .  
Ai, toda ausência faz doer o lembrar  
e é uma preparação para a definitiva. . .

*Lisboa, 30.8.87.*

### CANÇÃO DA ESCADA

Antiga escada de cedro,  
a mesma escada do sótão,  
a do tristonho e tão só.  
Própria a uma ascensão triunfal  
e imagem de algum ciclone,  
certa escada em espiral.  
Escada para o repique  
a cada anjo dormente  
ou para o toque a finados,  
a da torre do passado  
na matriz de São Vicente.  
Escada da rouparia,  
galgada pela alegria  
de internos na arrumação  
da bagagem para as férias:  
do afã pisada, o subir,  
umas fumaças de incenso;  
e o descer, as ladainhas  
ou declinações latinas. . .  
Benta escada do Bonfim  
e benta escada da Penha,  
ambas vias percorridas  
para as nossas oferendas.  
Escada do Corcovado,  
a de um Tabor brasileiro  
para o olhar extasiado  
do nativo e do estrangeiro.  
Rústica escada do Horto  
do Patriarca de Juazeiro,  
marcada do desconforto,  
da pena e fé do romeiro.

Escadas célebres como  
as do Palácio da Pena,  
oh! as da mais bela cena  
e a da cúpula de Duomo,  
de Brunelleschi, em Florença,  
penhor de minha constância  
e de tua desistência. . .  
(Escada tosca, de pedra,  
a das nossas graves quedas.)  
E quanta escada rolante,  
rio de aço do consumo,  
muita vez fluir estranho,  
fluir de um contrário rumo,  
não normal, mas a montante  
em sua pressa constante.  
Escada de sucupira,  
a nossa, de cada dia,  
a de projetos em mira:  
de ocultos rastros coberta,  
sempre ao infinito oferta,  
escada para o aposento,  
veículo do sedento,  
ponte da íntima paisagem,  
uma escada como imagem  
de uma escalada de glória,  
nova escada de Jacó,  
marcada de sonho e dó,  
de lances da nossa história  
cheia de sons em conjunto  
como as falas na memória  
das viagens pelo mundo.  
Tanta escada numa só  
e tantos os seus degraus  
de cansaço, ardor e caos!  
Via de fuga ou diáspora,  
artéria da diária andança,  
um repto à arteriosclerose  
ou à possível artrite.  
Sempre instigante convite  
à nossa louca esperança!

*(Andanças e Marinhagens)*

# SOBRE VOZ DAS COISAS

OTACÍLIO COLARES

Meu fraterno amigo e alto poeta  
Linhares Filho

Antes de tudo, meus agradecimentos pela oportunidade que me proporcionou sua nobreza, dando-me, como ora me dá, o ensejo de falar, ainda e sempre, sobre poesia.

Sim, porque sou daqueles que, na proporção em que os anos passam, na aparência agredindo com a materialidade cada vez maior do comportamento das massas, mais se alcandoram no ideal de que a beleza existe, é necessária e fundamental.

Mas, aqui não estou para expender conceitos gerais, que todos temos sob nossas vistas este seu belo e por vezes contundentemente belo livro de poesias que sua sensibilidade, muito apropriadamente, intitulou *Voz das coisas*.

A muitos, de visão aligeirada, parecerá despiciendo de força esse título, que eu reputo magnífico, com o aproveitamento que fez, ao longo de tantos poemas, de certas manifestações materiais que a sua poética transformou em essência, transmudando, no geral, pelo filtro das lembranças, o que é real e conseqüente no que é infável e que alicia e comove.

Seu precioso livro você o dividiu em três estágios emocionais, ou seja, a *Voz das coisas* - do espaço, do inespço e da vida e da morte, numa abrangência que não deixa dúvida, quanto ao sentido universalizante que presidiu a fatura de cada poema, muito embora haja, latente, em todos eles, aquilo que chamaremos a raiz telúrica, o sentido, alegre ou triste, do poeta ligado ao seu chão e à sua grei.

Para que sintamos, todos, o que são as *coisas* que constituem o magma de seus poemas, neste livro que com prazer apadrinho, procuraremos defini-las, não por nós mesmos, antes, por alheia sabedoria.

Lá está no meu tão amado e permanentemente consultado Frei Domingos Vieira: *Cousa* ou *coisa*, substantivo feminino. Do latim *causa*. Tudo o que é inanimado, e, numa acepção generalíssima, tudo o que existe, existiu e pode existir; aquilo de que se trata, objeto, assunto.

Foi nessa grandiosidade, diremos, psíquica da forte palavra que o poeta mitigado e consciente, que é Linhares Filho, foi buscar a energia anímica que emana do encadeamento de suas palavras transformadas em versos pelos ritmos, que ele os tratou num leque amplíssimo de utilizações, na conformidade dos estados d'alma em que laborou.

Com relação à palavra *coisa*, lá está ela nos documentos mais antigos do cristianismo; exemplo, o que diz o Catecismo: "Non furtes nẽ huma cousa do alheio nem per onzenas nẽ per ma guanças". Para continuar: "E depois que perde

a dulcidão da paz, não a farta nem huma *cousa* senon choro e pesar da tristeza que se segue da turbação".

E, saindo do religioso para o didático, lá está nas proibidas ensinanças do *Leal conselheiro*, de D. Duarte: "Por abc entende-se os princípios mais elementares de qualquer *cousa*. E agora temos a palavra em toda a esplendência de sua força espiritual, na frase de Fernão Lopes, na sua famosa *Crônica de D. Pedro I*: "Que *cousa boa* que El-Rei possa fazer segundo os santos escrevem." E logo mais: "E por esto vossa real maiestade averá nós e nosso comum aparelhados de ledó coração a todallas *cousas* que lhe forem prazíveis."

Sintamos, porém, em complementação, a extraordinária vitalidade da aparentemente simples mas milagrosa palavra, na sextilha de El-Rei D. Dinis, ressumante de desolação amorosa:

"Mais Deus! que *grave cousa* d'endurar  
Qu'a mi será hir me d'u ela for,  
Ca sey mui bẽ que nunca possa achar  
*Nẽnhuma cousa* ond'aja sabor  
Senõ da morte, mais avrei pavor  
De m'ha non querer deus lã cedo dar."

São assim, desse teor de variada gama as *coisas* a cujas vozes o poeta Linhares Filho emprestou ao máximo a força de uma sensibilidade que se lhe revela imanente, se bem que contida, desde suas primeiras incursões, com a coletânea intitulada *Sumos do tempo*, datada de 1968, à qual sucederia, no mesmo ano, dele em parceria com outros jovens - *Sinantologia*, cujo título, em sua composição, alude ao grupo SIN, que teria sido o continuador da obra renovadora do Grupo de CLÃ, se tivéssemos já encostado a ferramenta, nós todos, os que o compusemos, nos agitados dias de luta aberta contra o marasmo provinciano, nós que estamos ainda em plena atividade criadora, agora como antes, prontos a incentivar os jovens que nos procuram, ainda meio inseguros em seus vãos, no campo por vezes enganoso da atividade artística.

Estamos a ater-nos à poesia de Linhares Filho, mas é justo não esquecer nele o hábil e percuciente crítico literário que, cada dia que passa, mais se evidencia atento esmerilhador. Prova desta constante atividade de analista, o conjunto valioso que já pode ostentar nesse difícil campo, com os seguintes títulos: *Linguagem e filosofia de Machado de Assis*, *Dimensões literárias de Graciliano Ramos e José Lins*, *Eça de Queirós contista*, e, mais recentemente, apresentada neste mesmo salão por mestre Moreira Campos, *A metáfora do mar no Dom Casmurro*.

Aos aqui presentes vai caber o prazer de fruir a sensibilidade do poeta, cada um a seu modo, sentindo a força da *voz das coisas* que despertaram no poeta os vários estados emocionais. Mas não fugimos à citação de alguns desses

momentos, ressumantes de expressão íntima, em versos como os deste mini-poema intitulado:

#### DA CONQUISTA ESPACIAL

*Ontem, universais metamorfoses  
na voz de Ovídio Naso.*

*Hoje, sob o comando da NASA. . .*

*No velocímetro a certeza  
do antecipado encontro:*

*o futuro num salto*

*ou em simples passada*

*espaçada.*

*Em nossos olhos o sobressalto.*

*Supervelocidade vence o tempoespaço  
sobre cavalos-vapor,*

*para que o futuro nasça (nasa)*

*como de um parto sem dor.*

Há, realmente, diluído nesses versos de uma arritmia certo proposital, um decidido tom epigramático, no encadeamento das universalmente conhecidas *Metamorfoses* do poeta latino Ovídio, do Século I antes do Cristo, e que era cognominado Naso por via de um seu parente, de exagerado porte nasal, com as outras transformações a que o mundo ora está sujeito, sob o comando da NASA, sigla internacional responsável pelas grandes conquistas espaciais hodiernas.

Mas, leiamos, de Linhares Filho, um poema do que ele chama o estágio do *Inespaço*, ou seja, das coisas que existiram no tempo recuado e que ele revive, redimensionando no intemporal da memória. Como neste, ao nosso ver, antológico.

#### MOMENTO

*Esses bois remoendo um sonho antigo,  
essas pedras calando o meu segredo,  
esse canavial gemendo o enredo  
de um amor que não teve um doce abrigo.*

*Essas moitas chorando o meu degredo,  
essa moenda lembrando o meu castigo,  
essas flores a abrir cálice amigo  
para um amor que feneceu tão cedo.*

É, sem favor, no seu ritmo à moda de antigamente, direi mesmo do melhor Camões bucólico de *soblos rios*, um dos mais expressivos e cantantes poemas do lado inespaçial do poeta.

Agora, para fecho das poucas citações da poesia que, logo mais, todos irão ter em mãos, este poema de metro vário que o autor, com muito propósito, chamou

#### POEMA DE RECUPERAÇÃO

*Não quero passar pela vida  
como quem a amaldiçoa.  
Por isso preparo o meu canto  
de louvor ao tempo  
que constrói o sempre  
e às coisas todas saídas  
da saliva de Deus.*

*Devo deixar antes o consolo  
em cada flor  
que o desespero  
em cada beco.*

*Ai de nós, homens, que não  
sabemos esperar,  
que não sabemos  
ter a justa dimensão do efêmero.*

Assim, senhoras e senhores, é a alta poesia de Linhares Filho, um dos que, em jovem, nos buscava, a nós, os de CLÁ, para as conversas, as discussões, e a final palavra estimulante. O Linhares que, aluno ainda de nossa velha Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará, já se nos revelava o mestre em potencial que, agora, com láureas mais que justas, integra o corpo de professores da citada instituição, ele que é, sem favor nenhum, um dos mais representativos valores das nossas letras e que, sabiamente, por meio de seus versos sempre altiloqüentes, nos faz despertos para ouvir a inefável voz das coisas. . .

## NO MUNDO DA POESIA

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

*Voz das Coisas* - eis o título, por sinal bastante sugestivo, do mais novo livro de Linhares Filho, poeta dos melhores entre os melhores de sua geração e cuja obra já se destaca como uma das coisas positivas das nossas letras contemporâneas. Os versos que compõem *Voz das Coisas* são muito bons, alguns excelentes, outros tocados de altíssima inspiração, com intensa carga sensorial, o que os coloca, a todos, numa alta dimensão lírica.

Quando li os primeiros trabalhos de Linhares Filho, escrevi algumas palavras de esperança, pois estava certo de que o seu talento iria produzir, como efetivamente produziu, uma poesia grave, bela, madura e plena, com temas ricos e linguagem nobre.

O poeta tem a exata consciência do fenômeno literário e não submete a sua arte a concessões duvidosas e efêmeras. É um poeta íntegro, total, convicto de sua missão social e de seu destino. Por isso mesmo, os poemas que escreve refletem essa posição que assumiu diante de si mesmo e da literatura.

Além disso, sua poesia encontra-se em processo de ascensão, como realização pessoal e artística. E só poderemos esperar dele coisas tão belas ou mais do que estas que agora nos oferece nas páginas de *Voz das Coisas*, com que marca novo triunfo em sua vitoriosa carreira.

## A POESIA OUTONAL DO JOVEM POETA

ALMEIDA FISCHER

Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Ceará, ensaísta penetrante e sensível, estudioso da poesia de Fernando Pessoa e da ficção de Machado de Assis, Linhares Filho tem sido poeta - e bom poeta - desde os seus primeiros vãos em nossas letras. Por dever de ofício, que exerce com muita competência, tem estudado mais os autores portugueses do que os brasileiros. Seu estudo sobre Pessoa, *A "Outra Coisa" na Poesia de Fernando Pessoa*, tem sido considerado como trabalho hoje indispensável à compreensão da poesia pessoana.

Seu mais recente livro de poemas, *Frutos da Noite de Trégua*, que acaba de sair pela Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, apresenta, por vezes, como é natural, alguns leves acentos e ressonâncias portuguesas, mesclados a uma dicção em geral nordestina. Este soneto talvez seja um bom exemplo disso:

"Um hálito de dor sopra com o vento, / um eco de inquietude se propaga. / A jusante e a montante há um lamento, / a percorrer as águas fraga a fraga. // No bafo do mormaço há um sedento / grito. Cresta o ambiente crua praga. / De onde, pela aflição, o pensamento / se turba vem na poeira um ai que esmaga. // De pedra, as mãos, os peitos e edifícios; / papéis, ouvidos, trânsito, de pedra; / de pedra os fariseus cheios de vícios. // Mas entre as pedras o clamor de agora / é semente tenaz, que depois medra, / banhada pela luz de grande aurora."

Conhecendo bem todos os segredos da arte poética, Linhares Filho oferece ao leitor, em seu novo livro, numerosas modalidades de poemas, principalmente odes e elegias, construídos em variados metros com diversificados sistemas rítmicos ou em versos brancos ou livres. Sua preferência pelo verso de sete sílabas - talvez de melhor ritmo - é indisfarçável, aparecendo até em sonetos, costumeiramente elaborados, inclusive por ele próprio, em decassílabos. Como exemplo temos o sonetinho "Doação dos Corpos", um dos melhores do livro, de que transcrevo apenas o segundo quarteto, bastante expressivo: "No teu brando olhar habita / o roteiro dos meus passos. / Quando me inunda o teu cio, / navego-te em meus abraços."

O volume se divide em três partes, não muito bem caracterizadas por particularidades temáticas ou de intenção: "Frutos Temporãos", "Frutos Inconhos" e "Frutos Outonais". Talvez a segunda parte justifique o título sob que aparece pela afinidade e estima do poeta em relação a pessoas e mestres da literatura. O título da terceira deve ter sido inspirado pelo "Soneto dos Quarenta Anos" com que se inicia. Há, de fato, nesta parte, poemas de tons outonais, mas é preciso ser muito pessimista para considerar essa marca etária (quarenta anos) como começo do outono. O povo diz que a vida começa aos quarenta. E a voz do povo é a voz de Deus. Isso pode, até, não ser verdade, mas é, pelo menos, bastante confortável para os que atingiram ou ultrapassaram essa marca.

## TEMPO DE COLHEITA

FRANCISCO CARVALHO

Leio *Tempo de Colheita* - o mais recente livro de poemas de Linhares Filho, Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor do Departamento de Letras Vernáculas, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.

Conhecendo, de longa data, o seu indiscutível talento poético e o extremo rigor de sua consciência literária, não constitui nenhuma surpresa, para mim, o fato de constatar que na sua poesia atual continuam a prevalecer aqueles mesmos predicados e aqueles mesmos valores que a tornaram conhecida, respeitada e admirada entre nós.

Espírito essencialmente crítico, sensibilidade vigilante, absoluto domínio do artesanato e dos complexos problemas da linguagem e das micro-estruturas de que se compõem os contextos literários, Linhares Filho comporta-se, em todos os momentos, como um poeta que se desincumbe serenamente dos seus privilégios de escritor; um poeta que tudo conhece e tudo sabe sobre os fenômenos de que se constela o universo da poesia.

O aspecto social, o aspecto ético, o aspecto filosófico, o aspecto estético e o aspecto religioso - todas essas dimensões, além do aspecto existencial e do metafísico, estão harmoniosamente articuladas na engenhosa trama metafórica dos seus poemas.

Sua poesia, aliás, sempre se evidenciou por uma atmosfera de religiosidade extraordinariamente marcante. Verifico, agora, que essa conotação mística de sua veia poética assumiu novo colorido e entonações mais profundas. Não apenas se respira esse clima de religiosidade a partir do título do livro, impregnado de sugestões bíblicas, mas sobretudo em algumas peças de conteúdo religioso explícito, como é o caso dos sonetos "Além da Estrada de Damasco", "Um dos de Emaús" e "Esperança" e também no poema "Ofrenda", com seu marcado feitiço de oração.

Há momentos de verdadeira e intensa poesia nos textos enfeixados em *Tempo de Colheita*. Escrevendo em versos livres ou praticando a versificação de feitiço tradicional, o desempenho poético do autor é sempre relevante e sempre nos impressiona pela marca pessoal, pelo rigor, pela beleza e pela expressividade. Linhares Filho é um conhecedor profundo de todos os labirintos da palavra, de todos os matizes e magnetismos do verso, sem esquecer "os segredos da arte de erguer universos com a constelação dos signos", na feliz expressão do crítico Sânzio de Azevedo.

É incontestável a densidade lírica dos poemas do seu último livro. Alguns dos seus sonetos adquirem uma expressividade muito grande e é fora de dúvida que isso acontece pela forma inovadora como foram elaborados. Um exemplo é a bela quadra com que se inicia o "Soneto do Amor Efêmero":

*Fugaz momento o de uma febre acesa  
no limite da espera e da partida.  
Viva inquietude a da alma dividida  
pela mão segurada sobre a mesa.*

A poesia de Linhares Filho, se não adota o discurso social explícito, em consonância com o figurino da chamada arte poética engajada, nem por isso deixa de ser um documento extremamente sensível e extremamente representativo dos anseios e aspirações da sociedade contemporânea. Sobretudo o seu canto se volta para os oprimidos, para os desamparados da vida e para os "que só têm migalha": "Geme o vento norte / pelos mais sem sorte. / Geme o vento sul / pelos pobres nus".

O poema "Elegia do Suicida da Torre" é outro dos textos do livro que mostram claramente o rumo da bússola poética do autor de *Tempo de Colheita*.

Extremamente preocupado com os aspectos formais de sua poesia, cujos processos de elaboração são bastante valorizados pela responsabilidade com que o poeta costuma encarar o seu ofício de escritor, Linhares Filho consegue o difícil equilíbrio de conciliar as suas ambições de modernidade com a valorização estética da linguagem literária.

Estou convencido de que este poeta não se coloca ao lado daqueles para os quais só existe poesia a partir da expressão ostensiva de sentimentos ideológicos. O grande Jorge Luís Borges, falecido recentemente, teve a coragem de dizer que procurava nos livros a emoção estética. E não sei de ninguém que o tivesse contestado. A mediação estética, para Linhares Filho, é um referencial de indiscutível relevância na formulação do texto literário. Releva salientar que a densidade metafísica é outra dimensão preponderante na poética do autor cearense.

Gostaria de fazer um destaque especial para o poema "Romanceiro de um Morto Vivo", sobre a morte de Tancredo Neves. É sabido, aliás, que a morte do político mineiro deu ensejo a uma enxurrada de poemas medíocres, conforme se viu em alguns dos suplementos literários que se publicam no País. O poeta Linhares Filho, o que não é surpresa para ninguém, ultrapassou brilhantemente essa medianidade literária. Na realidade, ele escreveu um dos melhores textos poéticos sobre a morte de Tancredo Neves. Alguns dos segmentos do poema são realmente muito bons. É o caso, por exemplo, dos números 3, 4 e 5.

Estas notas apenas para dizer das excelentes impressões que me causaram os poemas mais recentes de Linhares Filho. Ao lado do grande crítico cuja eficiência todos lhe reconhecemos e aplaudimos, convive, nele, um poeta de superior categoria, em perfeita sintonia com os mistérios do mundo e com "o momento agônico do homem contemporâneo".

## A COLHEITA POÉTICA DE LINHARES FILHO

SÂNZIO DE AZEVEDO

QUANDO, após uma estada de quase sete anos em São Paulo, retornei ao Ceará em 1966, trazendo a poesia bissexta dos meus *Cantos da Longa Ausência*, editados nesse mesmo ano, encontrei os meios literários de minha terra animados com o surgimento de um novo grupo de jovens escritores. Era o chamado Grupo SIN, que teria efêmera duração, mas que marcaria sua presença nas letras com a publicação, em 1968, da *Sinantologia*, reunindo textos de Barros Pinho, Horácio Didimo, Inês Figueiredo, José Leão Júnior, Lêda Maria, Linhares Filho, Pedro Lyra, Roberto Pontes, Rogério Bessa e Rogério Franklin. Ao tempo dessa coletânea, onde se vêem alguns nomes que se projetaram, já haviam estreado em livro Horácio Didimo (*Tempo de Chuva*, 1967), Pedro Lyra (*Sombras*, 1967),

Roberto Pontes (*Contracanto*, 1968), e Rogério Bessa (*Poesia em 2 Tempos*, 1968). Em 1969 Barros Pinho lançaria seu *Planisfério*, mas antes dele, ainda no ano da *Sinantologia*, Linhares Filho havia estreado em livro com os *Sumos do Tempo*.

A retomada destes registros de vinte anos atrás me foi provocada pela leitura de *Tempo de Colheita* (1987), o mais recente livro de poemas de Linhares Filho.

Diga-se de antemão que Linhares Filho, ao estreiar, não o fez com a timidez de muito principiante, que mal balbucia o idioma poético: em *Sumos do Tempo*, já há páginas definitivas, e Braga Montenegro, ao prefaciá-lo, destacava alguns poemas (os intitulados de "momentos"), que, na opinião do saudoso crítico, "são como que a autobiografia do poeta e se expressam em símbolos, imagens e cogitações de alto poder de persuasão estética".<sup>1</sup> Deste livro inicial, transcrevi, na minha *Literatura Cearense* (1976), "Elegia do Cavalo da Infância" e "A Minha Mãe, Habitante da Morte". Mas não será demais a reprodução do "Momento 6", para se ter uma idéia da força com que se apresentava o poeta:

*Há mais que o simples ser em cada cousa.  
Mesmo quando nada mais fôr,  
tudo será em nós  
e saberemos descobrir o verso oculto  
até nos mais desprezados objetos.  
Então, de toda a Poesia  
se fará um só Poema.  
Conosco todas as cousas serão chamadas  
e cada uma responderá em nós,  
porque todo minuto de cada espaço  
está fixado no Eterno  
e há mais que o simples ser em cada cousa.*

Consolidaria ele seu nome de poeta com outras obras, como *Voz das Coisas*,<sup>2</sup> onde a mesma carga lírica percorre textos do teor de "Elegia para meu pai" ("A tua pronta memória / de um longe tempo arquivado, / enchendo em laudas o instante / das tuas sombrias vésperas."); "O extinto sótão" ("Ao interior daquele sótão / alguma solidão confiou / o seu ilícito orgasmo, / algum colóquio o seu sigilo, / alguma devoção a sua reza / e algum ódio a sua bilis."); "A minha mãe na morte" ("tenho necessidade de falar-te: / voltar sempre a ti ainda, / que eu sou o turbulento rio / de que és a calma origem."), e inúmeros outros.

Em *Frutos da Noite de Trégua*,<sup>3</sup> revela, no "Conhecimento e invocação da poesia", que a visita ao poema tem, para ele, a mesma força revigoradora do contacto da Terra para o gigante Anteu, na Mitologia clássica. Por isso, confessa: "Banho-me no Poema / e me liberto redivivo e novo." A poesia há de ser a razão maior de sua vida, e deverá mesmo ecoar para além da extinção de sua presença física, e é assim que no final do "Soneto dos Quarenta Anos" (um dos mais belos

do livro) diz: "penosamente irei sempre subindo, / a perseguir ideal radioso e lindo, / e a enfrentar impiedades e furores. // Até que tu, Hora Suprema, aplaques / meu coração, que descerá aos baques, / mas dando eco triunfal às minhas dores."

*Tempo de Colheita*,<sup>4</sup> seu mais recente livro de poesia, vem confirmar mais uma vez a legitimidade do papel desempenhado pelo poeta em nossas letras, ele, que, movendo-se em versos livres, em redondilhas, em octossílabos, em decassílabos ou em alexandrinos, demonstra sempre a mestria de um artesão dono de seu ofício.

Dividido em três segmentos, a "Colheita Metafísica" fala da criação poética, das velhas lembranças, dos amores, fugazes ou eternos, dos grandes mestres e da busca de Deus; a "Colheita Telúrica e Humanística" celebra a cidade natal do autor, Lavras da Mangabeira, a volta do escritor ao seu Ceará, a faina dos oprimidos, a angústia do homem; por fim, a "Colheita Cívica" trata do sacrifício de Tancredo Neves, ergue um Hino à Bandeira do Brasil e exalta a Pátria.

Da maior densidade e de profunda beleza é o poema que abre o volume, "O Trajeto da Criação", texto em que se estadeia toda a crença do artista na grandeza do ato poético: "Logo há de celebrar-se a vida e a morte, / pois é tempo de onírica colheita / e Deus vai comunicar ao homem / uma parcela do hálito que fez o Gênese". Tudo se transforma e se transfigura, porque afinal, "com a manhã, das mãos aflitas do poeta / nasce o Poema".

Destaque-se, dessa primeira parte, "Além da Estrada de Damasco", soneto pleno da mais pura religiosidade, e que enfileira Linhares Filho naquela linhagem que nos deu algumas das mais belas páginas místicas de um Gregório de Matos, de um José Albano ou de um Jorge de Lima:

*Esperaste-me tanto, Deus clemente!  
Do abismo em que afundava, a ti clamei,  
e tua mão, que parecia ausente,  
logo me conduziu à doce grei.*

*Saio a proclamar isto, de repente:  
Achei Deus! Achei Deus! Meu Deus achei!  
Cegaste-me na estrada, e abriu-se a mente.  
Quero, louco de ti, seguir-te a lei.*

*Sou quem já, sem vivência, te contava  
como porto final do ser humano,  
poesia e paz, que só agora sei.*

*Leva-me, no teu vento, à selva brava  
da missão a cumprir, o eterno plano  
de te pregar ao mundo como Rei.*

Note-se o requinte com que o poeta fez iguais as rimas finais de cada estrofe, podendo-se dizer assim que o esquema rimático do soneto é ABAB / ABAB / CDB / CDB.

Da segunda parte, "Tempo de Colheita 2" mostra, em seus octossílabos, a exortação do poeta que, embora essencialmente lírico, sabe com propriedade e arte ferir a corda da poesia social e participante: "Homem, que vives a cumprir, / suando ao sol, a dura faina / é tua a terra da colheita. (. . .) Não te conformes com uma estreita / faixa de chão, da qual apanhes / uma mesquinha e injusta safra." E conclui o poema: "Hás de lavrar o chão da gleba / num gesto puro que deleita / assim como eu o tempo lavro / para o poema da colheita." Nesta mesma parte, "Pelos Oprimidos" segue a mesma linha de indignação contra as injustiças sociais: "Chora a nuvem triste orvalho / pelos que não têm trabalho. / Pia a soturna coruja / por quem de angústia escabuja." O final, porém, é de esperança: "Mas a todos, cheio de uma intuição, / um galo anuncia a libertação."

Da última parte, o "Romanceiro de um Morto Vivo", composto de sete segmentos ("Reflexão do Porta-voz", "Fala de Risoleta Neves", "Murmúrio do Coveiro 'Mão de Onça'", "Voz do Vento", "Um Diálogo nas Trevas", "Uma Voz nas Trevas" e "Mensagem de Tancredo Neves"), ostenta momentos de rara intensidade poética. Destaque-se, dentre essas partes, a quinta, "Um Diálogo nas Trevas", que repete, como primeiro verso de cada estância, uma frase que teria sido pronunciada pelo estadista, em sua angústia:

- *Eu não merecia isto.*

- *Sofreste pela Nação,  
cujos chefes a Mefisto  
deram o seu coração.*

- *Eu não merecia isto.*

- *Por crimes do alto escalão  
padeceste, novo Cristo,  
e por dias que virão.*

- *Eu não merecia isto.*

- *Pela paz de cada irmão  
e contra um pútrido quisto,  
não foi teu martírio em vão.*

- *Eu não merecia isto.*

- *Mas fecunda é a negação:  
de herói e mártir um misto  
todos te proclamam.*

Como bem observou Francisco Carvalho, discorrendo precisamente sobre *Tempo de Colheita*, "O aspecto social, o aspecto ético, o aspecto filosófico, o aspecto estético e o aspecto religioso - todas essas dimensões, além do plano existencial e do metafísico, estão harmoniosamente articuladas na engenhosa trama metafórica dos seus poemas."<sup>5</sup>



## PEDRO LYRA

Pedro Wladimir do Vale Lyra: Fortaleza, 28.01.1945.

Doutor em Letras pela UFRJ (1981), Professor de Poética da UFRJ e Visitante em Universidades de Portugal, Alemanha e França. Integrante do Conselho Editorial da *Revista Tempo Brasileiro*, colaborador do *Jornal do Brasil*, (1976-1985) *Revista Colóquio-Letras* de Lisboa e Coordenador da Coleção *Nossos Clássicos* da Editora Agir.

Sócio titular do PEN Clube do Brasil, seção do Rio de Janeiro.

### DO AUTOR

#### POESIA

*Sombras*. Fortaleza, Ed. do Autor, 1967. Prêmios José Albano da Universidade Federal do Ceará e Poesia da Academia Cearense de Letras, 1968.

*Doramoç*. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1969.

*Poema-Postal*. 1ª série: Fortaleza / Rio, 1970; 2ª série: João Pessoa, 1971; 3ª série: Rio, 1986; 4ª série: Lisboa, 1987; 5ª série: Paris, 1989.

*Decisão*. Poemas dialéticos. 1. ed.: Rio, Tempo Brasileiro, 1983; 2. ed.: 1985.

*Desafio*. Uma poetica do amor. Rio, Tempo Brasileiro, 1991.

*Contágio*. Poesia do desejo. Rio, Tempo Brasileiro, 1993.

#### CRÍTICA

*Poesia cearense e realidade atual*. 1. ed.: Petrópolis/Fortaleza, Vozes/Unifor, 1975; 2. ed.: Rio, Cátedra/INL, 1981.

*O real no poético* - Rio, Cátedra/INL, 1980.

*O dilema ideológico de Camões e Pessoa*. Rio, Philobiblion, 1985.

*O real no poético* - II. Rio, Cátedra/INL, 1986. Prêmio de Ensaio da Associação Paulista de Críticos de Arte, 1987.

## ENSAIO

- Utiludismo. A socialidade da arte.* 1. ed.: Rio, Tempo Brasileiro, 1976; 2. ed.: Rio/Fortaleza, José Olympio/UFC, 1982.
- Literatura e ideologia.* Petrópolis, Vozes, 1979; 2. ed.: Rio Tempo.
- Conceito de poesia.* São Paulo, Ática, 1986. 2 ed.: 1992. Brasileiro, 1993.
- Dialética da poesia.* A sair.

## PARCERIA

- Sinantologia* Fortaleza, Imprensa Universitária, 1968.
- Perspectivas.* Rio, Faculdade de Letras/UFRJ, 1984.
- Os contrapontos da literatura.* Petrópolis, Vozes, 1984.
- Perspectivas - II.* Rio, Faculdade de Letras/UFRJ, 1985.
- Poesia sempre.* Rio, Tempo Brasileiro, 1985.
- Perspectivas - III.* Rio, Faculdade de Letras/UFRJ, 1988.

## ORGANIZAÇÃO

- Vinicius de Moraes - Poesia.* Seleção, introdução e notas. Rio, Agir, 1983.
- Neide Archanjo - Poesia: 1964-84.* Seleção e prefácio. Rio. Guanabara, 1987.
- A poesia da geração-60.* Introdução e Antologia. A sair.

## NO EXTERIOR

- Manifesto del Poema postal.* El Popular. Montevideú, 7.8.70.
- Ocho tesis del Poema-postal.* El Popular, Montevideú, 2.5.71.
- Pequena antologia da poesia brasileira.* Lisboa, Faculdade de Letras, 1986. Seleção com Vânia Chaves.
- Poema-postal.* 4ª série. Lisboa, 1987. Edição experimental.
- A poesia contemporânea no Brasil.* Lusorama nº 6. Mitteilungen der Sektion Portugal/Brasilien im Deutschen Spanischlehrerverband, Frankfurt, nov. 1987.
- Musa lusa.* Sonetos do amor. Lisboa, Limiar, 1988.
- Poema-postal.* 5ª série. Paris, 1989. Edição experimental.
- O poema e a letra de música.* In: Os estudos literários: (entre) ciência e hermenêutica. Lisboa. Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 1990.
- Poesia brasileira contemporânea: o saldo de vinte anos.* In: Aspetti e tendenze della letteratura brasiliana contemporanea. Letteratura d'America nº 34, Università "La Sapienza", Roma, 1990.

Die Rede des Privilegs (A fala do privilégio). In: SPERBER, Achim. *Brasilien - Land der Extreme*. Dortmund, Harenberg, 1990. Trad. Ingrid Schwamborn.

#### SOBRE O AUTOR

- BRASIL, Assis. *O livro de ouro da literatura brasileira*. Rio: Tecnoprint, 1980.
- COUTINHO, Afrânio dir. & COUTINHO Eduardo F.<sup>co</sup> dir. *A literatura no Brasil*. 3 ed. Rio: José Olympio/UFC, 1986.
- COUTINHO, Afrânio & Sousa, J. Galante de. dir. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio: FAE, 1990.
- D'ALGE, Carlos. *O exílio imaginário*. Fortaleza: Ed. UFC, 1983.
- DANTAS, José Maria de Souza. *Literatura e teoria da comunicação*. In: 2º congresso brasileiro de língua e literatura. Rio: Gernasa, 1971.
- FORSTER MERLIN H. & JACKSON K. David. comp. *Vanguardism in Latin America literature*. (An annotated bibliographical guide.) New York, Greenwood Press, 1990.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Poesia jovem/Anos 70*. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- MATTOSO, Glauco. *O que é poesia marginal*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MELLO, Maria Amélia. org. *20 anos de resistência; alternativas da cultura no regime militar*. Rio: Espaço e Tempo, 1986.
- MICCOLIS, Leila. *Do poder ao poder*. Porto Alegre: Ed. Tchêl, 1987.
- PROENÇA FILHO, Domicio. *Estilos de época na literatura*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- PY FERNANDO. *Chão da Crítica*. Rio: Francisco Alves, 1984.
- SÁ ÁLVARO de & MENDONÇA, Antônio Sérgio. *Poesia da vanguarda no Brasil*. Rio: Antares, 1983.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos de poesia brasileira*. Coimbra: Almedina, 1985.

#### DIA A DIA

Este mundo é um paraíso, veja: cada demônio  
estrangula mil almas antes de sucumbir.  
Consumidor ou contribuinte, concorrente ou trapaceiro,  
o homem tem que vender seu sangue para continuar vivendo.

Necessidade humana é vez de investimento.  
O bom ministro não pode soltar muito para não perder o posto.  
As pessoas, às vezes, querem ajudar as pessoas  
mas ficariam sem nada para comer no outro dia.

As serenas virtudes, teologais ou humanas,  
se reduziram à sua exata expressão financeira.  
Todos se dizem cristãos, mas o seu único deus  
é o dinheiro com que pagam o direito de continuar mentindo.

Os mercados e as lojas, os armazéns e as feiras,  
expõem nas vitrines a produção dos famintos.  
E os jornais exibem, em vermelhas manchetes,  
o lucro diário das fartas exposições.

O sexo, o prestígio, a crença, a liberdade  
se disputam e se compram, como qualquer mercadoria.  
Todos são bons, embora sobrevivam: apenas,  
não há dinheiro para cumprir tanto mandamento.

O homem que cruza comigo, rasgando a multidão,  
traz embrulhos nas mãos e terror no resto do ser.  
Pode ser aquele que me aponte o caminho, pode.  
Pode ser aquele que me matou ontem, pode.

As máquinas me penetram e me deformam por dentro  
por saberem que eu quero continuar o que sou.  
A dor assumiu a forma de passagem para o céu  
e o amor não se pratica, porque é caro e perigoso.

Os exércitos se armam por todas as gerações  
a agressão mais feroz disfarçando em defesa.  
Bombas cospem dardos, tão suaves que não matam:  
deixam vivo o morto, para usá-lo como fonte.

A guerra devora o que resta dos espíritos  
e o governo decreta que o povo se sinta em paz.  
A vida humana? Vale tanto quanto o dente  
que apodrece na engrenagem: troca-se

Como animais - trabalhamos - como máquinas,  
destruindo a juventude em deveres e angústias.  
Alegria? Chega a velhice: do trabalho de uma vida  
resta o cansaço, e um diploma de honra ao mérito.

Olhando o espaço, onde a luz corta a poeira,  
eu prevejo meu mundo - preso de corpo e alma.  
Agrido meu semelhante, chamo o governo de corrupto  
para me levarem à cadeia e poder sentir-me livre.

Por este mundo, que deve ser a entrada para  
o inferno.  
passo  
e atiro minha alma na mais próxima fogueira.

## AS DUAS FACES

Olhe bem, cidadão , e veja  
o mundo que construímos para seus filhos:

Absoluta tranqüilidade nas ruas.  
Nenhuma voz de discordância.  
Todos num produtivo labor.

É paz, é ordem, é trabalho.  
E motivo nenhum para insatisfação.

- Vejo:  
*paz, ordem, trabalho.*

Seu mundo é seguro como um quartel  
e a vida surgiu para o risco de vivê-la.

Nem as folhas das árvores balançam:  
mas eu  
sonho com um mundo de movimento equilibrado,  
não com a anulação do movimento;

mesmo as pedras obedecem:  
mas eu quero  
um mundo onde os contrários se harmonizem,  
não a eliminação dos contrários;

até as almas suam:  
mas eu luto por um mundo  
não apenas onde o homem realize atividades,  
também onde as atividades realizem o homem.

Um mundo  
de paz, de ordem, de trabalho.

(E LIBERDADE)

## SOBREVIDA

Acordas. Às vezes, quando  
o expediente ainda demora um pouco,  
tomas um banho, e te sentes aliviado.  
Abraças os filhos, que te pedem para ficar;  
beijas a mulher, que te pede paciência; e vais  
para o cumprimento diário do que chamas teu destino.

Às vezes, quando  
o mercado não estica os teus músculos  
(nem os de teus companheiros) almoças em casa;  
quase sempre, porém, na própria oficina  
temperado com poeira e óleo, suor e pressa.  
Repetes, à tarde, o que fizeste  
sem prazer durante toda a manhã.

À noite, tens o direito de escolher:  
vais ao cassino ou ao palácio,  
ao cardiologista,  
à casa de um colega, de um ministro, de um banqueiro,  
ou ao psicanalista.  
Regularmente, levavas a mulher para a cama  
e depois - porco saciado - dormes; ou então  
ficas a sorver o veneno, que procura  
nos convencer de que sempre foi assim e sempre será assim.

Enquanto isso, educavas a tua prole  
que não terá veredas nos seus caminhos.

Pois bem:  
chamas a isto - *viver?*  
Tuas atividades de homem se reduzem a isto?  
*Sim* - dirás, talvez - *é o que fazem*  
*todas as pessoas que conheço e que parecem comigo.*  
*Nas férias, a coisa muda um pouco:*  
*vou a um clube de campo*  
*ou faço uma longa viagem. Mas*  
*quando um memorando me avisa o fim do sonho,*  
*já estou ansioso para escalar o batente.*

Agora, ouve;  
durante toda a vida, trabalhaste;  
e só por isso não sabes fazer outra coisa.



sob uma lua virgem  
- entre névoas -  
sobre um leito de folhas  
- entre nuvens -  
o primeiro casal nos garantiu.

Por nós nos afirmamos, por nós mesmos  
pois foi o sexo - o amor - quem nos gerou.

### SONETO DE CONSOLAÇÃO - IX

Poeta

meu proteu  
assume logo  
tua parte de culpa em teu fracasso:  
vocês divinizaram nosso corpo  
vocês vulgarizaram nosso espírito  
para nos reservarem  
(só objeto)  
e nos subjugarem  
(não sujeito)  
pois vulgar  
- nem devia ousar um vôo  
divino  
- nem devia ser visado.

Vocês podiam se espojar no lixo:  
- era o corpo do homem a lixeira.  
Vocês mesmos podiam resgatá-lo:  
- o espírito do homem era a luz.

E separando o que é inseparável  
transformaram o amor no seu oposto.

### LAVRAGEM - XXVII

No momento fatal da vida humana  
caem as células  
fecham-se os sentidos  
estanca o coração  
se apaga o cérebro

Acabam-se com isso as sensações  
acaba o pensamento

- morre o espírito.

Mutável

a matéria continua

sua existência muda

indestrutível

por toda a eternidade do universo.

Mas não se pode amar só com a matéria

e agora estamos mesmo em solidão:

não mais anseios

glórias nem tormentos

nem descobertas ao raiar do outro.

Nada.

(Mas se o espírito não morre  
o nosso amor também será eterno.)

### LAVRAGEM - XXIX

Viver é real. Reviver é poético.

Em vez da tua boca

beijo a sombra

- fantasia colada à realidade  
transfigurada

para além da hora.

No tecido abstrato das palavras

refaz a concretude dos teus beijos

- misto

de frustração e transcendência

lá d'onde a vida fora plenitude.

Agora

criado o ser que te recria

eu volto

não a ti

mas ao poema:

em vez da tua sombra  
beijo os versos

- fantasia colada à fantasia  
distante  
por dois graus  
da realidade  
no entanto mais real do que o real.

## SONETO DE AFIRMAÇÃO - XII

Incerto tudo  
(sombras na montanha)  
veio a praga do império.

No princípio  
foi o império do ferro:  
era de ferro  
mas caiu  
podre;  
então veio o império  
do ouro:  
ainda assim  
sendo de ouro  
faliu  
depauperado;  
após, o império  
do papel:  
mesmo sendo de papel  
rachou-se  
branco.

Eles tombaram (todos)  
não porque fossem secos frios duros  
mas porque eram impérios  
qu'isso baste.

E morra não apenas sua lembrança  
idéia ou nome  
- mas a sua hipótese.

E se tiver que vir um outro império  
venha o do amor  
(sol na planície).

E fique.

## CONTÁGIO

Astros malditos,  
forças brutas e irracionais da natureza,  
simples instinto de conservação da espécie  
ou cego anseio de realização do indivíduo,  
- quem quer que seja a fonte  
que faz acontecer

isto

que chamam do amor -

beleza do ser a amar, pavor do ser à solidão,  
projeção de um eu num outro,  
quem quer que seja, - olhai pra mim.  
Olhai um instante pra mim.

Todos amam.

Todo ser que já passou na terra

- o' mais distraído pássaro, a mais egoísta fera -  
quem quer que seja que tenha recebido um coração,  
tudo, todos, ao menos uma vez, amaram.

Pode até não terem sido amados, mas amaram  
e gozaram

na alma e na carne

esta coisa

que deve ser o delírio  
do desdobramento num outro.

Eu não.

E deve ser tão bom esse gosto de amar  
que talvez até transcenda o de ser amado.

Não sei.

Eu nunca andei por essa estrada  
e não conheço o que floresce às suas margens.

Por isso  
fontes responsáveis pelo nascimento do amor  
é que eu queria um pouco provar das vossas águas.  
Até agora, simplesmente a praia e as palavras.

Nem peço para ser amado: só para amar. Quero  
sentir essa loucura em que as pessoas se dizem mais lúcidas,  
que faz os tímidos derrubaram impérios moralistas  
e que faz com que o ser

doando o próprio eu  
fique sendo mais si mesmo.

E se duplique.

Dai-me a chance do acaso necessário de amar,  
astros malditos, que me negastes até hoje.  
É de todos: portanto, minha também. E eu a quero.  
Ninguém pode negar-me o meu direito à perdição.  
Eu quero me atirar nessa fogueira onde, no fim, hei  
de encontrar meu próprio fim. Quem sabe assim  
me encontrarei.

Basta uma vez.

Melhor que seja apenas uma vez.  
Só uma, para não ter que passar pela miséria  
de perder

de esquecer  
e de recomeçar.

E deslizar de novo, após, no mesmo abismo.  
Não. Por melhor que seja, não quero uma segunda.  
Não. Não é pelo receio de sofrer  
mas para não ficar sem essa que me dita estas palavras  
- essa, que não está aqui, e, no entanto, está.  
Não aquela que parece tão rica, tão feliz e traz estrelas nos cabelos  
porém esta que abre em suas mãos meu porto de ternura;  
nos olhos, o rumo dos caminhos por onde nunca andei;  
nos lábios, a poesia de um sorriso que canta como um beijo.  
E em todo o seu ser, o espaço de revelação do meu.  
Ela parece que sofre e sonha como eu.  
Não. Talvez não sofra nem sonhe - mas é tão bela  
que, com certeza, também há de querer amar.  
Ou, pelo menos, ser amada. De um amor  
assim - tão único e completo - que  
parta do ser amante, toque o ser amado  
e, ao contágio de sua plenitude, faça  
do ser amado também um ser amante.

Astros malditos, como seria pleno o nosso encontro!

Ela disse que vinha e eu já me sinto com ela.  
Ela ainda não chegou e eu já me sinto completo.  
Sinto um gosto de prazer na boca só de dizer seu nome.

Narcisa

Narcisa

Narcisa

eu até diria que isto já é amar  
se eu soubesse o que é amar.

## O MOTIVO

Te amo?

Não sei.

Sei que quero estar contigo quando estou em paz;  
quando estou em transe, também quero estar contigo.

(Se te quero na calma e na luta, deve ser porque te ame).

Quero estar contigo quando a chuva me congela desejos;  
quando o sol me acende sonhos, também quero estar contigo.

(Se te quero no vazio e no pleno, deve ser porque te ame).

Quero estar contigo quando sofro a solidão começando a ferir;  
quando a festa me oferece o mundo, também quero estar contigo.

(Se te quero na angústia e no prazer, deve ser porque te ame.)

Quero estar contigo quando a manhã traz uma música de vida;  
quando a noite um silêncio de morte, também quero estar contigo.

(Se te quero na vida e na morte, deve ser porque te ame.)

Não sei. Não sei.

Mas, sobretudo, quero estar contigo quando quero estar contigo.  
Como agora, e sempre, sempre, ainda, e mais e mais e mais.

(Contágio)

## DECISÃO - POEMAS DIALÉTICOS

ASSIS BRASIL

O livro de Pedro Lyra, *Decisão - Poemas Dialéticos*, levanta algumas questões, não apenas paroquiais, mas abrangentes, em que se envolve, ainda e mais uma vez, o conceito de poesia, a sua finalidade e/ou a sua utilidade no mundo capitalista, cujo sistema econômico submete às suas normas todas as manifestações da vida humana.

Em primeiro lugar, é preciso situar esse livro na contemporaneidade literária brasileira - embora a ousadia de sua concepção, *Decisão* não é um livro solitário em nossa literatura, tampouco uma aberração ou um produto exógeno. Para situá-lo, no entanto, temos que aludir a uma espécie de conflito que existe na poesia brasileira atual.

Temos os remanescentes (ou *reencarnados*) poetas da "tradição modernista" de 1922, que se agrupam a alguma coisa apelidada de "poesia marginal", ou de "geração do mimeógrafo" ou de "poesia pornô", todos gatos pardos do mesmo saco e que fazem uma prosa magra, desinteressante, do cotidiano mais imediato. Aqui, um poeta que se assina Chacal, pode ser destacado, não pelo que tem de comum com o grupo, mas por uma postura algo surrealista da linguagem, o que nos levaria a pensar naquela reflexão de Octávio Paz, que disse que um poema hermético proclama a grandeza da poesia e a miséria da história.

E tal reflexão, que destaca o lado "obscuro" da poesia, a sua aura, o seu prestígio emblemático, nos leva a outra linhagem da nossa contemporaneidade literária: a dos imagistas, na tradição universal da imagem, fatura milenar da poesia, da fábula, da paródia, da parábola, do mito, do paradoxo, ou seja, a metáfora é própria a uma linguagem que quer falar o incomum, a não-norma, para poder se comunicar com o mistério, com outros níveis da consciência humana. Este tem sido um aspecto estético permanente da linguagem poética, implícita aqui a identidade da poesia com não-dito, com o interdito, com o intertexto, o irrevelado aos olhos "pagãos" da linguagem lógica e pedestre. Esta poesia é rica em "figuras", em "estados" contemplativos e confessionais, e aqui podemos destacar Walmir Ayala - o mais mítico - Marly de Oliveira, "órfica" e virgiliana; Foed Castro Chamma - o mais "exorcizador" da realidade; e mais Carlos Nejar, Nauro Machado.

E temos, enfim, a linhagem dos poetas construtivistas, reunindo-se aqui os Vanguardas: Concretismo, Praxismo, Processo, em destaque Augusto e Haroldo de Campos, Wladimir Dias Pino e, a esta altura, os menos ortodoxos Mauro Gama, Armando Freitas Filho, Adailton Medeiros.

Pedro Lyra se aproxima deste grupo ainda atuante, de sua feição mais experimental do que tradicional, embora seus trabalhos estejam mais numa área do que podemos chamar de "artefato literário", do que propriamente na área do "objeto estético". Ambos são *formas*, criadas pela linguagem, mas o *conteúdo* do

segundo é sua própria *forma*, "um par de seres", uma *forma conteúdo*. Esta tem ainda, no dizer de Hjelmslev, um "plano de expressão", ou seja, contém um "estrato de forma", enquanto o "plano do conteúdo" tem um "estrato de substância". E é esta substância, este "material" com que lida a forma, que se comunica mais fácil, mais rápido.

Já podemos falar agora de "poema crítico", cuja matriz estética é, em nosso meio, João Cabral, um construtivista de largo poder criativo. A sua poesia deixou de ser aquela "solicitação ao agradável", ao profundo. Cabral já mudou o conceito de *beleza*, ou alargou o seu espectro significativo, como já haviam feito os pintores cubistas, quando um crítico ressentido parafraseou Dostoievski, dizendo que "se a beleza não mais existe, tudo é permitido". Mas Cabral salva-se do prosaísmo desinteressante ao adotar a estrofação, algo sintética, algo "visual", da redondilha. Toda a sua obra é uma perseguição da simetria e síntese da quadra, com que "mascara", no bom sentido, a sua poesia com uma dicção de sabor popular, calcada às vezes, é bem verdade, numa ressonância longínqua.

Para ressaltar aquele aspecto do "conteúdo", recorramos a uma reflexão estética de Sartre, que o impregna de um sentido social. Ele estava preocupado com uma literatura engajada politicamente e por isso alargou o sentido de uma palavra: *contexto*. Não exatamente o contexto dos linguistas ou dos críticos literários. O *contexto* sartreano remete para a literatura uma função social imediatista (os contextos políticos-ideológicos), a que o homem, em qualquer nível de conhecimento, não pode fugir.

As situações narrativas, então em face do contexto, tinham que explicitar, mostrar claramente o relacionamento do homem com o mundo - o aspecto do prazer estético, da contemplação da obra, é eliminado em proveito da visão social do contexto. A literatura torna-se puro instrumento de indagação, puro caminho por onde deve trilhar o discurso doutrinário, em favor de uma ação transformadora do homem.

João Cabral salva-se desta visão *contextual* e doutrinária da poesia porque, ao fazer a sua opção social, questionando a realidade, através de sua "poesia prosaica" ou "narrativa", conserva e mantém a sua postura de questionar também o valor estético da poesia, quer como poesia propriamente, quer como instrumento adequado para veicular o conteúdo social sem se transformar noutra coisa. "Eu vejo o poema como uma obra de arte", disse ele. Então a sua poesia é uma poesia-crítica da forma/conteúdo.

Os poemas de Pedro Lyra estão ligados a esta posição de João Cabral, embora eles sejam sem *forma*, ou melhor, não questionam a *forma* da poesia ao nível de uma metalinguagem, como Cabral. Seus poemas têm pausa, certo ritmo, e mantêm sempre o sabor de uma dicção prosaica e de uma narrativa linear. O conteúdo é claro, explícito, e foi assim que o poeta quis:

Mas

sabemos que um poema tem que dizer.  
E que os poemas que realmente serviram ao mundo do homem  
Modificaram  
O Mundo e o Homem.

\*

Para nós, A POESIA  
NÃO É UM BRINQUEDO: É UMA ARMA

A linhagem ideológica é brechtiana, naquele aspecto que seu teatro e seus poemas, de claro sentido didático e dialético, mostram os acontecimentos sociais. A sua intenção não é bem explicar, mas modificar o mundo. Assim, o conteúdo de sua arte surge para agir, para ter uma função transformadora. Mas Bertolt Brecht dizia que a arte, além de fazer pensar, também divertia.

Pedro Lyra faz uma concessão à metalinguagem quando questiona o verso, cujo "ciclo histórico", para os concretistas, já se encerrara, e fala então em "versifrases":

Para nós, o poeta  
(sobretudo aqui-agora) é um homem  
armado de sentires e pensares:  
- EM VERSIFRASES QUE OS DEFINEM,  
DIZ/PARA O FUTURO.

O "versifrase" não é bem o linossigno de Cassiano Ricardo, que tinha intenções "visuais" ao eliminar a tradição da horizontalidade do verso, remetendo-o à linha cruzada e vertical. Ele queria integrar, ao ato de compor a linha (pelo poeta), o ato de compor a linha (pelo linotipista), o que o levava de volta aos concretistas.

Esta disposição visual, "orgânica", do verso, também não está nos planos de Pedro Lyra, tampouco a página em branco exerce função na estrutura do poema, servindo como mero suporte (neutro) para o discurso:

Isto  
é o que eu quero dizer:  
O burguês está destruindo o humano.  
E esta é a forma em que quero dizê-lo.

Aqui podemos lembrar Robert Graves com o seu curioso *The White Goddess*, que é uma teoria da natureza da poesia. Ele opõe "poesia do estro", que seria aquela fruto da inspiração, a "poesia analítica". A primeira, ligada aos cultos primitivos da Lua, acabaria, na transposição do mito para o Ocidente, sendo disciplinada pelo culto racional do Sol, representado por Apolo. Num paralelo cultural, seria a rejeição do alfabeto órfico em favor do alfabeto comercial dos fenícios, o nosso conhecido ABC.

A tese ocidentalista, da destruição dos mitos lunares, era que a usurpação, viril, racional, do Sol, tinha na sua própria natureza um argumento irresistível: é mais fácil enxergar sob a luz solar do que sob um luar. A resposta a isso daria, mais tarde, o romancista Colin Wilson, para quem "os modos de pensamento racionais e altamente conscientes são como redes grandes que deixam escapar peixes menores". E ainda diria, nessa ordem de valores, o velho Tolstoi, enfatizando a *miséria da história*: "Se descreves o mundo tal qual é, não haverá em tuas palavras senão muitas mentiras e nenhuma verdade". É que a vida social não exerce domínio absoluto sobre o Homem, substituindo outras formas de ver o mundo da consciência. As manifestações da vida humana não são apenas econômicas.

Na sua *Poética* (em 17 ditos), que é a abertura de *Decisão*, Pedro Lyra diz de sua concepção do "útil" na poesia, que redundaria no "efeito" direto de sua leitura. E como se trata de *poemas-críticos*, não de poesia-crítica, é a "sociedade burguesa", generalizada, o objeto da crítica. Mas seria interessante considerar que o que existe não é uma "sociedade burguesa", como diz o poeta, mas um "espírito da burguesia", que pode surgir ou estar latente em qualquer classe ou não. O "espírito burguês", este sim, responsável por aquela transformação do "alfabeto órfico" em "alfabeto comercial". E mais: é certo que muitos intelectuais burgueses, como o próprio poeta, não comungam com aquele "espírito", posição esta que já levou muito intelectual a fazer revolução proletária ou a escrever livro de protesto.

A coletânea de poemas de Pedro Lyra, enfim, é um conjunto em aberto, instigante, que suscita muitas perguntas e sustenta muitas respostas, como a que é dada num de seus "poemas dialéticos", onde se define a sua mensagem ideológica:

Mas  
serão  
versifrases poesia? Um poema  
não diz que o burguês está destruindo o humano  
assim, desta maneira. E, se tiver que dizê-lo,  
deve escrever: "Os espinhos estão ferindo as flores".

Mas eu quero dizer  
é que o burguês está destruindo o humano,  
não que os espinhos estão ferindo as flores.

ISTO

É O QUE EU QUERO DIZER.

O BURGUÊS ESTÁ DESTRUINDO O HUMANO.

E ESTA É A FORMA EM QUE QUERO DIZÊ-LO.

(Quanto a espinhos, podem  
continuar ferindo flores.)

## A DE-CISÃO DE P.L. E/OU A POÉTICA DA ARMA

JOSÉ MARIA DE SOUZA DANTAS

### 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

São muito diversas e diferentes as posições do poeta ao longo do tempo. Uns privilegiam o conteudismo, como Cruz e Souza; outros, como Cecília Meireles, situam-se na poesia pela poesia. Mais alguns, tomam a saudade como ponto-de-referência, como Casimiro de Abreu.

Político é o caminho de Camões, em *Os Lusíadas*, o de Fernando Pessoa, em *Mensagem*. Ferreira Gullar, Thiago de Melo e Moacyr Félix investigam o comportamento da sociedade, postando-se contra a anulação incessante da individualidade humana.

Da mesma forma, para muitos poetas, uma árvore não é uma árvore, a flor não é a flor. Buscam metáforas, às vezes muito distantes de sua referência, de certa forma prejudicando a comunicação de sua poesia. O leitor nem sempre consegue atingir, decodificar a mensagem emitida pelo poeta. O poeta se afasta, conscientemente ou não do seu leitor, o que provoca o afastamento da poesia do homem, do próprio mundo.

Em consequência, temos uma poesia para "iluminados", para alguns que, circunstâncias culturais e sócio-econômicas, têm acesso a esse tipo de poesia. E nós sabemos do poder transformador da arte, pelo menos sua eficácia em poder fazer pensar, em ter a capacidade de brotar alguma semente, que traduza um pouco de crítica e/ou autocrítica.

Basta lembrar a importância da poesia de Neruda, no Chile; a de Garcia Lorca, na Espanha; a de Castro Alves, quando do momento histórico em que se clamava contra a escravatura, no Brasil.

### 2. A POESIA, HOJE

Por tudo isso, entendemos que a poesia, hoje, tem uma função eminentemente social, fundamentalmente reveladora, uma espécie de fonte inesgotável de despertar de consciências.

Mais do que nunca, é preciso deixar cantar o canto do poeta, fazer com que ele dê um violento grito a todos os homens, a fim de que pelo menos a maioria entenda o seu mundo, a realidade em que vive.

Acima de tudo, é urgente o salutar desempenho da vida em prol da liberdade, do esclarecimento, sempre em busca da verdade. Com essa postura, com essa vontade, com essa lucidez, o homem tem condições de se deixar aprisionar muito menos pela prepotência, pela insensatez, pelas ditaduras, pelas imposições. A poesia, hoje, é uma arma contra a mentira, a falsidade, tudo que forma na lei dos poderosos. A poesia, hoje, é o antídoto contra a ideologia dominante, pelo menos um remédio sempre poderoso, eficaz, pronto a ser usado em função do homem, de sua liberdade, em detrimento de sua opressão, fato cruel e lamentável, mas ainda vigente em muitas sociedades.

### 3. ATUALIDADE

#### POESIA E LEITOR, POETA E SOCIEDADE

Ainda existem os poetas enfeixados em sua "torre de marfim". Ainda há os que se enclausuram, no "aconchego do claustro", colocando-se contra o "estéril turbilhão da rua", por isso mesmo identificados plenamente com o "beneditino", apenas.

Esses são os poetas que pregam a alienação, a impostura, a mentira. São responsáveis pela desagregação dos leitores, tal o afastamento que causam entre eles e a poesia. Esta passa a ser objeto privado de alguns, conseqüentemente provocando o constante apregoar da não-poesia, da não-verdade.

E, assim, produzem-se textos que falam para si mesmos, surgem poetas que escrevem para eles mesmos. E a poesia, das "meninhas virgens", paira lá no alto, longe, muito longe, incapaz de ser compreendida.

Por isso mesmo, para alguns, a poesia é entretenimento para festas de aniversário, encomendas para ocasiões solenes, assunto próprio para certas festividades.

A poesia, portanto, se distancia do homem, do social, do fraterno, do econômico, do dia-a-dia.

Contudo, há os que entenderam que teria de haver uma inversão entre poeta e leitor, entre poesia e realidade, o que implica numa mudança de posição no que se refere à poesia.

Estes compreenderam que a poesia não pode ser, apenas, rigorosamente conotativa, fundamentalmente metafórica. Perceberam que, para um melhor entendimento, sem perder a qualidade poética, o texto literário pode organizar-se sob o signo da denotação, sob a ótica da metonímia.

Estes vêem o poeta como um trabalhador, como alguém que labuta com as palavras, que tenta romper a tradicional e secular barreira do silêncio entre o poeta e o homem. O poeta de carne e osso, que vive e morre. Que erra e acerta. Que desceu de sua "torre de marfim" e anda pelas ruas, que passeia pelas calçadas, que vai às favelas, que fala com as prostitutas, que freqüenta o bordel.

São oportunas as palavras de Ferreira Gullar, retiradas da segunda capa do long-playing "Milton Nascimento ao Vivo", stereo 817.307-1;

E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu que quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, desta vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz.

#### 4. A DE-CISÃO DE P.L.

Pedro Lyra, crítico/ensaísta dos mais consagrados, com um trabalho sério e profundo, traz, em seu terceiro livro de poemas, *Decisão - Poemas Dialéticos*, exatamente a decisão de um projeto de transformação do conceito tradicional de poesia, de poeta, em consequência tentando uma reformulação na visão crítica que se tem sobre poesia.

Ao contrário, reorganiza uma postura crítica e poética, na medida em que modifica a articulação de sua própria poesia. Deixa de valer-se de motivos essencialmente externos, para trabalhar com referências internas, cujo centro é, visceralmente, o homem e seus problemas: o social, o político, o ideológico.

Essa "decisão" se verifica logo no primeiro poema do livro, *Decisão - I*:

Matei a inspiração:

- comecei a ser poeta.

Esses dois versos são, sem sombra de dúvida, "a chave" da poesia de Pedro Lyra, elaborada sem qualquer mistério. Trata-se da síntese de sua poética, a essência mesma dos poemas de *Decisão*.

O poeta rompe com o tradicional conceito de inspiração e, na medida em que consegue ultrapassá-lo, dá início à sua poesia. Naturalmente, é um trabalho que exige "transpiração", como diria Ferreira Gullar. O poeta respira e transpira a poesia voltada para o homem, para a caminhada em busca de sua plenitude, do próprio tempo perdido.

Vencida a "inspiração", o sujeito (poeta) assume sua postura diante do mundo. Então, ele é que "diz", sobrepondo-se ao objeto. O poeta se interioriza nas coisas, apodera-se delas, portanto não fica à sua mercê (da inspiração):

Passam coisas

num jardim à minha frente, passam

pela graça e beleza do lirismo de sombras desta tarde

passam

e nenhuma me diz nada:

- Eu

é que devo dizer

algo

Comprovando o seu domínio sobre as coisas, os objetos, logo senhor da "fala", consciente de sua poesia, elaborada lucidamente, vemos essas coisas e esses objetos cercados pelo poeta, o que se realimenta pelos dois últimos versos estarem entre parênteses:

(Sobre coisas, sobre a vida

- sobre a passagem.)

Eis a de-cisão do autor de *Literatura e Ideologia*. Romper com o estabelecido, contra o estatuído. Provocar uma cisão radical (no sentido marxista, tomando as coisas pela raiz, trazendo do fundo, investigando a essência), o que se

ratifica, na medida em que o prefixo *de* significa movimento de cima para baixo. Assim, um corte profundo, vertical, radical, na horizontalidade dos sistemas que representam a repetição, o óbvio, o esperado.

Essa poesia transformadora, nova, diferente, original afirma-se a cada poema. Contra a tradição da poesia imposta, contra a ditadura oficial dos poetas oficiais, tentando a prevalência da realidade do poeta em sua relação com a maior consciência do leitor. É o que postula o poema "Poética", no primeiro dos "17 ditos":

### DO CRIADOR E DO PÚBLICO

Antes do texto - nenhuma voz.

Depois do texto - eco nenhum.

É preciso evitar

o impressionismo do sujeito  
para a positividade do objeto.

É esta

a poesia que eles querem:

- vaga vagando no vago, para deleite  
dos teóricos oficiais.

Nós, porém queremos

antes do texto - o poeta e sua crença;

depois do texto - o leitor e sua resposta.

Observamos a voz de Pedro Lyra opondo-se à poesia que nada diz, que apenas "vaga vagando no vago", propondo então, uma nova realidade poética, ou seja, uma poesia que seja porque diz, o que resulta na consciência do poeta e do leitor, ambos tocados pela poesia objetiva, imediata, real, oportuna. Não se trata, por conseguinte, da poesia "que eles querem", mas que "nós queremos", ou seja, a poesia que o nosso momento histórico exige, que a nossa realidade sócio-cultural pede.

Lemos uma longa preparação poética, comprovando a decisão de elaborar um projeto consciente, cujos olhos olham o homem e o social. Projeto e decisão que acreditam no poder do poema, na presença do poeta, na eficácia da poesia:

Para nós, porém, a poesia

é a força que anima o poema

determinada pela força do poeta.

(Poética, dito II)

Compreendendo que o discurso poético é um processo dialético entre a linguagem e a realidade (o poeta subtitulou o livro de "poemas dialéticos"), Pedro Lyra afirma a necessidade de a poesia "dizer", atestando a sua importância diante do mundo contemporâneo:

escrever um poema é uma atividade dialética,  
em que o poeta não tem a procurar  
nem mesmo a encontrar:  
- Tem a dizer.

(Poética, dito V)

O poeta sabe da nova utilidade da poesia. Tem consciência de que sua "inutilidade" é exatamente a sua forma de ser útil. Nesse sentido, inverte, aqui também, o conceito secular da chamada "inutilidade da arte". Esta é útil desde que a sua escritura tenha eficácia, produza um "efeito" verdadeiro, mais uma vez enfatizando a relação texto-leitura, poeta-leitor, escritura-mundo, linguagem-realidade:

Para nós (que  
distinguimos o útil  
do aspecto pragmático do útil)  
a poesia  
que tem - como eles sabem - existência  
tem - como eles temem - utilidade,  
destinação de toda existência:  
- o certo efeito de sua escrita,  
- o certo efeito de sua leitura.

(Poética, dito XVII)

##### 5. A POÉTICA DA ARMA

Para forçar uma de-cisão mais profunda, mais vertical, duradoura, sem dúvida é necessário uma arma, uma terrível arma que possa ferir, subverter, cortar, adentrando-se por todos os sistemas alienados e responsáveis pela impassividade do homem, de sua ausência nas grandes realizações sociais. Nas mudanças políticas e econômicas. A arma de Pedro Lyra é exatamente a sua poesia, gerada por sua consciente decisão. Decisão armada de coragem, de saber dizer e de conduzir consigo, com sua poesia, uma poesia crítica, revestida, acima de tudo, da verdade, entregando-se, em todos os sentidos, a serviço do homem.

Opondo-se à opressão de "eles", já que se apresenta em companhia da poesia, da liberdade, o poeta acredita no homem, pois é o "único homem/que preservou a essência da linguagem".

"Eles", sinônimo da arrogância, do autoritarismo, fazem questão de estimular a crença de que a poesia é inocência, ingenuidade, o que também estimula a inocência, a ingenuidade no homem, conduzindo-o cada vez mais para longe da verdade da poesia. Assim, o homem se coisifica, como naquele "Arquivo", de Victor Giudice, ou é esquecido, como o pobre anônimo de "Uma Vela para Da-

rio", de Dalton Trevisan. Para os donos do poder, para o sistema dominante, a poesia é um "brinquedo", que naturalmente deve servir para que os homens "brinquem", esquecendo-se de si mesmos, da própria sociedade.

Eis que a "arma" de Pedro Lyra é a arma da verdade, da poesia instauradora de novas realidades, poesia que representa um alerta, uma evidente tentativa de fazer despertar. O poeta pensa na função da poesia, do poeta, agora. Por tudo isso, é importante a leitura de todo o dito.

### DO POETA

O poeta  
é aquele único homem  
que preservou a essência da linguagem:  
- crescendo embora, continuou  
jogando com palavras.

Para eles, o poeta  
é ainda aquela criança  
que mastiga as idéias que não diz.

Para nós, a poesia  
não um brinquedo: é uma arma.

(Hora  
de se reconhecer  
maioridade do poeta.)

(*Poética, dito III*)

### 6. CONCLUSÃO

Acreditamos que, no transcorrer destas linhas, no desenvolvimento desta pequena reflexão, reconhecemos a "arma" da "de-cisão" do poeta Pedro Lyra. Projeto organizado, pensado, entende, oportunamente, a função da poesia nos dias de hoje e o papel que o poeta representa atualmente. Aliás, como sempre procurou representar, mesmo sufocado pela antipoesia dos Francos, dos Salazares, dos Pinochets que infestam o mundo, infelizmente.

Assim, o poeta encerra seu livro (tememos, apenas, que a síntese destas linhas prejudique a qualidade da obra com o poema "Sem Dilema", ratificando, de todas as maneiras, o que vimos alimentando, enfatizando: sua serena e tranqüila, porque consciente decisão de fazer uma poesia atual, realista, voltada para os nossos dias, sem qualquer tipo de sofisticação, na maioria das vezes fazendo da denotação a sua própria "arma".

É sintomático o teor de alguns versos deste último:

- Poesia para hoje.

Até lá  
(felizmente/infelizmente)  
enquanto girarmos sob este sol gelado e negro  
será presente a minha poesia:  
de hoje  
para hoje.

É o que eu quero.  
A poesia de amanhã  
será feita pelos poetas de amanhã.

Então, se precisarem de uma imagem destes tempos,  
os restos do que fui responderão do infinito onde estiverem.

E, confirmando a logicidade de *Decisão*, o poeta lança dois últimos versos, da mesma forma com que fez no primeiro poema do livro. Entendendo que é e que deve dizer, que a poesia é sempre um eterno dizer, fecha as coisas e os objetos, privilegiando, como sempre o sujeito (poeta), pioneiro, porta-voz, irmão, mensageiro. Ele "fala", enuncia a notícia da liberdade, da maioridade do poeta.

(Sobre coisas, sobre a vida  
- sobre a passagem.)

## MUSA LUSA

VERA LÚCIA VOUGA

Num primeiro contacto com o título, o leitor de *Musa Lusa* não deixará de sentir uma forte sensação de estranhamento. Não pelo fato de este apostar na novidade mas, pelo contrário, de se propor como solução aparentemente saturada de literatura. "Musa", polissemicamente interpretável como inspiração ou figura feminina inspiradora (instâncias desesperadamente hiper-literárias e, como tal, de algum modo pouco assumidas na Modernidade), adjetiva-se por paronomásia "lusa", qualificação que se reveste, para o leitor português, de uma forte conotação de coisa antiga. O estranhamento tornar-se-á pronta estranheza se o leitor conhecer o percurso poético do A. - do *Poema-postal* a *Decisão*, Poemas dialéticos. Sentimento efêmero uma vez conhecidas as apostas do livro, tão ousadas, aliás, como as de *Decisão*.

Ali, com o poema de abertura "Matei a inspiração: / - comecei a ser poeta", assumia-se *ab initio* aquela que Gilberto Mendonça Teles considerou "uma das novas possibilidades da poesia deste século". Um século que tinha conquistado o pleno verso livre e o alargamento da poesia a campos temáticos e expressivamente circunscritos à prosa até aí mas também a crescente audácia da metáfora. Decididamente, utilizando uma linguagem direta, denotativa, não-metafórica, Pedro Lyra explorava nesse livro os caminhos do poema político e do raciocínio lógico, na tradição genealógica de Maiakovski, Brecht e Neruda que afirmou alguns dos "maiores poetas deste século". Esta era uma opção radical e extrema no traçado dos limites da poesia, prescindindo do encantamento da sistemática sugestão fônica ou da mágica navegação das figuras. Que ao legado finisse secular do "desregramento de todos os sentidos", transformado pelo Surrealismo na mais plena aventura da exploração do inconsciente, contrapunha a possibilidade de uma argumentação lógica, de base exaustivamente denotativa, onde à voz de um *status quo* sócio-literário-cultural se opunha o dialético reequacionar dos mesmos dados. Perigosa mas sedutora vertente, como todas as linhas-limite onde se testa o que talvez não tenha sido até aí mas possa ainda ser arte, literatura, poesia. O sujeito da enunciação, sacudida quase até à última gota a torrente lírica ocidental da sensação, assumia-se basicamente como nova consciência do mundo, explorando uma vertente pedagógica e clara; que só muito raramente, por demasiada pressão nas comportas textuais sagazmente construídas ou por necessidade de dotar um momento de dimensão que o transcendesse, se permitia o luxo da metaforização.

Quase a concluir, ele afirmava:

*Uma arma.*

*Decidi  
construir uma arma*

*(...)*

*E construí:  
um revólver de luz*

A mesma arma de luz serve agora para enfrentar o terreno da mais absoluta tradição lírica (que nunca deixou de estar presente nos outros textos como anti-terreno de eleição). Com que arma, senão de luz, retomar o mais glosado, o grande tema da poesia lírica, o mais literário de todos os temas - o amor? *Musa lusa* elege-o sem equívocos, despojado, retomando-o de uma tradição cujos cumes figuram numa elegante "Folha de créditos" - de Sapho a Neide Archanjo - através da escolha sistemática (o literário não pode ser mais *hard*...) do soneto, única forma fixa que a produção poética e a investigação contemporânea são unânimes a considerar em evidente atividade. Correlativamente, o livro assume a prática do decassílabo, o verso longo central na referência portuguesa. Liberto do esquema rimático (o verso é branco), o soneto reduz-se aqui (tal como a literatura em *Decisão*) à sua essência: tempo/espço de 14 versos realizando-se na máxima elasticidade de um número absolutamente variável de estrofes, ditadas por

progressão lógico-sintática clara, de períodos curtos, coincidindo às vezes com a extensão de um verso, de pendor freqüentemente aforístico; desta liberdade interna, extensiva aos versos graficamente fraccionados - quase sempre em degraus que separam os diferentes *colos*, excepcionalmente contrariando-os - decorre uma remotivação do espaço e da forma. E se *M.L.* retorna ao domínio da sensação, este retorno trá-la absolutamente intelectualizada e exemplar, comprovando de novo a vocação silogística desta forma concisa onde a circulação entre o humano individualizado ou universalizante parece natural. Trata-se pois do amor na sua vertente mais enxuta e lúcida, sem os fáceis mimos que tantas vezes o acompanham.

O livro organiza-se em três grandes blocos: "Poética do Amor", "Amor da Poética", "Musa Lusa", tríptico onde o núcleo associado às mais recentes vivências, o terceiro, merece especial pormenorização, mas aparece precedido de um enquadramento universal. Assim, o amor é descrito sob uma série de situações tipificáveis, desde o "Soneto do amor nascendo":

*... a sensação enfim de estar completo  
num mundo que afinal se justifica.*

ao "Soneto do amor final":

*Síntese*

*somatório*

*transcendência*

*dos outros todos, nele concentrados  
e nele em ânsia e fúria revividos  
num agora total*

*sem nada em torno;*

*fim de rota tão fim que, no findar-se,  
não finda as coisas:*

*finda a sua memória.*

*(Desrazão*

*desmotivo*

*deslocado*

*das emoções, dos olhos ou das mãos.)*

*(...)*

*Depois*

*a despedida*

*um raio.*

*Nada.*

O tema é aqui analisado com o rigor e clareza que conhecemos no A. segundo uma focalização que poderia dizer-se externa: o sujeito fala do amor como de coisa distinta, designando-o em abstrato como um "ele" a "quem" ou

"todos" abrangendo. Na segunda parte o sujeito da enunciação coincide com o sujeito que évoca sucessivos objetos/destinatários de um percurso recorrente, estabelecendo-se um discurso orientado para nomes femininos de passagem, apesar de representarem experiências absolutas: "Te desejei como quem não espera"; "... eu te contacto / na tua mais compacta claridade". Entre elas perpassa uma falta irreparável: "Nem uma deusa que fundisse todas / compensaria a falta dessa única". Neste painel, iniciado por um "Soneto à Mulher", acaba por surgir, dialética, algo provocatória e esporádica, a voz da Musa ("Soneto(s) da Musa" I, II, III). Voz que retorna no final da terceira parte, basicamente preenchida por uma série de "Soneto(s) a Inês". A textura narrativa adensa-se; a localização continua aqui a ser interna, mas há uma aproximação evidente do olhar. Contado de mais perto, este caso exemplar ocupa mais espaço e mais tempo. Agora narra-se todo o processo de uma relação a dois que atravessa as referências belamente construídas na primeira parte. Os sonetos espalham-se por diversas áreas - desde os dialogados aos mais estritamente silogísticos ou aos de pendor mais sabiamente narrativo. Reparemos na sutileza com que, logo a seguir ao "Soneto para Inês XI", que terminava com "Neste momento a vida está completa", o A. indicia a descida da encosta, incluindo o leitor incauto na insistência dos deíticos fraternos, só aparentemente dirigidos a Inês:

*Não sei:*

*essa fumaça*

*essa poeira*

*isto*

*essa chuva sem chover lá fora*

*essa névoa*

*essa música de agulhas*

*esse sol*

*sim, um sol*

*porém já posto*

*sobre uma aurora verde*

*sem manhã*

*(...)*

*isso*

*aquilo*

*estas flechas:*

*já sabia.*

O painel inclui ainda alguns sonetos pouco conciliadores da Musa e termina com o lapidar "Soneto dos Sonetos" onde, fiel ao raciocínio rigoroso e acolhendo uma afortunada vertente desta forma fixa, Pedro Lyra fecha o livro já não como sujeito de um sentimento mas como cidadão do mundo, da cultura, da poesia:

*Se isto de amar ainda sobreexiste  
e se as pessoas ainda se contactam;*

*(...)*

*se a gente, enfim, pretende que esta onda  
não seja apenas um passar na terra  
mas que deixe na terra o nosso passo;*

*(...)*

*então não fuja*

*o amor*

*da poesia*

*e nem fuja*

*o sentido*

*da expressão.*

Não, não fecha ainda. Acrescenta-lhe uma espécie de epílogo, "A bruxa e a fada (O pasmo do poeta Pedro Lyra no metrô de Lisboa)", onde um episódio suplementar, em si mesmo absurdo, permite esboçar uma nova visão global sobre o percurso efetuado, que colocou em cena estes Pedro e Inês, nomes de mito. Visão onde a aparente singeleza de conto maravilhoso faz com que, mesmo com os custos de uma heresia temporal (no que respeita à ordem narrativa), esta história consiga acabar bem. Mas não é só isto o que se deve à fada, senão o declarar indiretamente todo o livro como literatura (coisa que logo soubemos ao deparar com sonetos e musa), numa visão onde o irônico é o outro lado, simétrico, menos doloroso, do lírico. Porque, se calhar com imperfeições, a questão foi sempre esta: o poema como aventura ontológica, forma suprema de conhecimento; "absoluto, por isso inconsolável".

Revista *Colóquio/Letras* nº 121-122. Lisboa, jul.-dez. 1991.

A autora é professora de Teoria Literária na Universidade de Porto.

## ROBERTO PONTES

Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros: Fortaleza, 04.02.1944.

Mestre em Literatura Brasileira pela UFC (1991), Professor de Literatura Portuguesa na UFC.

Colaborador da imprensa de Fortaleza, das revistas *Vozes*, *Tempo Brasileiro* e *Encontros com a Civilização Brasileira* do Rio de Janeiro, e do *Suplemento Literário Minas Gerais*.

Sócio da Associação Brasileira de Literatura Comparada-ABRALIC e da UBE.

### DO AUTOR

*Contracanto*. (poesia) Fortaleza SIN ed. 1968.

*Lições de espaço*. (poesia) Fortaleza, Imprensa Universitária, 1970. Prêmio da UFC.

*Vanguarda brasileira: Introdução e tese* (ensaio). Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, set. 1970. Prêmio Esso-JL.

*Memória Corporal* (poesia). Rio de Janeiro, Antares, 1982.

*Temporal* (sete poemas). *Revista O Saco*, nº 5. Fortaleza, 1976.

*Quatro poemas de Natal* (poesia). Fortaleza, SIN ed., 1977.

*Quatro poemas de amor* (poesia). In: *Jornal de Cultura Fortaleza*, Ed. U. F. C., 1990.

*Os ausentes* (poema). Traduzido para o francês sob o título *Les absents*, pelos monges do Convento de La Tourette, Lyon, France e inserido no *Dossiê Tito*. Lyon, Anistia Internacional, s/d.

### SOBRE O AUTOR

AIRES FILHO, Durval. O erotismo poético em *Memória Corporal*. Fortaleza: *Diário do Nordeste*, 24 jun. 1984.

AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: ACL, 1976.

BARROSO, Antônio Girão. Roberto Pontes e seu *Contracanto* (E por aí vem mais). Fortaleza: *Correio do Ceará*, 17 ago. 1968.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. (Dir.) *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/FAE, 1990.

- D'ALGE, Carlos Neves. A verdade do corpo. In: *Memória Corporal*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- FÉLIX, Moacyr. O verbo se encarna em Fortaleza, *O Povo*, 18 out. 1987.
- GIRÃO, Raimundo, SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da literatura cearense*. Fortaleza: IOCE, 1978.
- HELENA, Lúcia. Sutil tecido de sal e concha. In: *Memória corporal*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- LYRA, Pedro. Prefácio. In: *Contracanto*. Fortaleza: SIN, 1968.
- \_\_\_\_\_. Poesia e libertação em RP. In: *Poesia cearense e realidade atual*. Rio de Janeiro: Cátedra/INL/MEC, 1981.
- \_\_\_\_\_. Memória do amor. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 5 set. 1982.
- \_\_\_\_\_. O resgate do desejo. In: *O real no poético*. v. 2. Rio de Janeiro: Brasília, Cátedra/INL, 1986.
- MACEDO, Dimas. Memória corporal. *Diário do Nordeste-DN Cultura*, 28 fev. 1983.
- \_\_\_\_\_. O resgate do corpo. In: *Leitura e conjuntura*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1983.
- MONTENEGRO, Pedro Paulo. O ser do poema. Fortaleza, *Jornal de Cultura*, UFC, nº 11, 1983.
- PAPI, Luiz F. O depurado discurso de *Memória Corporal*. João Pessoa: *Correio das Artes*, 5 dez. 1982.
- PINTO, Alcides. Os poetas novos do Ceará. Fortaleza, *Unitário*, 26 jan. 1969.
- \_\_\_\_\_. Ressurgências e Memória Corporal. Fortaleza, *Diário do Nordeste - DN CULTURA*, 5 jun. 1983.
- \_\_\_\_\_. *Política da Arte* v. 2. Fortaleza: BNB, 1986.
- SOUZA, José Helder de. Dois poetas. Brasília: *Correio Brasiliense*, 22 maio, 1983.
- SPÍNOLA, Adriano. Literatura no Ceará. *Diário do Nordeste- DN-CULTURA*, 16 jan. 1983.

## CONTRACANTO

Estou em meu poema  
 como os amantes se estão.  
 Moro nas vogais e consoantes  
 circunflexos  
 ós e zizes cantantes

Éstou nos casebres tristes  
 da imaginação  
 Sou nas quase  
 vírgulas de ouro  
 que faço sem porquês.

O alfabeto habito  
como me moram  
muitas vezes muitas  
meu coração.

### LAMENTO DO RIO RAIVOSO

Essa água  
onde um tronco vai  
não é água.  
É sangue.  
Esse rio que corre  
não é rio.

É rei coroado de pontes.

Essas conchas  
que servem de leite  
não são ostras.

São ossos trazidos dos mangues.

Essa nascente do Cocó  
só pode ser dois olhos  
muito grandes  
chorando a vida toda  
por ter nascido rio  
e não fuzil.

(Contracanto)

### MEMENTO A MANUEL BANDEIRA

a estrela de cinco pontas  
cinco facas afiadas  
ou catavento de flandres  
a retalhar o espaço

a estrela de cinco gumes  
cinco giletes cortantes  
ou lixas de lima rala  
a esmerilar seu redor

a estrela de cinco faces  
cinco aspas eriçadas  
ou xiquexiques crivados  
nos arremates dos nimbos  
a estrela de cinco fios  
cinco serras amoladas  
ou raspadeiras nervosas  
cuspindo luz na piçarra

### **TELETIPO 1957**

hoje eclodiu a chama  
o oriente cavalga o cosmos  
seu cavalo sputnik  
vai sem chouto  
a 7 mil km por segundo  
rompe a barra magnética  
o cinto atmosférico  
abre a cortina do espectro  
e proclama nova era

### **FINITO/INFINITO**

cavalgar na luz  
cavalgar na luz

retorno ao rio do tempo  
onde a vida cresce e diminui  
o meu transporte é a velocidade  
e sou um rei  
a cavalgar na luz

a cavalgar na luz  
sou imortal e tudo sei  
faço parar meu corpo no espaço  
controlo a vida na velocidade  
sou cavaleiro  
a cavalgar na luz

a cavalgar na luz  
bebo verdes ondas de energia  
há um sol diverso em minhas veias  
pois reconheço meus ecos de origem  
e a minha voz  
a cavalgar na luz

a cavalgar na luz  
sou imortal e tudo posso  
até mesmo lançar o maior passo  
ou retornar ao ponto donde vim  
ou nem sequer saber se vivo ou se morri

a cavalgar na luz  
a cavalgar na luz

*(Lições de Espaço)*

## **ANIMAIS ENTERNECIDOS**

Amamos,  
animais enternecidos,  
a coisa mais próxima  
da mão.

E  
a ela nós perdemos  
por deslembrar que o amor  
não é nada.  
Amamos e perdemos.  
O meu primeiro verso foi:  
Amamos.

## **SE A ESMO A APATIA TE ACUDIR**

Se a esmo a apatia te acudir  
e a casa ficar triste e desbotada  
será preciso lembrar a aflição  
de quem te pensa e sempre silencia.

E quando a minha ausência sufocar  
teu ser, sem lenitivo,  
urge saber que assim eu te maltrato  
e sofro longe esta dor comum.

Quando a solidão fingir que te domina  
e a vida parecer um desespero,  
bom é que penses apenas no tesouro  
contido ali no coração que ama.

Mas se nada suplantar a minha falta,  
estejas certa que não sou teu deus,  
certeza tenhas que não sou o sol,  
porque navego os mesmos sentimentos.

### EPITÁFIO

Aqui jaz o amor um dia dito  
só de beijos e flores viveria.  
E não morreu por falta de sustento,  
ardor e sonho, pois estes vivem sempre  
ao jugo seco da crua existência.  
Deixou de haver o sopro simples,  
o desejo de ser o conivente,  
o comparsa do outro na paixão  
que a vida faz ruir devagarinho.  
Quem esta morte de bom grado aceita  
quer deixar escrito na memória,  
na verdade indestrutível de um poema,  
o seu perdão, o seu adeus, o seu soturno desamparo ausente.

*(Memória Corporal)*

### OS AUSENTES

*ao Frei Tito*

Os ausentes necessitam sempre  
bilhetes, cartas e coisas  
vezes pequenas lembranças  
uma gravata, um poema, um postal.

Os ausentes são tão necessitados  
que ninguém os lembra  
nem só por saudade ou falta.

Os ausentes têm mãos invisíveis  
e figura tão diáfana  
que os versos para eles  
já nascem feitos poemas.

Os ausentes por qualquer acaso  
jamais fogem ao nosso convívio  
ainda que a distância seja tanta.

Dos ausentes fica sempre um sorriso  
como as pinturas recheias  
de surpresa, reencontro e irreal.

## QUANDO O VENENO

*a Moacyr Félix*

Se não tens dignidade  
tu serves a qualquer um.  
Tanto faz que seja ao néscio  
quanto ao fero ditador.  
Tanto faz que seja ao próprio  
ou qualquer de seus vassallos  
pois há mil formas distintas  
de vender e de comprar.  
Em todas vem o veneno  
com seus destilos mortais.

Quando o veneno é poder  
então ele é servido  
em bandejas de ouro e prata.  
Assim se disfarça o mal  
que vai ganhando as entranhas.

E é sabido que o poder  
infeta somente a quem  
numa vaidade consente.

Mas a ter dignidade  
se se tem roteiro certo

não haverá concessão  
pois o longe é sempre longe  
e distingue bem miragens.

A salvação não virá  
para quem servir negando  
as forças do temporal  
e o céu que cobre o mundo.

Quando o veneno restar  
um dia subvertido  
serão bandejas de barro  
cozidas por mão de homem  
que servirão a verdade  
pra desespero do mal!

Aí, se não tens dignidade,  
por favor, recolhe a mão!

## INCITAÇÃO À VERDADE

Companheiro, põe algo maior em tua vida.  
Contorna a cordilheira de perigos  
e o vulcão de vãos desejos.  
Não deixa a saudade te curvar  
nem tomba nas menores das fraquezas.

Há que pensar e, sobretudo,  
na estrela dentro da estrela  
ou na frágil luz da vela  
que a luzir treme e resiste.

Companheiro, se puseres  
algo assim em tua vida  
não valerá a tormenta  
a pele será couraça  
e os acenos fraternos  
virão dos braços dos campos  
dos que voam sem ter asas  
dos que pescam pelos mares.

*(Verbo Encarnado, inédito)*

## TEMPO DO FUI

### I

Fui uma invenção do sortilégio  
exercido sobre saís da natureza.  
E onde havia o pó  
vingou a chama  
uma gota sumarenta  
de energia.  
Era o próprio tempo a gerar-se.  
Assim se abre um botão de rododendro.

### II

A vida começa órfica  
no macio agasalho de veludo;  
num cofre  
recôndito e lacrado  
onde faz-se a invenção do sortilégio.

## TEMPO DO SOU

### I

Sou da existência o processo  
delimitado e em curso  
entre os extremos.  
Estou em dúvida constante  
se existo ou não  
me processando.

### II

Em mim vai o solista,  
o telepata agreste,  
que tange seus haveres  
como dardos.  
E me mantenho  
como irmão das horas  
e sou, da existência, o processo.

## TEMPO DO SEREI

### XVIII

O meu ortônimo  
será inconfundível.  
Um signo qualquer  
bastante expresso.  
Serei a igualdade dos contrários.  
Serei então o ânimo do mito.

### XIX

Serei no verso a sílaba encantada  
o próprio som  
a invadir o tempo:  
o singular portal  
que só transpomos  
com o cessar, o fim  
do tempo único.

*(Tempo Único, inédito)*

## POEMA DE OFERTA

Que pode o sapateiro dar de melhor  
ao amigo, no dia do seu aniversário?  
E o pescador, hesitaria em dar-lhe peixes frescos?  
E o lavrador, os cajus que então plantara?  
O artesão daria um cesto ou uma talha.  
A bordadeira, seu tecido de alvo fio.  
O vinhateiro, moringa cheia de vinho  
E a floreira, o mais formoso ramalhete.

Que posso dar a ti no teu aniversário?  
Ouro? - Mas eu não sou garimpeiro.  
Roupas? - Também não sou alfaiate.  
Aves? - Um dia fui passarinho.

Algo de mim é o que vou dar-te  
Pelas mãos padecentes  
Dos que sustentam a vida.  
Pelas mãos sagradas  
Dos mais anônimos operários.

Dou-te, meu amigo, minha amiga, um poema,  
Que este é o meu trabalho.

(*Inventário Gris, inédito*)

### CANTIGA

*Os mais desesperados são  
os mais belos cantos. MUSSET*

Até Cecília  
que se encantava  
morreu.

Por que um dia  
também não morro eu?

Até Cecília  
que de beleza  
padeceu  
e não desejou mais nada  
arrefeceu.

Onde Cecília  
seus olhos de estampa  
ela escondeu  
após os *Cânticos*  
que prometeu?

Até Cecília  
ave encantada  
feneceu.

Por que de dor talvez  
quem sabe não morro eu?

## SONETO PARA CRER

Eu, para não morrer, vivo acordado.  
São muitas as maneiras de viver.  
E entre os dois extremos tenho ao lado  
aquela que não cansa de me haver.

Pois estamos, assim, posto na vida  
igual à flor nascida para ser.  
Mas, se se abre em nós qualquer ferida  
melhor é ignorá-la, se doer.

Onde o mistério se a vida é vida?  
Por que dormir suspenso no enfado  
se à vida tenho a força devotado?

Egressos lá do céu me vêm anjos  
aconselhar que sejam consumidas,  
ao mesmo tempo, as flores e as feridas.

## POESIA E LIBERTAÇÃO EM ROBERTO PONTES

PEDRO LYRA

Um dos temas mais problemáticos da teoria literária contemporânea é a sobrevivência do épico. Dada a natureza por essência histórica deste gênero, creio que o problema não pode ser questionado antes de colocado num determinado tempo. Deste modo, a falência e/ou apogeu do épico se encontram vinculados à existência/inexistência de grandes acontecimentos sociais que, numa certa fase da história humana, ofereçam ou não temas de conteúdo épico.

Por que a Antiguidade e o Renascimento foram tão fecundos neste gênero? Simplesmente: pela ocorrência, nessas épocas, de fatos sociais de grandes implicações humanas de sentido universal. Aplicada a tese ao momento presente, o problema se resolve: não foi o épico que morreu como gênero literário, mas um certo épico de linguagem inadequada ao nosso tempo, um épico de conceituação sedimentada nos limites de uma estética restrita ao ideário clássico - o pomposo e solene épico de Homero, Virgílio, Camões, próprio para as sociedades que o geraram e consumiram, como só elas poderiam gerá-lo e consumi-lo.

BH/UFC

A aparente falência do épico em nossa época se explica por esta evidência: a instabilidade do mundo contemporâneo - este pragmatismo materialesco a que nos atiraram - por um lado nega ao escritor o tempo indispensável para o labor épico (pelo menos, para o labor épico "a la antigua") e, por outro lado, nega também ao leitor essa mesma parcela de tempo necessário para o convívio com os longos poemas que requerem exegese.

Mas o *epos* está presente em qualquer tempo. E a nossa época é, sem talvez, a mais fecunda de toda a história humana em essência épica: aí estão ainda as radiações atômicas da última guerra mundial e das mais recentes bombas de intimidação e exibição; aí estão as lutas de classe propagando a revolução socialista por todo o globo; aí está o surgimento deste vasto Terceiro Mundo para uma nova realidade mundial; e aí está, por fim, a conquista do espaço, afirmando o domínio do homem sobre o seu universo próximo. Tudo isso, junto ou isolado, se oferece ao poeta contemporâneo como num desafio: um desafio àquele que se propõe a deixar, numa obra de fôlego, uma imagem poética deste tempo desesperado.

Pois bem: um desses temas - o último - acaba de ser tratado, num longo poema, por um jovem poeta cearense: Roberto Pontes, prêmio "Esso - Jornal de Letras" de 1970 (com o ensaio *Vanguarda Brasileira: Introdução e Tese*), no livro-poema *Lições de Espaço - Teletipos, Módulos, Quânticas*,<sup>1</sup> premiado pela Universidade Federal do Ceará no mesmo ano.

Com certeza, podemos vincular este poema à corrente vanguardista da poesia brasileira: vanguarda pelo tema, vanguarda pela linguagem. Nisto, cabe notar que Roberto não circunscreveu o fazer vanguardista ao problema da linguagem: sendo vanguarda o que sugere um passo à frente - o que, incorporando um dado novo ao patrimônio preexistente, aponta um rumo a seguir - ele se situa como vanguardista menos numa perspectiva lingüística do que numa perspectiva social.

Trabalhando exclusivamente com a palavra, Roberto Pontes compreende que tem de explorá-la ao máximo, para compensar a ausência da contribuição não-solicitada ao figurativo. Por isso ele está sempre experimentando, reinventando, neologizando a matéria-prima do verbo. As múltiplas tendências, os vários processos, a polivalência usual da palavra - todas as diretivas da vanguarda vocabular foram amalgamadas em *Lições de Espaço* por um tenaz esforço pessoal crítico-teórico-criativo em torno de poetas e movimentos vanguardistas, donde resultou um poema antes de tudo pesquisa-informação, atualizadas pela unidade de linguagem conseguida do primeiro ao último verso.

Através da simples leitura do poema é possível notar a familiaridade do autor com os experimentalistas da tradição internacional, como Mallarmé, Pound, Joyce, Cummings, Apollinaire, Maiacovski, ou com os da melhor vertente

1) PONTES, Roberto. *Lições de espaço - teletipos, módulos, quânticas*. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1971.

nacional, como Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral, Haroldo de Campos, Mário Chamie. Através dessa convergência de processos, o autor destas lições de espaço integra-se, via experimentalismo com a palavra, na determinante verbal da vanguarda brasileira - na mesma perspectiva em que Guimarães Rosa também é vanguarda, na prosa.

Ele consegue reinventar o épico através de uma inusitada contenção verbal, de uma fala renovada, de um discurso condensado, na melhor terminologia poundiana. Por isso, sendo os seus blocos de verso uma síntese da cultura humana, eles requerem um nível receptor exigente. Mas é exatamente no nível solicitado que se concentra a melhor poesia.

O poema está dividido em três livros.

O primeiro apresenta, em doze, pequenos poemas, a problemática do espaço numa perspectiva regional. O espaço é o Nordeste brasileiro. Os poemas vão abrindo, pouco a pouco, um leque de problemas ecológicos, econômicos, antropológicos e sociais de sua sofrida região, ao mesmo tempo em que anatemiza a convivência que os conserva.

O poeta se define diante dos problemas em apenas um texto, apesar de sempre curto, apresentados numa linguagem tão estéril quanto a própria natureza nordestina. Mais que em qualquer outra parte do poema, é neste primeiro livro que se tem a perfeita adequação da linguagem ao tema focalizado: *através da aridez da linguagem chega-se a uma idéia da aridez da vida que ela representa.*

No poema

*o piso não fabula a verdura  
engastada na poeira e no salitre  
nem mesmo as próprias raízes  
desbebidas no lençol de anidro*

*o solo ingere as forras tessinas  
dessaingradas dos foliculos e folhas  
ele suga a sudorência do granito  
seus produtos se arrimam na calça*

*a terra não concebe o nobre cepo do cedro  
cisma a figura inane do xerófito  
o gozo estriado dos fibromas  
e a indigência epitelial da citra (p. 10),*

o poeta descreve esse espaço e revela a natureza do solo naquilo que ele pode germinar. Mas esse solo não germina o que pode - "a terra não concebe" - esterilizado pela incipiência da agricultura:

*o fazedeiro  
de safras*

*lavra a dor  
e lavrador*

*lavra dores*

*dá cifras  
e não decifra  
a grandeza do lavar (p. 22),*

uma agricultura desinstrumentalizada, que explora mais o homem ("lavra a dor") do que a terra, num processo onde o sertanejo, ignorante de sua função social ("dá cifras / e não decifra / a grandeza do lavar"), é o forte que, antes de tudo, ainda depende da chuva, preso a um sistema medievalizado que lhe proporciona uma subsistência de conveniência, como na expressiva síntese práxis-concretista destes dois versos-palavra:

*salário  
solário (p. 18).*

O segundo livro apresenta, em quarenta poemas de seis versos em média, a configuração do espaço numa perspectiva planetária. O espaço é a Terra. E, para entendê-lo, o poeta ressalta o uso que o homem faz do raciocínio, da inteligência, da sensibilidade e do seu poder de criação. Com o espaço circundante compreendido, vem a apreensão do universo - tônica do segundo livro. E, numa linguagem agora lírica, o poeta tenta uma definição do planeta, apoiado em informações científicas:

*o universo  
tem seu porte e suporte  
em elétrons nêutrons prótons  
é urgência ao poema  
a fissão da massa atômica  
a micro física quântica  
os principia matemática*

*tem o limite dos cardos  
cortantes da metafísica  
estrela sistema cosmos  
o fascínio da galáxia  
o silêncio da palavra  
o carpir em abstrato*

*cem mil milhares de sóis  
igual lote de anos-luz*

*o poeta assim disserta  
premissas e teoremas  
de sua esfera anilada*

*entre parábolas e elipses  
que vagam por aí em expansão  
burila zumbidos de metal (p. 37-40).*

Nesse livro, nos deparamos com freqüentes alusões à história antiga, como (p. 69): *egeus, pirâmides, acrópoles*; à ciência: *não euclidiana* (p. 42), *scutum sobiesky* (p. 43), *mecânica do vôo* (p. 73); também à tecnologia: *bússula* (p. 56); *artifício de pólvora* (p. 56), *satélites* (p. 69); e à arte: *bizantino* (p. 70), *barroco* (p. 70), *pisa* (p. 71) etc. - enfim, uma focalização globalizante da cultura humana acumulada em tantos séculos de civilização. Para essa compreensão do nosso espaço vital, o poeta tem o homem e seus produtos como ponto de referência: como se dissesse que o universo só tem sentido se o seu centro deixar de ser qualquer ponto nebuloso no espaço para fixar-se no próprio homem, revitalizando a nossa melhor tradição humanista. O segundo livro persegue, pois, uma re-humanização do universo.

Finalmente, o terceiro: em dezoito *teletipos* (notícias informativas da conquista do cosmo, em ordem cronológica), três *módulos* (as três etapas da conquista) e cinco *quânticas* (cânticos - em transemia com o vocábulo "quanta" da Física incorporado à poética como sinônimo de "cântico" ou "cantiga" - em louvor a esses feitos), nesses vinte e seis minipoemas ele focaliza o espaço numa perspectiva cósmica. O espaço agora é o vácuo, o éter, o infinito. E o poeta narra, como se estivesse dentro de todos os foguetes e satélites já lançados ao cosmo, toda a escalada sideral:

desde Gagarin:

*hoje eclodiu a chama  
o oriente cavalga o cosmos  
seu cavalo sputinik  
vai sem chouto  
a 7 mil km por segundo  
rompe a barra magnética  
o cinto atmosférico  
abre a cortina do espectro  
e proclama nova era*

(teletipo, 1957, p. 82),

até Armstrong:

*mar da tranqüilidade*

*face a muitos sintomas  
e sinais de iniludível crescimento  
não mais se pode ocultar  
a lua esteja grávida  
de gente*

(teletipo 1969, p. 103).

Roberto Pontes escolheu um tema pertinente a e representativo de nossa época. Talvez o maior efeito de toda a história humana, realizado de parceria pelo homem oriental e ocidental: um prelúdio ao comportamento político do homem futuro?

A conquista do espaço e dos planetas. A chegada à lua. Um sonho de tantos milênios, desde o mitológico Ícaro até Santos Dummont, passando por Júlio Verne. Não interessa a carga política do feito, nem o teatralismo de algumas aventuras, nem a precariedade daquela parceria. O poeta vê no fato um significado mais grave: a inauguração da Era Cósmica, o principio de um tão questionado planetarismo. "Hoje é o amanhã do ontem que se foi" - diz ele (p. 104). O homem em nova encruzilhada diante da História. Mas, para contrabalançar o euforismo do último livro (o homem de corpo-e-alma no espaço) e negar o anti-humanismo de um elitismo tecnocrata (o deslumbramento romântico pelas "viagens" das superpotências), o poeta abriu o seu poema com um grito de protesto contra o subdesenvolvimento da sua região - o homem com o solado do pé sobre o chão calcinado e com as mãos feridas na labuta diária. Não só por isso: também para questionar o cibernético sonho macluhaniano do vilarejo universal. Pois o mundo de hoje só é uma *aldeia* quando a Intelsat mobiliza o seu sofisticado sistema de telecomunicações para mostrar à humanidade. . . uma partida de futebol, a missa romana do galo, a queda do astronauta na lua. Mas onde está o grosso da população mundial quando "os grandes" se reúnem, fora do alcance das câmaras de tevê, para *decidir* os destinos dos povos? Não: o grosso da vida humana de hoje não se compõe de *shows*. E se desenrola noutro palco, multifragmentado. Quer dizer: o poeta quis demonstrar - e conseguiu - que, em pleno desabrochar da idade do Cosmo, a massificação conserva, em nosso planeta, seres humanos e situações sociais contemporâneos da Idade da Pedra.

Por tudo isso, seu livro é um marco: um documento que reinventa a linguagem épica.

O último poema do livro

*cavalgar na luz  
cavalgar na luz*

*retorno ao rio do tempo  
onde a vida cresce e diminui  
o meu transporte é a velocidade  
e sou um rei  
a cavalgar na luz*

*a cavalgar na luz  
sou imortal e tudo sei  
faço parar meu corpo no espaço  
controlo a vida na velocidade  
sou cavaleiro  
a cavalgar na luz*

*a calvagar na luz  
bebo verdes ondas de energia  
há um sol diverso em minhas veias  
pois reconheço meus ecos de origem  
e a minha voz  
a cavalgar na luz*

*a cavalgar na luz  
sou imortal e tudo posso  
até mesmo lançar o maior passo  
ou retornar ao ponto de onde vim  
ou nem sequer saber se vivo ou se morri*

*a cavalgar na luz  
a cavalgar na luz*

(finito/infinito, p. 107)

parece interromper bruscamente e fugir do tema abordado. Parece indicar que o homem não quer apenas o espaço. Não deseja dominar o cosmo, mas triunfar sobre o finito e o infinito, a fim de resolver o enigma da pedra filosofal, da fonte da juventude: a fusão com os elementos naturais, a paralisação do tempo ao atingir-se a velocidade da luz para a superação da própria morte. Seria a *libertação total* - não a simples libertação social de barreiras econômicas ou políticas, mas a libertação material de barreiras físicas ou naturais, que o homem pode operar quando aprender "a cavalgar na luz", onde "sou imortal e tudo posso", ou seja:

quando o homem se tornar humano, senhor de seu próprio destino. Utopia? A dimensão maior da História sempre foi a de uma Utopia.

\*

Poeta de expressão forte e fácil, Roberto Pontes transmite em *Lições de Espaço* a mais vasta mensagem de humanismo da poesia cearense contemporânea e, mesmo, da poesia brasileira.

O livro está aí, circulando restritamente e quase anônimo em edição do autor. E porque, com toda certeza, acrescentará uma parcela ao nosso pequeno patrimônio poético, ele já nasceu exigindo uma edição nacional.<sup>2</sup>

(Este texto aparece aqui em sua terceira redação: nas duas últimas (a segunda para incorporação como prefácio ao poema), agradeço a colaboração do próprio poeta, pelos muitos diálogos que ajudaram no esclarecimento de algumas passagens).

## O DEPURADO DISCURSO DE MEMÓRIA CORPORAL

LUIZ F. PAPI

Quando o amor faz dos amantes os "animais enternecidos" de que nos fala o poeta cearense Roberto Pontes em *Memória Corporal*, esse achado elide a conotação antitética que em outro contexto estaria evidente. E isto ocorre simplesmente porque o amor, tal como o poeta o concebe e revitaliza literariamente, confere ao homem, enquanto bicho-amante, a mais completa e diversificada dimensão humanista. A depuradíssima imagem do enternecimento do animal-homem - uma entre muitas mais - como que sintetiza em seu despojamento o calidoscópico metafórico de um discurso amoroso que dispensa, por desnecessários, os suportes da veemência usual e convencional dos poemas de amor. O reparo não equivale a repúdio aos que sabem exercitar a veemência de seus arroubos, mas não resta dúvida de que a ruptura aqui assinalada se opera em proveito de uma expressividade de elegância substantiva e sóbria. E não se trata de mera contenção verbal, já que o poeta assume o risco de fazer sua *Memória Corporal* fluir em liberdade, dentro dos condutos líricos que armou para "esta reflexão amadurecida e vivenciada sobre o amor", conforme escreve Carlos d'Alge nas abas da capa deste livro primorosamente ilustrado por Ana e Paulo Brandão.

O valor do texto de Roberto Pontes está realmente na força da palavra, na versátil inventiva e na amplitude dada ao velho tema. Sente-se, por exemplo, o pulsar do poema nesta confissão do poeta: "Quando me afoguei na região das termas bebi da mais profunda natureza. Mas o panteísmo não é o limite da am-

plitude do projeto poético do autor. Ele vai mais longe na escalada lírica e tece - ainda segundo Carlos d'Alge - "um canto geral de integração e de ternura, de paz e realização humana". Tanto quanto a música, como queria Shakespeare, Roberto Pontes quer também a poesia como alimento do amor. E esse alimento ele o distribui sem apelar para a linguagem hiperbólica tão cara aos amantes. Curiosamente até, em certos passos de *Memória Corporal* o amor se nutre de poesia numa atmosfera de forte realismo imagístico, como no poema "Faltando leite, faltando pão". Daí não ser "excessivo afirmar - com Lúcia Helena no prefácio-ensaio intitulado *Sutil tecido de sal e concha* - que a personagem central deste texto *desejante* é Eros, captado em todos os seus poros e latências".

Roberto Pontes iniciou-se na literatura nos anos 60 através do Grupo SIN (de sincretismo) e teve seu primeiro livro de poesia, *Contracanto*, publicado em Fortaleza pela Edições SIN, em 1968. O Grupo SIN, fundado por ele, Pedro Lyra, Horácio Didimo, Linhares Filho e Rogério Bessa, desfez-se em 1969, porém marcou sua efêmera presença com a publicação de uma *Sinantologia*, reunindo aqueles poetas e alguns outros que haviam aderido ao movimento, cuja meta era a renovação das letras cearenses.

Em 1970 Roberto Pontes teve editado pela Imprensa Universitária do Ceará o volume *Lições de Espaço - Teletipos, Módulo e Quânticas*, um poema longo que naquele ano conquistou o Prêmio Universidade Federal do Ceará. Ainda em 1970 o poeta publica o ensaio *Vanguarda-Brasileira: Introdução e Tese*, com que obtém o Prêmio Esso-Jornal de Letras, e no ano seguinte ganha em Brasília o Prêmio Fundação Nacional dos Garimpeiros com o poema *Garimpo*.

## A VERDADE DO CORPO

CARLOS d'ALGE

Os quarenta e cinco poemas que compõem esta *Memória Corporal*, de Roberto Pontes, foram elaborados ao longo do tempo e da experiência do poeta que, já em seu livro anterior, *Lições de Espaço*, nos dava uma medida do seu pensar e fazer poéticos.

*Memória Corporal* é uma reflexão amadurecida e vivenciada sobre o amor. A descoberta do corpo e a sua linguagem específica são o *leit-motiv* do texto poético.

A memória percorre os vários caminhos do corpo amado, do conhecimento e das primeiras descobertas, numa travessia que se quer calma, lenta e integral. Até o dar-se em plenitude há muito a percorrer. Cada sinal sugere um novo símbolo, cada toque um ato de recriação, à espera da libertação final.

Todavia não é somente o corpo e o ato do amor que constituem o cerne dos poemas. A libertação se faz pelo amor e pela participação num universo isento

de medo, guerra e ódio. Um universo enamorado, como a ilha de Vênus, criada pela generosidade de Camões e ofertada aos rudes navegadores cansados de tanta desventura. Assim o prazer, a posse em contato com a natureza, traduzem uma visão humanista, comparada à saída do "Purgatório", na *Divina Comédia* de Dante, e ao ingresso no "Paraíso".

É preciso lembrar, pois, que o amor e o prazer são um compromisso do homem para com o seu semelhante. Impedi-lo é desumano. O homem só poderá se libertar pelo amor e com o amor: "Amamos,/animais enternecidos  
(...) / amamos e perdemos./O meu primeiro verso foi: / amamos".

Na sua intensa e apaixonada travessia, o poeta coloca o verso implicitamente no presente, a fazer coro com Carlos Drummond de Andrade, que em "Amar-Amaro" já nos dissera: "que pode uma criatura senão / entre criaturas, amar?"

Que libertação senão pelo amor? Que única verdade senão o corpo, total e absoluto, pleno e tátil? A nudez é um símbolo de liberdade. Valho-me de Harold Clurman que em artigo no *Harper's* afirma: "numa época em que todos os valores antigos se tornam vazios, e tudo que era sagrado deixou de ser respeitado, o corpo é a única verdade irreversível. Não há segredos vergonhosos na nudez - Ela é um símbolo de liberdade".

E em face disso que em *Memória Corporal*, no poema "Bebei na Boca Indócil", Roberto Pontes vê que "Cai um mau sereno sobre o mundo" e conclama as virgens: "Colai em vossas faces versos puros. / Roçai o vosso peito sobre rosas. / Fundi os vossos ventres nas estrelas" para reconhecer a existência de cadeados de aço que, como prisões e bombas, impedem a sua libertação, pois "Amar sem medo é defender a paz. / Amar sem medo é inventar a vida, / rasgando o corpo/no sexo do amigo".

Na descoberta do corpo sob entrega plena e total, a libertação se processa lentamente. "A cintura tão macia / e a pálpebra fibrosa / que senti romper-se um lírio novo".

A tristeza, habitante do homem, na solidão, desaparece com a descoberta do corpo amado, o poeta é o "imprevisto vestido de ternura", e hábil viajante vai percorrendo os caminhos da amada, e através das mais sensíveis comparações e metáforas constrói o seu universo de amor: "no negro asfalto do ventre / um girasol de amianto / se contorcendo na noite" (...) ou "Sonho como fui nos teus poros de tapete, / nos braços sensuais, nas ancas cor de mate, / no ventre cheio de surpresa e medo".

O paraíso na descoberta e posse? A utopia da felicidade num mundo de amor e paz, de flores e sorrisos? *Memória Corporal* é um canto de esperança, em que o poeta através da posse do corpo, como verdade total e absoluta, constrói também a sua verdade, despojada e magnânima.

A verdade do corpo, cantada por Camões no encontro de Vênus com Júpiter, no "Concílio dos Deuses" e na sua ilha namorada, realizada pelos artistas da Renascença, recriadores da beleza do mundo helênico, tem continuidade através da história literária.

Mal interpretada em diversos momentos, nivelada ao patológico pelos naturalistas, foi restaurada pela literatura moderna - lembremo-nos de D.H. Lawrence, Henry Miller, Joyce, e por que não das *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Berreno?

Assim, *Memória Corporal* dá seguimento a essa verdade. São dos poemas mais belos e puros que tenho lido sobre o sentimento do amor, repito, única verdade, irrecusável, irresistível e irreversível.

Um canto geral de integração e de ternura, de paz e realização humanas.

## SUTIL TECIDO DE SAL E CONCHA

LÚCIA HELENA

Acabo de ler o livro de Roberto Pontes, e a associação que de pronto me ocorre remete-me ao conceito que a Psicanálise tem formulado sobre o texto literário: "escrever é evitar o assassinato do desejo". E se o homem é este ser desejan-te, espécie de Prometeu acorrentado, de Sísifo que continuamente se debate com a "pedra" da linguagem, meio de que dispõe tanto para o encontro como para a perda de si e do outro, esta associação me ocorre em relação ao texto de Roberto porque ele, de modo explícito, se realiza em consonância com a perspectiva estético-histórica, o amor cortês, no qual o lirismo é tematizado como manifestação do desejo nas suas múltiplas formas: seja na do desejo de escrever sobre o desejo, seja no de viver o desejo como escrita que o perpetua e resgata. Aliás, estas duas perspectivas se interrelacionam e alternam ao longo do livro, num marcante traço erótico. E não seria excessivo afirmar que a personagem central deste texto "desejante" é Eros, captado em todos os seus poros e latências.

Cada poema de *Memória Corporal*, livro em que até no título se tematiza a palavra se fazendo carne, reafirma incessantemente o ato de amor, através de expressivas e reiteradas metáforas, nas quais a poesia e o ato de escrever se confundem com o ato de fazer amor, num gesto múltiplo de que participam: a natureza, o amante e o objeto amado.

Surpreende-nos a riqueza e simbiose de elementos que a natureza captada pelo poeta congrega, principalmente marinhos: "Nessas águas de sal marinho / há cogumelos, enguias, hipocampos / nenúfares, ventosas e anêmonas" ("Hã Solstício Tropical"). A natureza ora se manifesta participante, à maneira das canções de amigo, em que as personagens e o amor aderem ao cenário, chegando a ganhar suas espécies o nome da paisagem em que decorre tanto a espera quanto o encontro ou a realização do amor. Ora se torna confidente, à maneira dos românticos, em que a ambiência tende ao lunar, ao silêncio, ao melancólico; ora, ainda, se mostra contundente, ao remeter, de modo inesperado, a correlações semânticas que instalam uma carga corrosiva, através das quais marca-se uma rup-

tura com o clima idílico predominante na obra: "Nos teus colares de coral rochoso / os sátiros fecundam salamandras / e entre moluscos de anemia e cloro / ejaculo gasolina incendiária" ("Há Solstício Tropical").

As personagens - tanto o amante como seu objeto amado - são apresentadas com tal capacidade de metamorfose que, a todo momento, a personagem masculina, como "fauno" de inesgotável sensualidade, se transforma em objetos fâlicos, através dos quais se desloca o significante (a "marca" do desejo) que percorre e constitui o verbo lírico: flechas, girassóis de amianto, dedos de aço e lua, dedos de sol e ferro - são algumas das "máscaras" poéticas desse Eros irrequieto que celebra o amor e tem sabor de sal. E sua "ninfa" metamorfoseia-se em pétala, terra, água e concha, no que o poeta retoma a imagem da flor-mulher, tão cara aos líricos, e os mitos do elemento fecundável, quer seja a terra a salgar, já que o amante é sal; quer seja a da concha do mar, que ao sal também converge: "Tu me dirás que sou forte / e tenho sabor de sal / ( . . . ) / Eu te direi que és lisa / e polida como uma concha" ("Este Nosso Encantamento").

E porque o texto se faz porta-voz de Eros, o desejo a todo instante também se metamorfoseia e desloca, transmudado em pássaro, gaivota, corda que vibra, corcel, raio e punhal - ao se referir à amada, numa sugestão de atividade/passividade, penetração/profundidade, na qual se expressa, de modo icônico, um determinado conceito da sexualidade masculina/feminina. Eis, então, que a mulher é apresentada, no texto, como motivo de desejo, impulsionada pela latência e espera, e o homem como o gesto que emite aquele que se apossa: "Passa por mim a sensação da posse / que me atormenta e dói comum um segredo / e vem com os passos de animal ferido / nas vísceras, nos nervos e no peito" ("Poema da Posse"); ou ainda: "e agora, ouve, / cantarei assim: / lábios de maçã suave, / mãos próprias e cabíveis nas minhas, / eu sou a fúria que desfêcha golpes, / eu sou aquele que conhece os prazeres ("Faltando Leite, Faltando Pão").

Desde "Cinco Prelúdios" até "Epitáfio", respectivamente o primeiro e o último poemas do livro, os temas da fecundação e da cópula se anunciam e tomam a forma da imagem de um sonho circular, no qual uma pétala é engravidada pelo pingo morno que lhe afoga o ventre e se faz "liberto, líquido, livre", ao acender-se a chama do amor pelos dedos da amiga, que lampejam na noite fria. Se isto é o que se tematiza no primeiro poema, que dá ensejo à abertura do ciclo da fecundação amorosa, no último texto - discurso da memória que flui - há o desdobramento final do ciclo que evolui ao longo do livro, e "Aqui jaz o amor um dia dito". E, como resta morto o amor, cabe à palavra poética resgatá-lo.

Este ciclo - fecundação/paixão/morte/resgate - do amor justifica o título da obra: *Memória Corporal*, além de explicitar o sentido que o poeta atribui ao termo memória. Este é apresentado, no texto de Roberto Pontes, como uma tentativa de se apreender, surpreender e suspender o tempo. Memória como a instância que torna possível ao homem resgatar, do círculo inexorável e destrutivo de

vida/morte, tanto o sentimento quanto as coisas. Como se a poesia, fazendo-se na cumplicidade com a memória, se tornasse uma "verdade indestrutível" e perpetuasse, para além de Cronos, a viagem de Eros.

Uma viagem lírica, em que a beleza do efeito rítmico-sonoro a todo momento nos relembra as melhores realizações da poesia lírica, dos cancioneiros ao hoje. Uma viagem de sensibilidade que nos penetra mansamente, à maneira do amor, e outras vezes avidamente, à maneira da paixão.

Esta obra do poeta cearense Roberto Pontes, que tece o amor no traço do homem e do nome, se apresenta como uma das melhores realizações da poesia lírica contemporânea. E, acredito e desejo, ocupará seu lugar.

## QUANDO O VERBO SE ENCARNA EM FORTALEZA

MOACYR FÉLIX

A atual poesia cearense é importante, muito importante, pela contribuição que traz à nossa mais válida literatura, aquela que se quer e se faz contra esses aparentemente desvairados cultos da irracionalidade, pregados pelos que se dizem "rebeldes sem causa", e que, por isso mesmo, servem apenas de vaso para o modismo das "vanguardas", conservadoramente aplaudidas pelo poder e pelos interesses e pelos medos da classe dominante.

A atual poesia cearense, no seu aspecto mais significativo, deixa evidente que vê a literatura como a arte da palavra posta filosoficamente - ou seja, sem simplificações a aleijar as móveis espessuras do real - a serviço das idéias e dos sentimentos que se realizam nas lutas contra as alienações que dolorosamente deformam os sentidos da existência humana. É uma poesia de pé, não há dúvida, uma poesia contra o que oprime e a favor do que liberta, uma poesia dos que sentem na pele dos seus corpos e das suas calçadas o baque das horas sujas e quebradas pela miséria e pela ignorância.

Para ser reconhecido ou lido nacionalmente, tem-se que ir, pelo menos,

As matrizes da divulgação literária no Rio e em São Paulo, sobretudo, e em outras importantes cidades do Sul e do Centro do nosso País, cercam com uma pesada cortina de silêncio os muitos livros desses poetas editados em Fortaleza.

Para ser reconhecido ou lido nacionalmente, tem-se que ir, pelo menos, ao Rio ou a São Paulo, e ali buscar relacionar-se com os "donos do poder cultural", ou, pelo menos, com os seus parentes e subalternos, freqüentar suas casas, levar cartões de visitas sob os olhos das secretárias, alisar com o traseiro as poltronas das editoras, fazer reverências nas redações, encher a todo momento a boca de elogios aos chamados "vencedores da vida", etc., etc. E agora - Deus meu! - é a hora de lembrar o quanto vem sendo badalado, no Rio e em São Paulo, aquele amontoado de ignorância e de imposturas que fez Carlos Drummond de Andrade morrer denunciando o alastramento da

"poluição cultural, que consiste na divulgação estonteante de valores intelectuais e artísticos da pior qualidade, absorvidos com avidez por consumidores despreparados e alienados da realidade brasileira".

Por mais que para a imprensa e os escritores daqui fossem enviados, que escritor ou jornal deu cobertura e espaço a iniciativas como, por exemplo, a de imprimir e lançar **Nação Cariry**, uma revista de qualidades bem mais altas do que

as babaquices das revistecas e jornalecos em que aqui bailam reunidas a mediocridade e a leviandade?! E se voltarmos atrás, o que dizer da nenhuma esqualida, quando não envenenada, repercussão de movimentos importantes da poesia que foram **Clã**, na década de 40, o **SIN** na de 60, e **O Saco**, na década de 70?! E isso não é por acaso: o Nordeste - sofrido e ferido sob um regime econômico que já fez por merecer a alcunha de "capitalismo selvagem"-encontraria em autores como os dessa poesia de **rebeldes com causa** - e se à sua gente fosse dado o mínimo poder de comprar e ler os seus livros - o grito do colonizado se levantaria contra o colonizador.

E é nesse grito, portanto, que a dor mais funda do povo brasileiro, como um todo, encontraria o seu verdadeiro eco, aquele cuja história é a do ser contrário aos sons cosmopolitas com que somos vendidos às matrizes do capitalismo financeiro internacional. Matrizes que são as mesmas que dão corda e limite às matrizes da orientação fundamental dos nossos mais potentes meios de comunicação.

E aqui fico pensando em alguns dos mais significativos poetas vivos que hoje o Ceará nos oferece, cada um senhor das técnicas do verso com que vão abrindo - ora com sucesso, ora com fracasso - as muitas janelas da vida que se acha e que se perde no exterior interiorizado do ser humano.

Sem esquecer o relevo de mortos como Jáder de Carvalho e Aluizio Medeiros, ou o já celebrado em vida Gerardo de Melo Mourão, vale citar, entre os mais velhos, Francisco Carvalho, Alcides Pinto, Artur Eduardo Benevides e Caetano Ximenes Aragão, e entre os mais moços, além de Luciano Maia e Rosemberg Cariry, vale destacar também Oswald Barroso, Adriano Espinola, Airtton Monte, Pedro Lyra, Carlos Augusto Vianna, Rogaciano Leite Filho, Floriano Martins e o digno de ser muito estudado popular poeta Patativa do Assaré. E entre esses, e com o devido destaque, é de incluir-se o nome do autor deste *Verbo Encarnado*.

Desde as leituras de *Contracanto*, *Lições de Espaço* e *Memória Corporal*, ou seja, há muitos anos conheci e me fiz amigo pessoal de Roberto Pontes, essa musical figura humana que sabe se fazer tão parte das ruas da cidade em que se orquestra. Da sua ternura guevarina, como indivíduo e poeta, é que ele fez a sombra e o vazio de que também são feitos os atos da vida dos homens. Porque em 1970 ele já escrevia em "Raizes", um poema publicado no número 5 de **O Saco**, que:

"As raízes explicam sempre as folhas  
adidas aos ramos projetados  
e nelas a essência bruxuleia.  
Da sua duração subterrânea  
vem o vago e o complexo das plantas  
onde apanho o real pelos cabelos."

E assim ele caminha desde os becos escuros ou as praias esverdeadas pelas ondas que lavam os perfis da sua Fortaleza até o jogo da luz e da treva nos

BN/UF  
fatos e nas figuras da nossa história contemporânea que mais o tocaram. O mundo, o nosso mundo e este País dentro dele - esse o barco dos seus pensamentos; o povo, todos os povos, e a singularidade do ser individual neles imerso, esses os tripulantes do seu barco. Aqui o verbo se encarna na dança linotípica das escrituras de significados e significantes; e é uma recusa de todas as ditaduras que levam ao sectarismo e ao dogmatismo, a tudo que prende numa conceitual camisa-de-força os inconceituáveis e quase infinitos tons pesados no olho das velocidades em que giram, se acendendo e se apagando, as contradições de cada ser humano. Aqui, neste livro, o chão de todo verdadeiro poeta, o chão em que cada poeta escolhe a sua singularíssima viagem, o chão em que Roberto Pontes realiza os melhores poemas deste livro. E aqui pinço, com exemplificação, o poema dedicado a Tatá, a negra retinta que foi mãe dos princípios do poeta, a que, no dia da notícia da morte de Stalin, deu-lhe o que

"foi a primeira lição de liberdade.  
Eu tinha nove anos e sorria  
apenas nove anos e sonhava."

tudo formando a descrição do momento do quanto aprendera, desde então, que a existência humana é maior do que qualquer esquematismo político:

"As flores transpiravam mil segredos  
elas eram brancas, roxas, e teimavam."

Aqui vemos o que aparecerá várias vezes neste livro: o fato mais individual a servir de eixo para a definição de fatos da grande história dos homens, o próximo e o singular mostrando seu rosto essencialmente ligado ao rosto do distante e do plural.

E por, isso - ora aplaudindo e abraçando, ora condenando e vergastando o poeta vai costurando, em torno da sua noção de liberdade, a evocação de nomes de tiranias e tiranos - como Stalin, Salazar, e o golpe militar em 64 - com os nomes de Neruda, Ho Chi Minh, Frei Tito, Genuino Neto, Luther King e outros.

Roberto Pontes está convencido de que a fala insubmissa do poeta não deve ser concebida "apenas como resistência" e sim "muito mais como incitação das consciências". E a partir dessas idéias estrutura neste livro uma verdadeira lição do que deve ser verdadeiramente uma poética: lutando para não se aprisionar nos dogmatismos e sectarismos contrários à complexidade da existência, aberto aos infinitos que ainda não sabemos, o poeta colhe a poesia no que vê e sente como o não-ser do que foi ou que não pôde ser sob os golpes do destino e da história; e em nome disso faz da *Liberdade* a porta e o caminho e o horizonte para o verbo com que intenta dar fala ao ser que nele move idéias e sentimentos.

"A noite será feia  
enquanto houver uma cadeia".  
"E ao não te sobrar mais nada  
pressentindo ter-se ido

a LIBERDADE  
arranca a primeira pedra da calçada  
e luta  
pela única razão que vale a pena."

O poeta não se abre exceções, não as admite; a liberdade é indivisível e para todos, ou não é liberdade. Ela é o fundamento de todos os altos do ser humano a se construir no meio das coisas.

Esses pensamentos centrais sobre a liberdade, porém, só fazem sentido poético se completados pelas questionantes noções de infinitude, morte, mistério e **necessidade** de conscientização. Ela é que completam qualquer poética autenticamente voltada para servir ao socialismo, distanciando-se assim da farsa desses escribas em verso que se dizem "poetas engajados", mas que, por ignorância e carreirismo, descambam para um panfletarismo que falseia a realidade, e que, portanto, mente, e que, por mentir, é também politicamente um equivoco e um erro:

"O poema há de levar  
a direção pensada e fria  
da consciência  
dos que não têm dias  
nem mar, nem sol, mas má razão."

Ou:

"cai do queixo a interrogação  
tatuada nos rostos de abismo"

Rosto de abismo: inútil olhar a superfície apenas, as aparências da vida: há que mergulhar - e a poesia e o amor ensinam isso - até sentirmos a profundidade das raízes na história de cada ato ou omissão do homem.

E é também com profunda beleza estética que ele prossegue:

"Olha como se amam as borboletas  
que fiam corpo vivos no mistério  
e não dizem versos  
porque fazem vôos"

Subentendida, a compreensão de que os versos nascem do que não voou embora deveriam ser a asa bonita do que eleva o ser humano. Ética e estética não se separam: eis o ensinamento.

Eu poderia alongar este texto com a citação de vários outros fragmentos de uma poesia bela, em muitos momentos, porque feita com a fidelidade à arte que é a encarnação da palavra como corpo elaborado de autenticidade no sentir o que não é conceituável e é, no entanto, a própria respiração dos sonhos em que se move o melhor do nosso estar-no mundo como formas do amor e da liberdade.

Deixo aos leitores, porém, o encantamento desse trabalho.

## ROGÉRIO BESSA

José Rogério Fontenele Bessa: Redenção, 15.09.1942.

Doutor em Letras pela UFRJ (1988). Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Especialização em Linguística (NUPEL), Coordenador do Projeto "Atlas Lingüístico do Estado do Ceará", Professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFC.

Membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

### DO AUTOR

*Poesia em 2 tempos*. Fortaleza: SIN edições, 1968.

*Praxiscópio*. Fortaleza: Foto Flash, 1969.

*Sinantologia*. Fortaleza: Sin, 1968. [Colaboração]

### INÉDITOS

*Crer Diário* (poemas)

*Redescoberta de Orfeu* (poemas) Menção honrosa - Prêmio Fernando Chinaglia/UBE - 1977.

*Memórias da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (poemas).

### SOBRE O AUTOR

AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p. 557-9.

BARROSO, Antônio Girão. Mini "Sinantologia 2"(9). *Correio do Ceará*. "O Livro & Você", Fortaleza, 15.6.68.

BENEVIDES, Artur Eduardo. Dois poetas cearenses. *O Povo*, Fortaleza, 9.6.68.

LYRA, Pedro. *Poesia cearense e realidade atual: ensaio de crítica literária*. Petrópolis: Vozes; Fortaleza, Fundação Educacional Edson Queiroz, 1975, p. 71-76.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. rev. aum. e atual. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 109.

OLIVEIRA, Eusélio. Praxiscópio. *Unitário*, Fortaleza, 4.1.70. Prefácio.

**POEMAS DOS MEUS SAPATOS MARRONS  
(NOVAMENTE ENGRAXADOS)**

Um par de sapatos, que vida não leva!

Ontem, o meu cartou alto:  
pisou casa de menina lorde  
foi acariciado com o mimo  
vermelho do tapete.

Inda me lembro como anoitecera  
rabujento anteontem.  
De manhã, antes de sairmos  
lavei-lhe a cara com a escova.

Hoje, foi um dos seus dias mais tristes:  
meteu-se numa poça d'água sem querer  
pisou uma rã morta  
e estalou uma barata.

**SONETO DA AMADA**

vou perdido e achado em ti  
em tempo partida do mundo sem tempo  
tempo de omissão de todos os cuidados  
para o mundo da tua presença

vou achado e perdido em ti  
duas vidas solam um só tempo  
vida de mãos dadas  
de morno amor de seios

vou perdido e achado em ti  
dormindo no sem tempo  
à sombra do eterno

vou durmo esqueço à sombra em ti  
a árvore-de-natal está linda  
perdido e achado caminho e não ando.

## **ELEGIA DO COENTRO**

o canteiro não o faz mais verde  
namoram-lhe as sementes os pássaros  
cuidado de mulher o ajeita  
do vento que o entortou

vegetal de vida útil e breve  
que nasce verde e verde morre  
não lhe será longa a vida  
as folhas amarelecendo

coentro, tempero de alguns  
destempero de si próprio  
utilidade verde da vida  
brevidade verde de si mesmo.

## **POEMA DO BOM PASTOR**

cruzeiro luminoso não feito de acrílico  
apagando e acendendo no céu  
navegante de mil viagens  
inventor ousado do esputinique  
jato supereternidade  
comedor de distâncias de ontem a hoje

o Bom Pastor apascenta seus rebanhos de nuvens  
o Bom Pastor, chefe do setor administrativo  
apascenta rebanhos de lã  
seus rebanhos pastam chuva e eternidade

Bom Pastor de olhos de estrela  
cravejado de estrelas em disposição de cruz  
Bom Pastor capitão de fragata  
Bom Pastor amansador de pirata  
salvador de mil naufrágios

Bom Pastor marinho antigo  
carpinteiro de mil barcas  
pregadas nas pontinhas com as tachinhas das estrelas

Bom Pastor olhar de neve  
cabelos de espiga dourados  
cajado de feixe de trigo  
reluzindo ao sol da graça

Bom Pastor de dedos vertendo cintilações  
Bom Pastor de olhar de neve  
tange essas barcas de leve  
para o ancoradouro de Paz e Eternidade.

(Poesia em 2 tempos)

práxis ópio  
não vão  
contra  
ópio  
pro  
copo  
práxis copa  
ca  
banha  
práxis copo  
e  
o  
encorpado  
copo  
de  
banda

\*\*\*

no fábrico o fabrico  
do canto  
chão  
falena  
não  
circunda  
áureo e elo  
sua  
lâmpada  
alvo elo sem favo  
alvo favo  
almo fado

favo  
de  
ilha  
favela  
favo elo sem alvo  
elo  
alvo elo  
ela  
favo  
ilha  
favila

(*Praxiscópio*)

## REDESCOBERTA DE ORFEU

ou

### O MUNDO NUNCA ENCONTRADO

#### DO CANTO I: PRÓLOGO MENOS

lhe envio meu canto órfico  
com o encanto de meu povo,  
fala a lira em lira mor,  
diz de orfeu o seu encanto.

sede e fome fomentaram  
sua música, seu ritmo,  
a queimar-lhe o sol a pele,  
nasceu-lhe a redescoberta.

grande estalo resultou  
num mundo nunca encontrado  
e embora o canto doesse,  
entrememente não choveu.

#### DO CANTO II: A SAÍDA DO POEMA: *FUGA E DESPEDIDA DAS MELOMANIAS ANTIÓRFICAS*

essa coita que me invade,  
gran coyta que d'amor ey,  
foi a que, vivendo El-Rey,  
experimentou Guilhade.

os olhos verdes d'amiga  
me fazem ora pensar:  
se azuis não eram, cantiga  
só, quem dela saberá!

sei que cantiga d'amigo  
decanta os olhos d'algém  
do hoje outrora que consigo  
lembrar por mal e por bem.

**DO CANTO III:**

**ONOMATOPÉIA E CIBERNÉTICA; ORBITAS DO HOMEM:  
*SUA AURORA E SEU OCASO***

no princípio, não era o homem,  
antes sonossexo, depois vigilia,  
o não-sono das coisas.

madrugada sono e sonho  
com a descoberta de si,  
fecha-se ao vir das sombras

e se despe homem vassalo  
de sua mesma contextura  
qual ode passada a limpo.

**DO CANTO IV:**

**A RETIRADA:**

***ANTIMITOS LUA E A VIAGEM AO (IM)POSSÍVEL***

gracilianos entre ramos  
mortos e rumos épicos  
deparar é o que vamos;

fabianos sem vitórias  
régias ao mor março tépidos  
entre telúricas glórias;

todos seres patagônias  
à procura de pasárgadas,  
sonhos leves, amazônias.

**DO CANTO V:**  
VIAGEM DENTRO E AO REDOR DE UM CANTEIRO/  
SEUS PRONOMES RELATIVOS OU PASSEIO NO QUINTAL:  
*ANTILHAS*

tem de seu a vegetal baga,  
de gente, essa servilidade  
e em todas as prestações úteis,  
o querer-ser e ser o que é.

em forma de glândula e pêlo,  
a angústia sai pelas folhas  
e a tristeza de coisa estampa  
a palidez de suas flores.

na maturidade, enrubece  
a agridoce ovóide baga;  
na substância de polpa aquosa;  
tenção de não-servir contente.

**DO CANTO VI:**  
AO REDOR DO HOMEM:  
*A ILHA BUSCA DA SÍNTESE, SUA DIALÉTIC'*

diariamente o homem  
caminha para a certeza,  
quando eventualidades  
não o tomem de surpresa.

homem que faz da vida  
o seu surreal panar  
não se nutre de ambrosia,  
mas de carrapicho e urtiga.

o homem vive a sua viagem,  
faz seu sonho desilusão,  
melodia suas exéquias  
na ânsia busca de pão.

**DO CANTO VII:**  
**VIAGEM DE RETORNO E REENCONTRO DE SI, SEU LENITIVO:**  
*A CILADA*

o mar ruge assombroso,  
o marujo rege o leme  
e a estória do caramujo  
semelha amor desses mares,

esses mares com seus homens,  
esses homens caravelas  
dizem desse amor de nada  
com arestas sem avenas.

amor desconhece cláusulas  
e cláusulas são clausuras,  
que acerbam agudas arestas  
no nascente amor de tudo.

**DO CANTO VIII:**  
**O CABO DAS TORMENTAS:**  
*MINÚSCULOS ADAMASTORES E UM MUNDO COBERTO DE PÓ*

nesses olhos me revejo  
na eterna insônia das noites,  
giz me descreve letárgico  
mundo coberto de pó.

povoe-me sonhos em sono,  
mas não constitua herança,  
pavana, espelho ou ocaso  
aos olhos dessa criança.

momentos tredos e ledos  
apascentam o giz nutriz  
que me seduz como fora  
trevo enredo ou flor-de-lis.

**DO CANTO IX:**  
**O MUNDO ENCONTRADO:**  
*INÉRCIA CALADA E MUDEZ FALANTE DO SOL*

no impacto do cacto intacto,  
o olho de intáctil tacto,  
viaduto da em sol ação;

no pacto do cacto intacto,  
o sol de olho por olho  
no tacto incacto da mão.

no pacto, o cacto e o tacto  
contrátil do contratante,  
chão por chantão malsão.

**DO CANTO X:  
PÓS-LEGÔMENOS**

lúcida, a procura, mas não há cura,  
meus olhos cansaram desses desvairros.  
em meu rosto, marcas de descaminhos,  
procura não-achada e gran pesar.

na saída do poema, a saída,  
mais saída que a cura procurada;  
a saída não será volta ao poema,  
mas retorno ao ponto de retirada.

e assim, não haverá saída até  
desfazer-se este périplo terrestre,  
que é um círculo estabelecido,  
por que dele não haja como sair.

*(Inédito)*

**MEMÓRIAS DA CIDADE  
DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO**

uma cidade aos pedaços:  
um trecho aqui, outro lá,  
impossíveis de mapear  
na memória adventícia.

uma cidade aos pedaços:  
viadutos estendidos,  
curvos e bem retesados  
e suspensos sobre rios

invisíveis, que desembocam  
em nada, mas que vez por outra  
dão com túneis que os engolem  
na embocadura dos morros.

uma cidade debrum:  
maritimamente orlada,  
Flamengo, Botafogo etc.  
imbricando-se em toda a volta.

impossível saber de cor  
essa estranha geografia,  
cujos pedaços só os mapas  
seguramente memorizam.

\* \* \*

Cecília e a Sala amarela  
no Largo da Lapa,  
porque ninguém mais que ela  
foi tão mar e tão meireles.

Não obstante Cecília,  
esse nome contradiz  
a verdade etimológica,  
pois ninguém tanto mais viu.

Cecília, mar e meireles,  
quem hoje passa e não te vê,  
também a sala vazia  
não vê, aberta em teu nome.

\* \* \*

Ah! Quanta barata incauta na mira de meus sapatos!  
Lá sois grandes, mas pascóvias, porque fáceis de acertar.  
Viveis do alento do nosso subdesenvolvimento.  
Cuidado com os sapatos sem cor e inseticidas  
nas solas envernizadas de vossos costados alados.

E vós, baratas miúdas deste Rio de Janeiro,  
que fazeis na superfície do solo civilizado?  
Por que meteis pelas mãos os pés de vosso destino  
e viveis na marginália do dito ciclo biológico?  
Cá não tendes a grandeza das baratas do Nordeste,  
mas, em vossa miudeza, trazeis lição de progresso.

De onde vindes? Quantas sois? Por que deixais o esconderijo  
do esgoto metropolitano para a luz dos claros sóis?  
Por que vos fazeis às vistas de nativos e turistas,  
obscurecendo a imagem da Cidade em sua paisagem?

\*\*\*

Olho. Nada vejo além de caixas enormes  
de orifícios retangulares propositadamente simétricos.  
Um céu que ora esclarece o nada construído,  
ora anoitece o dia em plena luz do sol.

À noite, as caixas se revestem de um dia de festa.  
Há pisca-piscas, relâmpagos entre os caixas,  
e britadeiras cortando um silêncio de concreto,  
quando vivalmas se deitam e fingem dormir.

\*\*\*

Respeite o metrô,  
que a obra é humana, mas o projeto, divino.  
O metropolitano levanta a poeira,  
mas o carioca dá a volta por cima.

Pede-se tolerância aos metrosuários,  
que não haverá pó sob poeira,  
quando o metropolitano começar a correr  
nos bueiros do Rio de Janeiro.

\* \* \*

Isso ainda vai ao Deus-dará,  
que nada tem a ver com ela:  
pó eira e beira do sem-jeito!

Ainda bem que o Cristo-Redentor  
não está de braços cruzados  
a ver longes navios ao largo.

No dia em que os braços cruzar,  
meu Deus, não sei o que será.

\* \* \*

Apesar do humano pedra,  
amo a Cidade e sua História,  
as palmeiras arranha-céus,  
seus largos com suas igrejas.

E apesar de havê-la deixado  
mais rasa do que o próprio chão,  
também amo o perdido e achado,  
provisoriamente maisão.

Amo-lhe o solo e subsolo,  
amando-lhe esse metrô,  
pois quem e o que tatu nasceu  
morre cavando e me consolo.

*(Inédito)*

## **CRER DIÁRIO**

### **PRÓLOGO MENOS:**

3

o que o CRER DIÁRIO diz  
o CREDIÁRIO não faz

no CRER: a cara do CREDOR  
no CRÉDULO: A DO CREDULÁRIO

no CREDIÁRIO: o perdulário  
no CRER DIÁRIO: o escapulário.

### **ARTIMANHA CALENDÁRIA**

4

quanto mais terno o mês  
mais terno o coração do freguês

quanto mais terno o freguês  
mais materno é o mês

mais mês menos mês mais materna a vez  
e o freguês ao olhar do credor mais terno.

5

o cliente nefelibata:  
o crer ente do ter sem ser  
a cliência ônus-ciente  
e o CRER/SER  
da onisciência credora

o conceituário menstrual  
e a cada mês  
o ovo de Colombo

no lombo do otário  
o ovo sobre o biombo  
e o vôo de Colombo.

### CIRANDA DA VIDA

10

faz da forma o formão  
pinta / carpe a empreita

faz da lima o limão  
firma / malha / corre ponto

faz da liça a lição  
logra / liga a espreita

faz do fuso a fusão  
quinas / cana / fusa fuzuê  
e a gana de ensinar

faz do fogo o fogão  
bota / joga / faz o jogo  
e o bota-tira botijão

faz da fila o filão  
fila / finta / dribla o jogo  
o dia crê e tenta ação.

### HORA DA MORTE

7

a coisa:                    a casa:  
a luta contra o caso    o dobro do pensar  
o ocaso:                    o caso:

cada coisa em seu lugar      a dobra do penso lar  
o acaso:                              a casa  
a coisa em sua casa              o cobro do comprar

o quase:  
o qual dobro penso ar  
o caso:  
o qualquer logro pendular  
o quase:  
o modo loquaz a par  
o caso:  
o quasimodo sem modo.

### HORA DA MORTE

9

ao largo: o trans & o transe  
ao longo: o cis & o trânsito

no trans: o sonho oficial  
no cis: o sono oficioso

ao largo: a cidade sonho e elite  
ao longo: a vida poliomielite.

10

no passo da valsa  
a salsa do rosário

a cada conta o passo  
da alta e seu compasso

useira vezeira e vesga  
a alta e sua nesga  
no olho morto e absorto)

*(Inédito)*

## MINI "SINANTOLOGIA 2"(9)

ANTÔNIO GIRÃO BARROSO

Com uma "Não Apresentação" de Horácio Dídimo (tudo é assim, mais ou menos insólito, na literatura de vanguarda de hoje), Rogério Bessa publicou há pouco tempo o seu livro de estréia, *Poesia em 2 Tempos*. Antecipando-se a essa edição, que pode ser considerada feliz e sobre a qual devemos nos pronunciar noutra ocasião, incluiu ele dois poemas (do volume) nesta *Mini-SinAntologia*: "quadro negro" e "elegia do coentro", este um verdadeiro achado e que por isso mesmo merece ser transmitido ao leitor:

*o canteiro não o faz mais verde  
namoram-lhe as sementes os pássaros  
cuidado de mulher o ajeita  
do vento que o entortou*

*vegetal de vida útil e breve  
que nasce verde e verde morre  
não lhe será longa a vida  
as folhas amarelecendo*

*coentro, tempero de alguns  
destempero de si próprio  
utilidade verde da vida  
brevidade verde de si mesmo.*

Ninguém até hoje, ao que eu saiba, definiu melhor o mistério, a tremenda e insuspeitada precariedade dessa "planta medicinal e condimentar, da família das Umbelíferas", como rezam, friamente, os dicionários, sem o mais leve espírito metafísico. Mas, azar, vem o poeta e descobre tudo.

## POESIA E DESNATURAÇÃO EM ROGÉRIO BESSA

Pedro Lyra

A poesia de Rogério Bessa apresenta uma nítida divisão. Não a divisão meramente formal dos tempos um e dois do livro de estréia,<sup>1</sup> mas a divisão estilística do conjunto de sua obra até aqui:<sup>2</sup> nessa obra, temos, no primeiro momento, o *discursivo crítico*, consistente numa tentativa de apreensão da

realidade do mundo contemporâneo; e, no segundo momento, a *experiência vanguardista*, determinada pela adesão do poeta à linha práxis, composta de poemas comprometidos mais diretamente com a linguagem.

Sem que isso implique uma não-evolução, mesmo porque a sua técnica aperfeiçoou-se, a sócio-visão que RB manifesta no seu primeiro livro não se modificou nos dois seguintes: apenas, ela não é tão clara nestes últimos. Essa visão é fornecida num poema de título duvidoso:

*O mundo não é cinemascopo colorido,  
O mundo é um dia chuvoso, estrito, sem perspectivas,  
sem horizontes, sem ter para onde a gente ir,  
encurralado em casa com aquele cheirinho de chuva abusado,  
com aquele cheirinho de rede mofada e fria.*

*Com um dia de chuva, sim, é que se pode parecer o mundo,  
com muita capa-de-chuva, muito guarda-chuva,  
muitos sapatões metidos em galochas,  
o chiar da chuva e o lepo-lepo de sandálias japonesas  
nas calçadas ensopadas.*

*O mundo, bem se vê, não é um dia sol de primavera,  
de landscapes belissimos de regiões estrangeiras;  
o mundo é um dia como esse de hoje, 28 de fevereiro de 1967,  
tudo cheirando a chuva e esse barulho danado  
do velho ventilador neurastênico da repartição nos meus ouvidos.*

("Visão do mundo e da vida", p. 30).

Duvidoso porque esse título nos dá a impressão de que o poeta vai falar do *mundo* e da *vida* como *categorias ontológicas*, mas o que o texto nos oferece é uma visão do *mundo* e da *vida* como *realidades históricas*, ou seja, uma descrição da monotonia do mundo e da vida *de hoje* - este mundo "estrito, sem perspectivas,/ sem horizontes, sem ter para onde a gente ir", - como o atestam os pontos de referência do poema, todos eles produtos culturais da indústria de nossa era (*capa-de-chuva, guarda-chuva, galochas, sandálias japonesas, ventilador etc.*) e, mais que isso, a presença daquele verso que situa esse mundo e essa vida no nosso presente: "O mundo é um dia como esse de hoje, 28 de fevereiro de 1967".

Trata-se, claro, de um mundo desumanizado pelo burocratismo neurastenizador do último verso do trecho transcrito, onde o homem, acomodado na inércia, se dessencializa radicalmente:

*atitude espelho  
afirmação reflexo  
inafirmação de si  
inexpressão essencial*

*atitude revelação  
espelho reflexo  
reflexo desilusão  
descrédito de si*

*corpo de angústia  
desilusão da vida  
impropriedade amor  
inda assim, ser que vive.*

("poema de si," p. 87)

Aí está: o homem, "corpo de angústia", se esvazia, e é levado ao "descrédito de si", mas, "inda assim", apesar dessa "inafirmação de si", ele é um "ser que vive"; essa vida, porém, se reduz a uma sobre-vida pela "atitude espelho" desse homem, que só projeta um "reflexo desilusão" pois, na sua "inexpressão essencial", não se pode dizer que o homem *vive* - sobrevive, apenas.

A causa desse esvaziamento do homem é o esvaziamento da sociedade - a destruição das condições para o convívio harmonioso com seus semelhantes, transformados uns em adversários dos outros. Por isso, depois de comparar o mundo com um "dia chuvoso", o poeta:

*Quero uma noite longa, sem-fim, sem madrugada,  
quero uma noite sem dia,  
quero uma noite como a eternidade,  
sem o pressago e medroso apito do guarda da ronda noturna,  
quero uma noite sem ladrões,  
noite chuvosa e fria,  
quero o silêncio sem ninguém,  
quero a noite sem madrugada,  
para sedar o meu dia. (p. 36)*

A solidão se apresenta, assim, como a alternativa única de sobrevivência para esse homem, refúgio da individualidade contara uma sociedade que se equilibra sobre a contraditória base do conflito de interesses pessoais. O poeta percebe a desnaturação, acusa a sociedade industrial como agente desse processo de destruição e clama pelo retorno às condições naturais de vida:

*Quero a noite como deveria ser, uma noite bíblica, sem dia,  
venha chuvosa ou com estrelas, venha noite de sertão,  
não venha a noite artificial com iluminação a mercúrio  
para não quebrar a minha ritmia. . .  
De modernice, deixe só asfalto, meu velho companheiro de  
predestino (p. 35)*

A "noite como deveria ser" simboliza claramente o mundo humanizado, "sem ladrões" (e este verso me sugere não apenas os pequenos ladrões noturnos) e, portanto, sem a necessidade obsessiva daquele "guarda da ronda noturna", gerando um mundo frontalmente oposto ao mundo-cão da "noite artificial com iluminação a mercúrio", que apenas interrompe o compasso natural da vida humana, ao "quebrar a minha ritmia". Esse mundo humanizado, o poeta o entrevê somente fora deste nosso aqui-agora. Ele se encontra ou *no passado*, consubstanciado pela felicidade perdida da infância:

*era o helianto do jardim,  
com perfume de roseira,  
no esplendor da esbelteza do talhe.  
Não era uma mulher,  
era uma flor;  
não era um homem  
era um sol no auge da meninez. (p. 41)*

ou *no futuro* - e aqui reside toda a mensagem humanizante desta *Poesia em Dois Tempos*:

*Ainda não posso ser bom, semeado entre a inveja espinhosa,  
morando na vala dos que não são bons,  
por isso, sou mimético.*

*Quando cessar tudo isso,  
então, voarei pelos céus abertos e democráticos  
como um pássaro a aspergir doçuras evangélicas  
gorgolejando salmos. (p. 51)*

O poeta generaliza, tomando-se por símbolo do homem atual: hoje, "Ainda não posso ser bom"; convivendo com os maus, com homens confinados no seu individualismo, eu me torno, pois "sou mimético", também mau, por ação da "inveja espinhosa" produzida pela desigualdade. Amanhã, "Quando cessar tudo isso", esse homem se reencontrará com sua essência social, vivendo "em céus abertos e democráticos", livre e bom "como um pássaro a aspergir doçuras evangélicas" - acredita o poeta, apoiando a esperança lúdica da civilização do futuro.

A experiência vanguardista (já presente em exercícios lingüísticos do livro anterior, como em "Soneto de reflexão"- p. 17; "Poesia com alguma noção de morte"- p. 19; "Poema de sempre amor"- p. 61 etc.) é a nota dominante da última poesia de Rogério Bessa; nestes dois livros, a sua visão do mundo se dilui nos malabarismos em que exercita a sua habilidade verbal, fruto de uma persistente pesquisa e de um sólido embasamento lingüístico. Em *Praxiscópio*, por exemplo, o seu compromisso é menos com a mensagem que com a palavra, numa tentativa de recodificação dos signos para a construção de um idioleto, colocando o poema no plano da invenção, mas da invenção meramente verbal. Assim, temos a dissecação total da palavra, a penetração em sua intimidade fonético-semântica para extrair dela um ponto projetor, por meio de todos os recursos estilísticos utilizados pelo praxismo, particularmente a paranomásia, a assonância e a aliteração. Esse ponto projetor - núcleo vocabular da práxis - se desdobra e se prolonga em múltiplas direções, vinculadas no entanto ao fonema, mais que ao lexema, de origem, no intuito de abranger o todo da realidade poetizada sem perder as suas fontes, - como lemos no poema inicial do livro, sem paginação:

*dinâmica de cores*

*não me concerne*

*dinâmica descora*

*com cor*

*cor e luz*

*são*

*desilusão*

*cor e luz*

*diluição*

*dinâmica de cor*

*pó e luz*

*poluição.*

No seu último livro, temos um prolongamento da experiência lingüístico-formal de *Praxiscópio*: a mesma manipulação verbal que, quase sempre, fecha o poema num hermetismo inacessível ao leitor não-iniciado. Por isso mesmo, o melhor dessa experimentação se concentra naqueles momentos em que o poeta se liberta da preocupação dominante com a forma e a linguagem e "se solta" mais, dando maior liberdade ao impulso criador - como lemos neste retrato do homem distorcido no burocratismo:

*vives noturnos de dia*

*invernos vives no verão*

*urdes soalheira de noite*

*a noite tece teu dia*

*batendo com apreço e estima  
na memória memorando  
ama tua mais serva máquina  
que além de bater não sente*

*sentes além de bater  
grandeza de teu mister  
faze ao som teclas elétricas  
para exéquias de teu pão.*

(Poema 56)

Na verdade, o praxismo obteve a repercussão apenas necessária para um movimento de renovação. Ainda assim, muito mais no plano teórico-crítico do que no plano criativo: o movimento não contou com a co-participação de grande público, simplesmente porque o público não o entendeu. Assim, o praxismo se confinou nos seus próprios produtores, transmutados em consumidores, ou seja, em autoconsumidores, o que põe em xeque a socialidade da arte.

Creio que o melhor da poesia de Rogério Bessa se encontra nos seus poemas libertos das limitações de forma e linguagem do praxismo - um movimento (ou uma *instauração*, como pretende Mário Chamie) cuja teoria superou a prática. É em *Poesia em Dois Tempos* que temos, na mensagem e na linguagem, um poeta sintonizado com a realidade de seu tempo. Mais que isso: atuando sobre ela.

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Bessa, Rogério: *Poesia em 2 Tempos* Fortaleza, Sin Edições, 1968.
- <sup>2</sup> Ibidem. *Praxiscópio*. Edição do Autor. Fortaleza, 1969. *Redescoberta de orfeu*, inédito: original gentilmente cedido pelo Autor para este estudo, pelo que lhe fico grato.

## PRAXISCÓPIO

EUSÉLIO OLIVEIRA

PRAXISCÓPIO não é um rondô linear discursivo nem um missal do saudosismo burgês-ruralista;  
é um compromisso com a MENSAGEM REINVENTADA  
uma postulação da linguagem como matéria autoconsumível em antagonismo aberto com o SERIALISMO DO CONSUMO COLOQUIAL;  
abertura e revide no campus da fala oralizada que agride a hierarquia dos valores sedimentados;  
verbo reificado apto a impor a mensagem no circuito CRÍTICO/CRIATIVO DO CONTEXTO POÉTICO;

EXPERIÊNCIA exercida no tecido da PALAVRA, ao transformá-la em utensílio incorporado;  
levantamento de perspectivas potenciais no croquis PRÁXIS DO PRO/TEXTO  
revide ao PRETEXTO narrativo, ao embevecimento contemplativo/onanista do poeta BEM COMPORTADO;

SALTO e nunca pulo histriônico no minifúndio do papel/espço; na OBRA VESTIBULAR - POESIA EM 2 TEMPOS - no POEMA DE SEMPRE AMOR (fls. 61) publicado em 1968, rogério bessa já dera uma amostragem desse trânsito em processamento;  
nessa predisposição de se evadir conscientemente do alinhavamento poético/prosaico;  
buscando aqui e ali um desdobramento freqüencial como poesia REINVENTADA;  
desafio motor  
atitude de incompatibilidade com a conciliação inativa  
PRAXISCÓPIO é construção em aclave, descoberta em contraposição à ideologia cultural dos que buscam a herança do imortalismo seiscentista;

CRIAÇÃO progressiva no HABITAT construtivo do sensível legível;  
artesanato verbal capaz de irritar o hábito gustativo do leitor linear, condicionado às inflexões cabalísticas de BOM GOSTO ESTÉTICO;  
rogério bessa usa em PRAXISCÓPIO o passaporte do INVENTIVO, transpondo assim a fronteira tiranizante do formal;

RUTURA que avoca a disponibilidade da palavra para o engajamento definitivo da comunicação;  
obra-*comunhão* entre o a/verso e texto-objeto-útil, numa defasagem renovatória;

ACONTECIMENTO que desloca a rota do insólito/cotidiano ante a força vertigem do antecipadô;  
obra que sem dúvida encontrará a repulsa sindicalizada dos literatos/mãe-benta, dos cozinheiros entocados e predispostos a manipular todos os condimentos do épico/emocional;  
dos escritos, membros natos e inatos da alta costura do elogio e do deboche hepático de um público despreparado e vítima do sonetismo a grosso e atacado;  
enfim de uma comunidade que sequiosa do novo só recebe por razão o capim navalha do BELETRISMO-DIARRÉICO;

PRAXISCÓPIO representa o intuito de edificar, não no quietismo post/descoberta mas na amplitude arquitetural de um novo vocábulo; rogerio bessa deixa de ser o nabucodonosor/geração, submisso ao ato ruminatório dos compêndios de BEM VERSEJAR e instaura um momento único;  
fac-similada

ÚNICO na audácia de SER/VIR no projeto prematuramente elaborado, na disposição de trazer o evento poético consubstanciado na matemática racional da palavra/coisa;  
de há muito acompanho o trajeto desse jovem rebelde, desse pesquisador incansável, desse mecânico verbal;

a sua presença deixa de ser transitória pelo mérito diário da busca incontida,

PRAXISCÓPIO não é livro nem tampouco obra acabada  
é manual de tecnicismo avançado

anti-litania

na estante dinâmica do diálogo

PRAXISCÓPIO não é profissão de fé

nem dogma

é uso e vivência cultural

enfim

PRÁXIS.

## SÂNZIO DE AZEVEDO

Rafael Sânzio de Azevedo: Fortaleza, 11.02.1938.  
Doutor em Letras pela UFRJ (1980), Professor de Literatura Brasileira,  
Literatura Cearense e Teoria do Verso na UFC.  
Membro da Academia Cearense de Letras.

### DO AUTOR

#### ENSAIO

*A Terra Antes do Homem*. S. Paulo, Edart, 1962.  
*Caminhos da Poesia*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1968.  
*Poesia de Todo o Tempo*. Fortaleza, Edições Clã, 1970.  
*A Padaria Espiritual*. Fortaleza, Casa de José de Alencar, 1970.  
*A Academia Francesa do Ceará*. Fortaleza, Casa de José de Alencar, 1971.  
*O Centro Literário*. Fortaleza, Casa de José de Alencar, 1973.  
*Literatura Cearense*. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1976.  
*Apolo versus Dionisos*. Fortaleza, Henriqueta Galeno, 1978.  
*Aspectos da Literatura Cearense*. Fortaleza, UFC/ACL, 1982.  
*A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Fortaleza, Secretaria de  
Cultura e Desporto/IOCE, 1983.  
*Dez Ensaios de Literatura Cearense*. Fortaleza, UFC, 1985.  
*Novos Ensaios de Literatura Cearense*. Fortaleza, UFC, 1992.

#### POESIA

*Cantos da Longa Ausência*. São Paulo, Bentivegna, 1966.  
*Canto Efêmero*. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

#### ORGANIZAÇÃO

*Tentação e No País dos Ianques*, de Adolfo Caminha (Rio de Janeiro, J.  
Olympio/Academia Cearense de Letras, 1979),  
*O Pão*, edição fac-similada (Fortaleza, ACL, UFC e PMF, 1982),  
*Poemas Escolhidos de Cruz Filho* (Fortaleza, UFC, Col. Alagadiço Novo, 1986).  
*Antologia da Academia Cearense de Letras* (a sair).

## PARCERIA

- Ceará. In COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio: FAE, 1990.
- Um poema cearense de Manuel Bandeira. In SILVA, Maximiano de Carvalho e *Homenagem a Manuel Bandeira*. Niterói: Presença, 1989.

\*\*\*

- BARROSO, Antônio Girão. O Último Lançamento de Sânzio de Azevedo. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 3.5.86.
- BENEVIDES, Artur Eduardo. Poesia Além do Efêmero. *Revista de Poesia e Crítica*, Brasília, ano X, nº 12, 1986.
- CARVALHO, Francisco. A Poesia de Sânzio de Azevedo. In: *Exercícios de Literatura*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1990.
- COLARES, Otacílio. Canto Efêmero. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 17.5.86.
- COUTINHO, Afrânio & SOUZA, J. Galante de. da *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio: FAE, 1990.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- NASCIMENTO, F. S. Sânzio de Azevedo Poeta. In: *Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1990.
- PINTO, José Alcides. Canto Efêmero (e Eterno). *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 22.2.86.
- VASQUES FILHO. Canto Efêmero. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 19.6.86.
- VIANA, Dulce Maria. Estética da Dor. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 18.5.86.

**POEMA DO FORASTEIRO**

Desceu a noite. . . O céu escuro, entanto,  
em vez de estrelas  
espalha um vasto e nebuloso manto  
que aqui e ali se aclara, iluminado pelas  
cintilações vivas e intermitentes  
dos anúncios luminosos. . .

Altos, de pé, soberbos e angulosos,  
dormem os edifícios.

Passeia o povo agasalhado, enquanto  
rodas impertinentes  
chiam no chão molhado de garoa. . .

Entre o rumor difuso uma sirena ecoa  
como uma prece.

São Paulo é triste quando a noite desce. . .

Ou serei triste eu mesmo,  
forasteiro que sou? Eu, que vagueio a esmo,  
carregando um sol-pôr nos olhos lacrimosos  
como o estigma de todos os suplícios?

### SONETO

Já que buscas um sonho e não o alcanças,  
pastor de enganos, cala a tua avena!  
Foram-se todas as ovelhas mansas  
que conduzias na manhã serena. . .

Da tua terra fértil mas pequena  
tirou-te um dia a sede das andanças!  
Partiste, então; mas nessa idade amena  
tangias um rebanho de esperanças!

Hoje, nas tardes tristes e vermelhas,  
andas a apascentar outras ovelhas,  
e estás perdido de intranqüilidades. . .

Buscas (não vês?) um bem que não existe;  
e nem percebes que vagueias, triste,  
conduzindo um rebanho de saudades. . .

### POEMA PARA JUNHO

Madrugada em São Paulo.  
Na avenida Rio Branco o vento sopra. . .

Junho sibila, frio, por entre os galhos esguios  
das árvores taciturnas. . .

As folhas arrancadas  
voam,  
giram,  
rodopiam no espaço e vêm pousar  
no asfalto da alameda. . .

E o poeta forasteiro  
sonha poesia na cidade grande. . .

Há carícias de seda muito fina. . .  
Quem ficará na rua?  
O poeta, apenas,  
contemplando a poesia  
das folhas se arrastando na alameda. . .

E para ele a madrugada é um poema  
de Guilherme de Almeida. . .

*(Cantos da Longa Ausência)*

## **GRUPO ANTIGO**

Solenes, empertigados,  
os poetas d'antanho  
(em suas escuras casacas)  
olham-nos com seu olhar amarelecido pelos anos. . .

Um dia fixados  
num segundo,  
de dentro do retrato  
olham para o mundo.

Olhos na posteridade,  
vestiram casacas escuras,  
e da sua atualidade  
tentam ver o futuro.

Colhidos pela chapa  
nada os envelhece  
(apenas o retrato  
aos poucos amarelece).

Triunfadores do tempo  
(qual o desejaram)  
contemplam o presente  
do fundo do passado. . .

## O PALHAÇO

Um riso vermelho  
numa cara branca  
serve de prefácio  
ao palhaço.

Calças grandes, frouxas,  
de xadrez e cores,  
dança no compasso  
o palhaço.

Um barbante branco  
no sapato imenso  
serve de cadarço  
ao palhaço.

Corre numa tábua  
dando cambalhotas;  
lança-se no espaço  
o palhaço.

Picadeiro sujo,  
empanadas pobres,  
o circo é o palácio  
do palhaço.

Sem direito a mágoas,  
sem direito a dores,  
brinca sem cansaço  
o palhaço.

Só depois de morto  
será ele-mesmo:  
limpo, sem disfarço,  
o palhaço.

## MOMENTOS

Há momentos na vida que compensam  
a grande, ímense turba de momentos  
de angústia e de agonia.

São clareiras de luz na selva escura,  
frinchas abertas na aridez dos muros.

Há momentos que valem toda a vida.

### O SUICIDA

Pássaro sem asas,  
desertor da vida,  
arma o vôo e salta  
o suicida.

Vem desengonçado  
na veloz descida  
solto pelo espaço  
o suicida.

Êxito ou fracasso,  
por que despedida?  
Nada diz mais nada  
ao suicida.

De repente, um baque.  
Passos em corrida  
trotam para olhá-lo,  
ao suicida.

Olhos espantados  
enchem a avenida;  
buscam a carcaça  
do suicida.

Uma luz gelada  
paira indefinida. . .  
Cumpre-se a vontade  
do suicida.

### CAMONIANO

Havendo escuros danos por antolhos,  
Devo de não mais ver-vos, por aviso;  
Se só em vos lembrar já perco o siso,  
Que fora, se vos vissem os meus olhos?

Se pudera dizer-vos, de giolhos,  
O que vos nunca hei dito, o vosso riso  
Houvera de trocar-me o Paraíso  
Em duro campo de ásperos abrolhos.

Se vos amava a angélica figura,  
Hoje, de vós assi tão apartado,  
Já me endoudece a vossa fermosura.

Porém, Senhora, hei medo da esquivaça:  
Mais val Amor não ter experimentado  
Que experimentá-lo em troca da Esperança.

### CINE MUDO

Roda o carretel.  
O feixe de luz fina vara o filme  
e joga na tela clara  
(em branco e preto quase sem nuanças)  
todo um mundo pretérito.

Era o tempo em que luziam os primeiros astros  
e as primeiras estrelas  
- astronomia de Hollywood. . .

Junto ao piano antigo  
o astro move-se e ri sua elegância  
de brilhantina e casimira fina.

A estrela pálida se volta  
num desdém de pálpebras escuras  
em rosto pó-de-arroz.

Renascem lances gelados  
nos gestos sem palavras. . .

Um mundo silencioso e doce  
rebrotá na trepidação de outro mundo maior e mais amargo.

Roda o carretel.

E quantas vezes rode  
(o feixe de luz varando o celulóide)  
tantos serão os gestos repetidos  
invariavelmente.

E eles, os astros redivivos,  
que pensarão de nós, que os renascemos  
de um doce remansar de manhãs calmas  
para um poente de espantos e apocalipses?

## **CARPE DIEM**

Daqui a alguns anos,  
todas as novidades serão velhas.

É ainda mais tarde, quando os calendários  
marcarem outro século,  
e quando esse outro século for velho,  
lápides testemunharão nossa passagem,  
efêmera passagem pelo mundo.

É incrível admitir que este momento,  
este instante de agora,  
novo, atual, moderno,  
será passado um dia. . .

Os últimos modelos de automóvel  
(que já hoje raros chamam de automóvel)  
e os mais modernos aviões  
(que um dia se chamaram aeroplanos),  
tudo será futuramente  
atração de museu. . .

Colhamos (doce ou amargo) o momento presente  
antes que ele se torne antigamente. . .

## **LUAR DA MEMÓRIA**

### **1. SONS DE LUAR**

Um alpendre  
vivendo várias vidas entre  
sombras e sombras de árvores frondosas.

Vultos que se refazem,  
flores que revivescem na memória,  
vozes, versos talvez. . .

Mas o que brilha  
entre as sombras espessas das árvores copadas  
é o som quase perdido  
que dedos antigos arrancam de cordas metálicas  
e o canto estridulo e intermitente

de uma ave bizarra.  
Sons que irão ecoar  
cantando pelos ares,  
varando os tempos,  
como sinos num templo  
a badalar. . .  
Sons que são luars  
ou auroras,  
enluarando a vida,  
amanhecendo o mundo. . .  
(Quem sabe era o luar cantando,  
ou a suave poesia das coisas rústicas  
farfalhando asas brancas  
e brilhando brumas de mistério  
na alma da criança. . .)

O certo é que outras vidas palpitavam  
além das vidas  
que se agitavam e freciam  
ou se consumiam. . .

## 2. ASSOMBRAÇÃO

O luar, o luar  
colorindo (ou descolorindo?) de mistério  
os caminhos de areia,  
margeados de arbustos,  
sombreados de frondes,  
povoados de histórias. . .

Naquele beco cheio de matapastos e carrapateiras,  
aparecia assombração:  
a coruja voejava, rasgando mortalha,  
mas ninguém via o pássaro voando, não. . .

Ouviam-se pios de aves sonolentas,  
mas ninguém via as aves também não.

## 3. A VELHA RUA

A Rua Jaime Benévolo  
corria em leito de areia,  
areia frouxa e bem clara,  
mais clara na lua-cheia. . .

Não muito longe, mangueiras  
marcavam o fim da rua;  
para lá tudo eram sombras  
mesmo nas noites de lua.

Vinham cantigas de longe  
chorosas como um lamento:  
eram quermesses distantes  
ou era o choro do vento?

Um pio de ave noturna  
na asa dos ventos tardonhos  
banhava o luar de mistério  
e enchia a infância de sonhos.

## 8. BANDEIRANTES E PIONEIROS

As figuras sanhudas e bizarras  
dos bravos bandeirantes celebrados  
nos compêndios da História  
(Fernão Dias Pais Leme, Borba Gato,  
Bartolomeu Bueno, o Anhangüera,  
e Raposo Tavares e outros mais)  
misturam-se aos "cow-boys" que, no cinema,  
contam a saga agreste  
da conquista do Oeste americano.

E encarnando vultos do passado  
(Custer, Buffalo Bill, Wild Bill Hickok)  
ou de pura invenção,  
na tela do Majestic  
movem-se os grandes astros do momento:  
Gary Cooper, Joel McCrea, Bill Elliot,  
Audie Murphy, Errol Flynn, Randolph Scott,  
James Stewart, Tim Holt, George Montgomery, Rocky Lane,  
e a coragem brutal de John Wayne.

E o menino, feliz, sabe de cor  
a morte de Fernão no Sumidouro  
e a de Custer, em Little Big Horn.

## 9. O SERTÃO

O sertão, o sertão, coisa distante,  
terras longe demais, sem edifícios,  
nem pancada de mar, nem automóveis,  
terras cheias de mato, rios, pedras,  
homens embrutecidos, empedrados,  
caboclos minerais de barba hirsuta,  
lembrando histórias ásperas de crimes  
onde o ferro se tingem em sangue e pranto,  
ou no fogo avermelha e perde a têmpera. . .  
O sertão nunca visto, só sabido  
(ou sonhado) pelas histórias velhas  
ouvidas, revividas. Ou relidas  
nas páginas dos livros. Cada nome  
um poema: Inhamuns, Icó, Mombaça,  
Orós, Saboeiro, Lavras, Quixadá. . .  
(Sertão mais tarde visto e mais amado,  
mais belo que a mais bela narrativa,  
mais poesia que o verso mais louvado. . .)

## 10. O MAR

O mar! Um mundo verde  
de águas enormes, indo e vindo,  
num balanço teimoso de ondas  
e num morrer-se cansado em espumas. . .

Conchas róseas na praia  
com jangadas ao longe,  
e mais longe o farol  
que se esfuma no fim do dia  
de sal e sol.

Imagens que se esmaecem  
em salsugem, amargem e maresia. . .

## SONETOS DE TEMPOS VÁRIOS

I

O papagaio traz no bico a sorte  
do transeunte da cidade grande;  
dragões de ferro andam semeando a morte  
mas o realejo em música se expande.

Fanhoso, ele renasce a velha valsa  
que sobe com o barulho da avenida.  
Juntas as vozes se afigura falsa  
alguma delas na manhã perdida. . .  
Saias-balão, casacas e cartolas  
misturam-se aos "blue-jeans" e minissaias:  
gemem sirenas, rangem grafonolas,  
cresce o edifício em meio às samambaias.  
Rugem motores de hoje antigamente  
ou cantam flautas de ontem no presente?

## II

Eu sou aquele que não forja o barco  
sem de água pressentir o indicio ao menos.  
Longe outros levem de seu reino o marco;  
fico nos meus domínios mui pequenos. . .  
Mostrou-me o tempo os dedos multicores  
e me tomou as mãos. Desde esse dia,  
eu sou aquele que procura as flores  
onde somente as encontrar podia.  
Sem me forçar, eu sou. Daí, meu canto,  
nem tanta vez agreste nem sonoro,  
brilhar espadas fulvas quando canto,  
e arrebanhar penumbras quando choro.  
Eu sou aquele a quem lhe basta o sesmo  
do exíguo território de si mesmo.

## III

Meu canto não é flor: não se revela  
suavemente ao plácido fríume  
das castas madrugadas, nem se estrela  
ao pôr-do-sol, em laivos de perfume.  
Também não se desvenda em violinos,  
alando adágios das mais puras notas,  
nem na quietez de rios cristalinos  
gorgolejando nos desvãos das grotas. . .  
Meu canto quase sempre é só gemido,  
é como um crepitar, que vem de dentro,  
quando me pesa o espírito poluído  
e, condensado em dores, me concentro.  
Meu canto é quase sempre puro pranto;  
por isso, alegre, eu raramente canto.

## TROVAS

Às vezes me desespero  
com uma tristeza tamanha,  
que só me lembro de Antero  
e de Camilo Pessanha.

Quando escuto nas mansardas  
uivar o triste rafeiro,  
lanço em voz alta as bombardas  
do velho Guerra Junqueiro!

Ao ver um cão, um mendigo,  
um bêbado e um operário,  
vou recitando comigo  
um poema de Cesário. . .

Minha alma de dor se cobre  
se sonho o Porto ou Lisboa:  
- lembranças de António Nobre  
e de Fernando Pessoa!

## SONETO CARIOCA

Há um homem só. O vento vai soprando  
a claridade azul deste domingo.  
Cerveja, futebol, mulatas, samba,  
carros no asfalto: roncões e buzinas.

Mas o homem só, vendo a cidade bela,  
aguarda apenas a hora da partida.  
(Doloroso, esperar!) E, enquanto espera,  
vai garranchando uns versos de improviso.

Que importa ao Rio se um poeta obscuro,  
em hora tão prosaica e tão absurda,  
tece poemas de amor ou desamor?

Nada. No entanto, escreve. E, nesta tarde,  
ele quase acredita no milagre  
de transformar em verso as suas dores.

## DÚVIDA

Terá alguém a vida exatamente  
como sempre sonhou?

Ou será que todos,  
por mais felizes que susponham ser,  
não terão algumas vezes experimentado  
o susto de estar de repente acordado  
com toda a consciência do absurdo da vida,  
e a sensação brusca de ter tomado o ônibus errado?

*(Canto Efêmero)*

## A CORUJA

A coruja, avejão da noite morta,  
é mancha clara contra os céus escuros;  
seu canto estranho, que as mortalhas corta,  
só desperta pavores e esconjuros.

Pousada entanto na árvore ou na porta,  
não lembra duendes trágicos e obscuros:  
é uma ave, apenas, a quem não importa  
a predição fatal de maus futuros.

É uma ave, sim, mas ave, todavia,  
de raro sortilégio, que extasia,  
quando voeja pelos céus escamos.

É real, mas densa de mistério, em suma,  
de vôo impresentido, asas de pluma,  
como num conto de Moreira Campos. . .

## ODE (EM FORMA DE SONETO) AO POETA

### ARTUR EDUARDO BENEVIDES

Mesmo nascido para as longas viagens,  
não foste marinheiro. Todavia,  
teu sonho de viajar não foi frustrado:  
não te perdeste em vãs infantarias.

Bem maiores que os périplos sonhados,  
e os que lograste realizar na vida,  
são os caminhos de signos e metáforas  
que percorres nas asas da poesia. . .

Operário do sono, é teu destino  
recriar o mundo e decifrar esfinges,  
cantar a morte, o amor, a terra e o mar.

E é tão sagrado o rito que professas,  
que enquanto houver quem preze a arte do verso,  
o fulgor do teu canto há de ficar.

### 50 ANOS

Foram-se os dias de fruir, sorrindo,  
o que se esvai, perdido na distância:  
o anteontem que hoje nos parece lindo,  
e que se chama simplesmente infância.  
É natural que ao tempo se desmontem  
os castelos azuis da mocidade;  
voaram também os devaneios de ontem,  
transformando lembranças em saudade.  
Chegou o momento da colheita. Agora,  
colhe-se a messe de ouro ou o grão obscuro:  
foram-se os tempos de sonhar. É a hora  
em que pouco nos resta de futuro.

Hora de olhar, alegre ou tristemente,  
para o sol que descamba no poente. . .

*(Inéditos)*

## POESIA ALÉM DO EFÊMERO

**ARTUR EDUARDO BENEVIDES**

Sânzio de Azevedo tornou-se nacionalmente conhecido, sobretudo na área universitária, por suas pesquisas sobre a Literatura Cearense e trabalhos outros, de caráter interpretativo, no campo do ensaio e da História, referentes à evolução do processo literário no País. Não satisfeito, fez-se Mestre e Doutor em Literatura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e publicou sua tese, realmente significativa, sobre o Simbolismo.

Tudo isso, porém, se foi bom para o seu nome, como pesquisador e analista do fenômeno cultural, prejudicou um pouco a divulgação de sua obra poética, mesmo porque ele pertence àquela categoria que Manuel Bandeira chamou de bissexto, com produção pouco numerosa, embora de excelente qualidade.

O poeta, ao longo de vinte anos, publicou dois livros - *Cantos da Longa Ausência* (São Paulo, Bentivegna, 1966, com segunda edição em Fortaleza, pela Secretaria de Cultura, em 1986) e agora *Canto Efêmero*, também editado pela Secretaria em cujo Conselho, como relator de livros de poesia, recomendei a publicação.

Há um detalhe a destacar: o autor republica na parte final de *Canto Efêmero* os poemas e sonetos do primeiro livro, dando-nos, assim, uma visão global de suas criações líricas, em que duas cousas se evidenciam: o seu indiscutível talento ao lado de amplo conhecimento da arte poética.

Empregando a rima, ou usando versos brancos, em metros curtos ou longos, Sânzio de Azevedo domina, de forma vigilante, a construção poemática, exercitando-se em temas que vão do *Carpe Diem* aos encantos telúricos do sertão, preocupado, em todos os momentos, com os problemas de natureza essencial e perene. E por fazer um tipo de poesia sem experiências laboratoriais, mostra-nos sonetos de inspiração camoniana juntamente com poemas em que visualiza as marcas do tempo, o espectro das lembranças mais pungentes e tudo aquilo que procuramos resgatar no verso, no incessante reconstruir das cousas e da vida, que se liga ao próprio destino da poesia.

O livro tem altos momentos, como linguagem e tratamento formal, o que lhe confere aquela desejada legitimidade sem a qual a produção literária, na poesia e na prosa, não permanece. Os "Dez sonetos de tempos vários" e o grupo de poemas com que evoca a cidade de Fortaleza, além de outras peças de grande expressão conteudística, são páginas imperecíveis, na poesia cearense contemporânea.

A voz de um verdadeiro poeta, em qualquer instante em que se manifeste, traz sempre uma mensagem de aliciante beleza, sobretudo no aproveitamento dos chamados temas eternos. E é o que ocorre com o livro de Sânzio de Azevedo, cujas virtudes poéticas já foram postas em relevo por Guilherme de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Antônio Girão Barroso, Francisco Carvalho, Edigar de Alencar e Otacílio Colares, entre tantos que se manifestaram sobre o poeta cearense, agora novamente nas livrarias com o seu **Canto Efêmero**, livro que se recomenda por todos os motivos aqui expostos, numa prova irrecusável do valor intelectual do autor.

## A POESIA DE SÂNZIO DE AZEVEDO

FRANCISCO CARVALHO

Sânzio de Azevedo, professor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, é autor de dez livros de ensaio da maior importância para o estudo e conhecimento dos fatos relacionados com a nossa história literária. Agora ele vem de reunir os seus poemas num

volume, ao qual deu o título de *Canto Efêmero* (Imprensa Oficial do Ceará, 1986) e do qual fazem parte textos poéticos publicados em 1966 - *Cantos da Longa Ausência*, quando o autor residia em São Paulo.

Como salienta o poeta e crítico Otacilio Colares, que fez a apresentação do livro, Sânzio de Azevedo "é considerado um mestre de indiscutível sabedoria no trato do que poderíamos chamar *saber poético*". De fato, esse "saber poético" de Sânzio de Azevedo manifesta-se, de forma bastante evidente, em cada poema de *Canto Efêmero*. Sobretudo isso acontece nos poemas de forma fixa, que indiscutivelmente correspondem às preferências do poeta. Oportuno esclarecer, todavia, que o "saber poético" do autor de *Caminhos da Poesia* não faz dele um artesão de poemas estéreis que se destacassem apenas pelo rigor e exatidão da estrutura. Não é que o rigor e exatidão da estrutura não sejam coisas relevantes a considerar na elaboração de um poema; mas não seria verdadeiro, nem legítimo, reduzir a complexidade da arte poética de Sânzio de Azevedo à simples verificação dos seus aspectos extrínsecos, deixando de lado o que existe de subjacente e de crucial na sua abordagem estética.

O poeta que escreve sonetos formalmente corretos e de acordo com os padrões mais exigentes da versificação tradicional é, antes de mais nada, um homem deste século de acontecimentos velozes e de permanentes transformações - um homem profundamente sintonizado com as realidades do seu tempo e com os problemas e aspirações do seu universo social. Desnecessário acrescentar que a sua cosmovisão é que determina o conteúdo mítico-ideológico dos seus poemas, sejam estes concebidos em formas paradigmáticas ou em versos livres. Há uma diferença crucial entre os sonetos de Sânzio de Azevedo e os sonetos de um parnasiano típico. E esta diferença é basicamente uma questão de visão-de-mundo do poeta cearense, um problema de perspectiva ontológica que se instaura no cerne do impulso criador e o acompanha até a consumação do poema.

Em "Soneto com Epígrafe", é fácil compreender a diferença entre um soneto moderno e um soneto do passado: "Chove, e o chiar monótono da chuva / traz um cheiro de mato muito verde. / O vento frio evoca um cacho de uvas / que, de tão frio, não nos mata a sede. / Uvas. . . São Paulo... Eu, de japonsa e luva / passeando saudades na alameda... / Carros deslizam no ímpeto das curvas". Este soneto é particularmente característico da leveza e flexibilidade com que o poeta Sânzio de Azevedo costuma manipular o chamado poema de forma fixa. E é justamente essa leveza que o leva a triunfar sempre da atmosfera asfíxia do paradigma. Mas não é apenas o fato inusitado de o poeta evocar o "cheiro de mato verde", em pleno centro nervoso de uma metrópole alucinada como São Paulo, que define o caráter de modernidade desse soneto. Essa modernidade é também assinalada pelo desempenho formal de Sânzio de Azevedo e sobretudo pela sensibilidade social do poeta, exilado num mundo adverso e agressivo, longe dos olhos e da solidariedade da tribo. Ele não teve pudor algum em rimar "chuva" com "uvas", ou "luva" com "curvas", coisa que dificilmente poderia ter ocorrido se esse soneto tivesse sido escrito por um parnasiano convicto.

Procedimento semelhante ele adota em "Soneto Carioca", igualmente um poema de inspiração urbana. Na primeira quadra do soneto, o poeta elabora uma síntese substantiva das imagens de que se compõe a paisagem do Rio de Janeiro, num domingo azul e ensolarado. É uma visão instantânea de um conjunto de coisas concretas, que o poeta transforma em signos e metáforas, que afinal se conjugam no corpo do poema. No meio da paisagem, "Há um homem só. O vento vai soprando / a claridade azul deste domingo. / Cerveja, futebol, mulatas, samba, / carros no asfalto: roncões e buzinas". Esse soneto é mais uma prova de que a modernidade das estruturas literárias é muito mais uma questão de conteúdo do que de linguagem. O que se vê aqui é o homem profundamente impregnado do universo social em que vive. O homem atado à sua realidade. Vivendo nela e sofrendo nela. O poeta não é um contemplador passivo da paisagem urbana do Rio de Janeiro. A claridade azul do domingo, a cerveja, o futebol, o samba, as mulatas, os carros no asfalto, o ronco das buzinas - tudo isso lhe interessa como homem e como poeta. Tudo isso o afeta de forma contundente e como que se confunde com a sua própria natureza.

Tenho insistido no fato de que os aspectos estruturais não são a questão de maior relevância do Modernismo. Tanto isso é verdade que alguns parnasianos passaram a adotar o verso livre dos modernistas e, não obstante, continuaram tão parnasianos como nos velhos tempos em que pacientemente metrificavam e esmerilhavam os seus sonetos, usando e abusando de todos os ingredientes da arqueologia poética que fizeram delícia de sua geração. E por que isso acontecia? É que esses parnasianos, embora escrevendo poemas em versos livres, continuavam ideologicamente presos aos fascínios do passado. Quer dizer: só aparentemente escreviam versos livres. As suas almas parnasianas ou simbolistas continuavam a perambular num limbo de formas e de idéias em que nada lembravam os conflitos e tensões do mundo em que viviam. O vinco deixado pelos preceitos estéticos chega a ser tão forte que o grande poeta Manuel Bandeira, bem-sucedido como parnasiano e como modernista, costumava dizer que só depois de longo aprendizado conseguira finalmente libertar-se das cadeias sonoras do verso metrifico e partir para a elaboração do verso verdadeiramente moderno.

Sânzio de Azevedo, que cultiva o verso de feitio clássico por uma questão de índole e de formação, faz também largo uso do verso livre dos modernistas. Em vários poemas de *Canto Efêmero*, ele pratica o versilibrismo com indiscutível habilidade. Vejamos alguns exemplos: "Um mundo silencioso e doce / rebrota da trepidação de outro mundo maior e mais amargo." / "O circo foi-se embora / todo atulhado em dois velhos caminhões / que rangiam ao peso das tábuas e dos sonhos." / "Junho sibila, frio, por entre os galhos esguios / das árvores taciturnas. . . / E o poeta forasteiro / sonha poesia na cidade grande. . . / E para ele a madrugada é um poema / de Guilherme de Almeida". Esses exemplos bastam para concluir que Sânzio de Azevedo não é apenas um profundo conhecedor de todas as modalidades do verso clássico, senão que também o é do verso plástico e flexível dos modernistas.

Nada mais a fazer senão que ressaltar o excelente nível literário do livro de Sânzio de Azevedo. Entre os poemas desse conjunto, existem realizações poéticas da melhor qualidade, como "Luar da Memória", por exemplo. Trata-se de um longo poema constituído de onze segmentos, onde Sânzio de Azevedo usa alternadamente o verso clássico e o verso moderno, com isso obtendo efeitos expressivos de grande beleza, como é o caso, entre outros, do segmento nº 3 - A Velha Rua, onde se lêem versos como estes: "Um pio de ave noturna / na asa dos ventos tardonhos / banhava o luar de mistério / e enchia a infância de sonhos." Este é seguramente um poema de significado plural, onde o poeta como que passa a limpo todas as emoções e alumbramentos de sua infância de menino pobre, nascido e criado na rua Jaime Benévolo, que "corria em leito de areia / areia frouxa e bem clara / mais clara na lua-cheia."

Outra realização a merecer destaque são os "Dez Sonetos de Outros Tempos", calcados no modelo inglês. Também nessa parte do livro o "saber poético" de Sânzio de Azevedo marca a sua presença de forma equilibrada e indiscutível. Esses dez sonetos se impõem pela qualidade do seu artesanato, pela excelência do lirismo e pela atmosfera de modernidade temática em que se desenvolvem. Sem embargo da epígrafe que lhes foi atribuída pelo poeta (sonetos de outros tempos), essas composições não respiram aquele ar de solenidade de certas formas ultrapassadas de expressões poéticas. Vários outros poemas mereciam também uma referência especial, não fossem as limitações de espaço peculiares a um registro desta natureza. Estou certo de que outros leitores, como eu, terão motivos de sobra para louvar este encontro com a poesia madura e o verso apolíneo de Sânzio de Azevedo.

## CANTO EFÊMERO (E ETERNO)

JOSÉ ALCIDES PINTO

Sânzio de Azevedo, professor da Universidade Federal do Ceará, poeta, ensaísta literário e historiador, entrega-nos, agora, seu último livro de poesia, com o singelo título de *Canto Efêmero*, na realidade um canto eterno, porque sua poesia traz a marca de um grande poeta, e um poeta que conhece, como poucos, os mistérios da poesia, sua tessitura, e as mais variadas formas de versejar. Enfim, os aspectos da arte poética ele os domina com visão de Mestre - e ele próprio é um Mestre da literatura.

O livro traz um belo estudo de outro poeta e crítico dos mais importantes de nossas letras - Otacilio Colares, que entre outras verdades acrescenta mais esta: "Mestre da arte sempre difícil do soneto, Sânzio de Azevedo apresenta, ao longo das páginas de seu livro, verdadeiras obras de alto valor significativa, como o soneto de número dez, que assim começa:

*O sol vai pôr-se. A rosa pende a fronte  
num desmaio de pétalas vermelhas;  
zumba, a sonhar, em busca do horizonte,  
o debandar das últimas abelhas. . .*

O livro de Sânzio está dividido em três partes, a primeira que dá nome ao livro, "Canto Efêmero", a segunda, "Livro de Margarida", e a terceira "Cantos da Longa Ausência", que ficaria melhor como título geral da obra, dadas a beleza e a expressividade que encerra. Mas o autor preferiu eternizar-se na aparente imprecisão das coisas simples.

*Canto Efêmero* mostra, logo de início, a solidariedade do autor, na dedicatória de poemas e sonetos aos seus amigos. E não são poucos. Isso bem demonstra a amplidão da humanidade deste poeta, que carrega a cruz e a estrela de ser filho de outro imenso poeta - um homem completo, um homem por inteiro, mergulhado até à alma na arte, também pintor e prosador, o Mestre Otacilio de Azevedo.

Sânzio vem-se dedicando mais ao ensaísmo literário e/ou à historiografia, e nesse terreno já conta com onze obras publicadas, isso sem somar dois livros de poesia, *Cantos da Longa Ausência* e o que ora analisamos, além de estudos e introduções a outras publicações, onde seu talento se mostra, sempre novo, polêmico, descobrindo os inacessíveis e misteriosos mundos da arte.

*Canto Efêmero* é um livro raro. Um livro para o leitor guardar na memória e no afeto mais íntimo de seu ser, porque seus poemas penetram fundo em nossa alma: amorosos, líricos, sensuais, numa cumplicidade que extravasa as emoções deste poeta e deste homem sensível e culto.

## ESTÉTICA DA DOR

DULCE MARIA VIANA

"E no entanto é preciso cantar." A despeito do cotidiano. A despeito da tristeza. A despeito da saudade. A despeito da desesperança. A despeito da amargura. Da angústia. Da agonia. Da efemeridade. É preciso cantar a despeito da dor.

É essa, talvez, uma das razões pelas quais Sânzio de Azevedo lança o seu *Canto Efêmero* (Fortaleza, SCD, 1986), onde reaparecem, aumentados, os *Cantos da Longa Ausência*, originalmente publicados em São Paulo, nos anos sessenta: para imprimir sua marca de poeta não comprometido nem com a cultura hedonista tão em voga atualmente (vejam-se todos os desdobramentos literários da propalada "política do corpo"...) nem com as soluções fáceis do romantismo insosso e piegas não menos freqüentador de nossas plagas ditas intelectuais: cantar a dor no discurso da lamúria é uma das experiências mais corriqueiras da maioria dos "poetas" de hoje e de ontem.

A adequação necessária entre o tema e a linguagem, fundamental a quem se propõe a dispensar essas aspas, é tarefa para poucos. Para escolhidos. Para poetas do porte de Sânzio de Azevedo que, abrindo mão das facilidades do tom ultraromântico, desgastado pelo tempo e pelo abuso, vai investir todo seu potencial criativo numa dicção enxuta e depurada, mas nem por isso menos emotiva, menos capaz de despertar a sensibilidade do leitor. Veja-se, por exemplo, o tema da ausência, talvez um dos mais trabalhados no livro, na medida em que se alia ao da dor: "Havendo escuros danos por antolhos, / Devo de não mais ver-vos, por aviso; / Se só em vos lembrar já perco o siso, / Que fora, se vos vissem os meus olhos?" Ausência da amada, como vemos. Ausência dos familiares queridos: "Morto meu pai, na funda solidão / cada vez mais saudades nascerão"; "Hoje estive lembrando, tio Humberto, / aquele tempo em que, ao sair comigo, / em cada barbearia era bem certo / você me apresentar um velho amigo"; "Quisera, mãe, a inspiração de um verso / para falar do teu amor divino, / onipresente amor que anda disperso / por toda a solidão do meu destino. . ." Ausência da cidade natal, cantada noutras paragens: "pois se não tenho a ti como desejo, / ó Fortaleza amada, eu te revejo / com os olhos da saudade. . ."

É bem provável que a introjeção do caráter quase definitivo dessas ausências tenha gerado uma necessidade compensatória que se vai evidenciar numa verdadeira recuperação de raízes que esta opera. Nesse processo, os estilhaços da vivência do poeta comparecem com toda a contundência de seu próprio fracionamento, fazendo com que, em conjunto, o resgate se dê de fato, nem que seja no nível do discurso, no fato do discurso. Volta, assim, a infância, com seus circos. Volta a adolescência, quando "Aos poucos as melodias / revestem-se de mais

poesia". Voltam as imagens antigas, paisagens de velhas ruas, voltam as torres e os sinos do Coração de Jesus. Voltam as histórias reais, Borba Gato e Anhangüera, "Raposo Tavares e outros mais", volta o sertão e o mar, volta o olhar das garotas, voltam os sons do luar.

E voltam acompanhando referentes culturais, "Pade Ciço" e Lampião, Antônio Nobre e Pessoa, Pessanha e José Albano e Padre Antônio Tomás.

*Canto Efêmero* talvez tenha um único senão: seu próprio título, aliás desdobrado em "Palinódia", o poema de abertura: "já hoje, bacharel em desenganos, / move-me tão-somente a ânsia / de dar um pouco mais de ressonância / a esses textos que, escritos tão a esmo, / dizem tanto de mim, são tão eu-mesmo, / que, apesar do desejo de ficar, / tal como passarei, hão de passar. . ."

Os homens passam, é verdade, mas os textos ficam, quando têm valor, quando são verdadeiros, quando conjugam técnica e sensibilidade, enfim, quando são legítimas obras de arte. Daí a discordância: *Canto Efêmero* é poesia que vai permanecer na literatura brasileira como um de seus momentos mais expressivos, a despeito de uma própria transitividade poética, de sua própria brevidade discursiva, de sua própria efemeridade temática.

## CARTA DE JORGE MEDAUAR A SÂNZIO DE AZEVEDO

É pena a gente não ter por aqui uma janela aberta num jornal para poder proclamar o quanto é bela a sua poesia. Você é um dos poucos poetas que ainda prezam a língua e trabalham o verso, enfeitando-os, quando quer, com a precisão de rimas dignas de um dos seus admiradores, que foi o mestre Guilherme de Almeida, sem dúvida um dos maiores técnicos da forma. Vejo que você dedica poemas a gente da melhor qualidade, como esse profissional do conto, que é Moreira Campos, meu mestre, Artur Eduardo Benevides, Antônio Girão Barroso e tantos outros que também são amigos e que tanto admiro. Quando leio um poeta ou prosador do Ceará, é como se lesse a um irmão, tanto que me sinto ligado a esta Fortaleza de muitos encantos. Mas voltando a seu *Canto Efêmero*, me detenho especialmente nos sonetos, todos eles elaborados da melhor matéria, com essa riqueza de conteúdo que faz do poema um momento de emocionalidade poética que fica a cantar dentro da gente como música que vem não do poeta, mas dos céus. Muitos de seus sonetos poderiam ser assinados até mesmo pelo próprio Guilherme, por Bilac ou Martins Fontes, tal o cuidado com que você monta cada palavra, cada verso, neles engastando (como se dizia) a rima de melhor efeito. Mas o que me prende ainda mais a seu mundo de belezas é esse amor à sua terra e aos valores humanos que você destaca com a eternidade de seu poema. Seus "Dez

sonetos de outros tempos" não são de outros tempos coisa nenhuma: são de todos os tempos, porque trazem a beleza das coisas que não se perpetuam a não ser no passar do tempo. De forma que o título de seu livro me soa assim como uma contradição, desde que nada me pareceu efêmero nessa sua bela obra, que li, reli e de que agradeço a remessa, para ficar sempre a ouvir essas suas "Serenatas de Fortaleza", mais do que musicais, lyricamente poéticas.

Abraços do admirador

JORGE MEDAUAR

São Paulo, 20-2-86.

*Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 15-mar-1986

# REVISTA DE LETRAS

Volume 15 N° 1/8 jan.1990 / dez. 1993

## SUMÁRIO

### NOTA DO ORGANIZADOR 7

Roberto Pontes  
UMA GERAÇÃO ENTRE O SIN E O NÃO 9  
Adriano Espínola

vento  
por vir  
ação forma  
lábio lava  
clamor e clarim

marulho  
CIEL OEIL

HAI-CAIS

cataclismo

Paisagem

A cascata

Narcisismo

Crescente

Vanitas

Réquiem

Imitação

Faceirice

Arrebatamento

Amanhecer

Primavera

Esperança

O Cego

Sol Nascente

Barroso Gomes 19

BARROSO GOMES, POETA DO HAICAI 24

Sânzio de Azevedo

ode ao amor do mar

domingo

balada da rua ausente

santo antônio nome de rua

canto do galo de barro

penélope

stalingrado

verdes cata-ventos das colinas

noite de natal

o galo azul de natal

balada simples da janela de maria

Barros Pinho 29

POESIA ENCANTATÓRIA 39

F.S. Nascimento

BARROS PINHO, POETA 42

Francisco Carvalho

MESOFÁCIO 44

Eusélio Oliveira

as doces meninas de outrora

o banco do jardim

a estrada

sol

a sobremesa

"a lanterna de diógenes" - bar e restaurante

a solução

o anãozinho

felicidade

a asa

a discussão

o sol existe

o passarinho carrancudo

os insetos bibliófagos assimilam a seu modo a cultura humana

o presente desatado na ponta do fio do passado

os gigantes

o afinador de palavras

A COROA DO REI

A SABEDORIA DO REI

A TEIMOSIA DO REI

O DECRETO DO REI

O TESOURO DO REI

OS FANTASMAS DO REI

BIÉLAIÉ PRASTRANSTA (Espaço Branco)

PAÉZIA (Poesia)

GROM (O Trovão)

MIRRAKONTO (Conto de Fadas)

LUDO (BRINCADEIRA)

NOKTO (NOITE)

KORO (CORAÇÃO)

SPEGULO (ESPELHO)

KRISTNASKO (NATAL)

RENOVAÇÃO

REVELAÇÃO

O AMOR

O SOL

Horácio Dídimo 47

"TEMPO DE CHUVA" 61

Luiz Hermógenes

UM POETA É SUA VOZ 64

Francisco Carvalho

A MENSAGEM DE UM POETA MÍSTICO 66

F. Sadoc de Araújo

A NAVE DE PRATA 71

Linhares Filho

certifique-se de que o tempo  
o que lhe permite ser tempo  
é de poesia que  
os configurados do tempo  
a paciência da tribo  
no instante do bote  
como uma falta de ser  
o único tempo é o tempo  
quem rói de ti os fantasmas  
a tinta encarnada do teu  
escrevo palavras que calam  
deixa se possível um oco  
os tempos geraram os tempos  
nos interiores das bibliotecas  
o que eu digo não quero  
neste momento mais  
todo o tempo  
Leão Júnior 74  
LUTANDO CONTRA A ESFINGE 86  
Roberto Pontes  
Quero  
É o meu corpo  
Ele  
O saldo devedor  
No caminho em minha volta  
Ele foi o único  
Acertei contigo  
A inflação  
Plano de seguro  
Austeridade fiscal e monetária  
Política de valorização da moeda  
Descompasso do passo-a-passo  
Lêda Maria 90  
UM BELO TALENTO 94  
Artur Eduardo Benevides  
A POESIA JUBILOSA DE LÊDA MARIA 94  
Juarez Leitão  
RESPIROS PELA VIDA 95  
Joyce Cavalcante  
A MINHA MÃE, HABITANTE DA MORTE  
CANÇÃO EQUÍNA  
ELEGIA PARA MEU PAI  
MOMENTO  
ANTE-SUPREMO CANTO OU PREMATURO  
TESTAMENTO  
DOAÇÃO DOS CORPOS  
O TRAJETO DA CRIAÇÃO  
CANÇÃO DE MAR E TERRA  
ROMANCEIRO DE UM MORTO VIVO  
3. Murmúrio do Coveiro "Mão de Onça"  
MENSAGEM DE PORTUGAL  
FUSO HORÁRIO  
CANÇÃO DA ESCADA  
Linhares Filho 97  
SOBRE VOZ DAS COISAS 112  
Otacilio Colares  
NO MUNDO DA POESIA 116  
Artur Eduardo Benevides  
A POESIA OUTONAL DO JOVEM POETA 116  
Almeida Fischer  
TEMPO DE COLHEITA 117  
Francisco Carvalho

A COLHEITA POÉTICA DE LINHARES  
FILHO 119  
Sânzio de Azevedo  
DIA A DIA  
AS DUAS FACES  
SOBREVIDA  
SONETO DE CONSTATAÇÃO - I  
SONETO DE CONSOLAÇÃO - IX  
LAVRAGEM - XXVII  
LAVRAGEM - XXIX  
SONETO DE AFIRMAÇÃO - XII  
CONTÁGIO  
O MOTIVO  
Pedro Lyra 124  
DECISÃO - POEMAS DIALÉTICOS 137  
Assis Brasil  
A DECISÃO DE P.L. E/OU A POÉTICA DA  
ARMA 141  
José Maria de Souza Dantas  
MUSA LUSA 147  
Vera Lúcia Vouga  
CONTRACANTO  
LAMENTO DO RIO RAIVOSO  
memento a manuel bandeira  
teletipo 1957  
finito/infinito  
ANIMAIS ENTERNECIDOS  
SE A ESMO A APATIA TE ACUDIR  
EPITÁFIO  
OS AUSENTES  
QUANDO O VENENO  
INCITAÇÃO À VERDADE  
TEMPO DO FUI  
TEMPO DO SOU  
TEMPO DO SEREI  
POEMA DE OFERTA  
CANTIGA  
SONETO PARA CRER  
Roberto Pontes 152  
POESIA E LIBERTAÇÃO  
EM ROBERTO PONTES 163  
Pedro Lyra  
O DEPURADO DISCURSO DE MEMÓRIA  
CORPORAL 170  
Luiz F. Papi  
A VERDADE DO CORPO  
Carlos d'Alge 171  
SUTIL TECIDO DE SAL E CONCHA  
Lúcia Helena 173  
QUANDO O VERBO SE ENCARNA  
EM FORTALEZA  
Moacyr Félix 176  
POEMA DOS MEUS SAPATOS MARRONS  
(novamente engraxados)  
SONETO DA AMADA  
ELEGIA DO COENTRO  
POEMA DO BOM PASTOR  
praxis ópio  
no fábriço o fábriço

**BH/UFC**



Impresso na Imprensa Universitária  
da Universidade Federal do Ceará  
Av. da Universidade, 2932, Caixa Postal 2600  
Fortaleza - Ceará - Brasil